PLINIO SALGADO

# RECONSTRUÇÃO DO HOMEM

TRABALHO E PERSEVERANÇA

LIVRARIA CLASSICA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO

# RECONSTRUÇÃO DO HOMEM

*

A LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA S/A prosseguindo nas suas atividades culturais, oferece, com RECONSTRUÇÃO DO HOMEM um dos mais notáveis trabalhos de Plinio Salgado.

É uma obra de pensamento do mais alto valor e oportunidade na hora presente. O autor parte do princípio de que nada valem regimens políticos, programas administrativos, formas de govêrno, a propor á salvação dos povos e á felicidade das pessôas, se antes de tudo o Homem não se construir no sentido das suas finalidades temporais e eternas. Ora, achando-se o Ser Humano nos tempos em que vivemos, em evidente decomposição moral, urge reconstruir o Homem, levando-o a um esfôrço de reforma interior, numa palavra a uma revolução dentro de si mesmo.

O problema fundamental do Brasil, por exemplo, afirma Plinio Salgado que é o da educação. Sem uma obra educativa, não haverá noção dos deveres e sem o cumprimento

PLÍNIO SALGADO

# RECONSTRUÇÃO DO HOMEM

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA S. A.
Rua 1.º de Março 147, 2.º andar
Rio de Janeiro

# CIVILISAÇÃO EM PERIGO

# I

# PANORAMA DO MUNDO OCIDENTAL

OUVIMOS frequentemente repetir, em face do que nos revela todos os dias o noticiário dos jornais, a frase tornada estribilho em tôdas as bôcas: "está em perigo a civilização ocidental".

Dizer "civilização ocidental" é empregar a expressão exata, uma vez que impróprio seria usarmos a formula, por tantos ainda preferida, mas já de todo inadequada, que nos fala de uma "civilização cristã".

É verdade que perduram, mais por hábito do que por convicção, no conjunto da vida social do ocidente, certos princípios morais cujas raízes se embebem no sólo fértil do Cristianismo; mas êsses princípios, não raro sujeitos ás mais variadas interpretações quando se trata de os traduzir em normas práticas de costumes ou nos lineamentos do direito positivo, não passam daquilo que em arquitetura se convencionou chamar os "simples", ou seja a armação de madeira a sustentar abobadas em construção. Essa louvada e cantada "civilização ocidental", nem se acha ainda construida ao gosto dos seus arquitetos e já oferece mostras de insubsistência, prenunciando fatal desabamento.

*

* *

Recorrem os construtores a tôda a sorte de expedientes, contrapondo ao arcabouço do edifício os arcobotantes que o flanqueiam no esforço de o sustentar de pé; mas tais anteparos, que firmam seus alicerces na Economia, ou na Diplomacia, ou

no Armamentismo, êsses mesmos não encontram terreno consolidado e capaz de os manter.

São planos economico-financeiros de restauração da vitalidade, de estímulo á produtividade, de reerguimento do padrão de existência nos paízes em crise, onde o desespero das turbas serve de instrumento aos agentes corrosivos das estruturas sociais; e são, também, medidas preventivas, de ordem política, tentando opôr, na ordem interna das nacionalidades, um dique á preamar das agitações extremistas; e são, ainda, no convívio internacional, os pactos, ou convenios, as alianças, todo o angustioso esfôrço dos govêrnos e dos seus porta-vozes, no afan de conjurar iminentes conflitos, na tristíssima esperança de, pelo menos, adiar enquanto for possível, a derrocada de um sistema constantemente ameaçado.

*

* *

Periclita a civilização ocidental. E periclita justamente porque sôbre areia tem sido edificada. É uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que exclui tôda a consideração do homem integral, ou simplesmente do Homem (pois esta palavra tem perdido de tal forma o seu sentido que necessita ser adjetivada...)

Sendo uma civilização essencialmente técnica, adstringe-se, no que tóca, ao Homem, ao critério das especializações profissionais, que consulta apenas uma das faces da personalidade, excluindo todos os elementos culturais não concernentes ao objeto da preparação especialisada; dessa forma, fabrica, em série, médicos, engenheiros, advogados, farmaceuticos, agronomos, mecânicos e eletro-técnicos, economistas, arquitetos, músicos, pintores e escultores, mas não constrói homens.

A sociedade está enferma, desorganisa-se e agonisa, porque os homens, que são os seus elementos constitutivos básicos, desaparecem da superficie da terra... No lugar dos homens, aparecem os profissionais. E o profissional desconhece tudo o que diz respeito ao Homem. Nada sabe do Homem, da sua origem, da sua natureza, do seu destino, das suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais, dos seus deveres e dos seus direitos.

Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, isto é, para a anulação total da personalidade humana. O coletivismo só é possível quando tem, para utilizar, a sua matéria prima. E a matéria prima do coletivismo é a massa, e não o povo. Pois a massa é um conjunto informe de indivíduos, enquanto o povo é um conjunto de pessoas, independentes e harmoniosamente dispostas, executando suas atividades próprias, tôdas tendentes áquele objetivo do Bem Comum que a cada componente da associação humana particularmente favorece, no sentido de alcançar o seu próprio objetivo.

*
* *

Já comparei (e não encontro outra imagem mais expressiva) a sociedade humana ás espigas de um trigal. Cada grão se integra na espiga a que pertence, como cada homem nos seus grupos naturais. O conjunto das espigas forma a touceira, como o conjunto dos grupos naturais forma a sociedade local. Multiplicam-se as touceiras e formam o trigal, do mesmo modo como a multiplicidade dos grupos naturais forma a Nação, ou a comunidade humana diferenciada de outras comunidades humanas. E o conjunto de tôdas essas comunidades

humanas nacionais constitui a sociedade internacional, ou a Humanidade. Cada grão de trigo traz consigo a fonte vital de um outro pé de trigo; germinando produzirá uma touceira, que poderá ser origem indefinida de imensos trigais; assim, cada homem, conquanto unido a outros, se conserva a sua personalidade, a sua integralidade, é maravilhoso instrumento de criação divina e, êle próprio, nos limites que lhe são assinalados, é sujeito do verbo criar, êsse verbo que êle conjuga segundo os tempos e modos que podemos denominar: inteligencia, sensibilidade, temperamento, vocação.

Integro, isto é, "pessoa" e não "indivíduo", Homem (e não parte de Homem) ao mesmo tempo que continúa autonomo, independente, capaz de viver por si mesmo, e, como o grão de trigo, capaz de germinar e renascer, também percebe, de modo claro, o sentido de vida social, baseado no conhecimento dos outros homens, em cada qual êle vê aquilo mesmo que sente em si próprio. "O homem se sente pessôa" — escreve Gonella — "quando, transcendendo o eu empirico, isto é, a individualidade, tem consciência do seu sêr substancial e sente em si o outro. A vida dos outros é vida sua, porque é vida do Homem. As coisas, ao contrário, têm uma vida petrificada: vivem na solitude".

O individualismo, portanto, da chamada "civilização ocidental", deixando de tomar o Homem na sua integridade, prepara a matéria prima com que o coletivismo constrói o seu ídolo: a massa. Pois do mesmo modo como não se póde fabricar bolo sem a massa do cereal, nem se póde produzir a massa sem a destruição dos grãos que, pulverizados, já não podem germinar, nem compôr a espiga que forma a touceira, a qual, por sua vez, junto a outras, constitui o trigal, também o coletivismo não conse-

gue erigir o seu Estado despotico, sem substituir o povo pela massa-popular, pulverizando as personalidades humanas na mó do individualismo.

*
* *

Ora, tôda a obra de formação cultural da juventude, desde as reformas universitárias do século XVIII, das quais sentimos os efeitos na História Brasileira após a transformação da Universidade de Coimbra pela ditadura de Pombal, vem gradativamente cingindo-se ao critério unilateral do preparo de homens incompletos, talvez profissionalmente capazes, mas humanamente atrofiados.

Se, sob o aspecto particular, o ensino tem sido puramente técnico e no sentido da especialisação profissional, sob o aspecto geral vem sendo essencialmente individualista e escandalosamente utilitário, tomando-se esta palavra na acepção dos interêsses materiais e egoísticos mais grosseiros. O homem que conquista um título de habilitação chamado superior, fá-lo como quem compra um instrumento de ganhar dinheiro, sem pretender nem julgar preciso dar ás suas atividades profissionais um caráter social. A compreensão da necessidade da troca de benefícios entre o Homem e os seus semelhantes, entre o Homem e a Comunidade de que faz parte, entre o Homem e a Nação a que pertence, não é absolutamente possível nas mentalidades individualistas, que não sabem conceber o que seja "pessôa", sujeito de direitos e deveres, cujo conceito transcende da concepção meramente profissional da existência.

O utilitarismo, que constituiu a nota predominante da vida economica, política e social do século

XIX e que continúa a inspirar o mundo em nosso século, tendo inicialmente uma base empirica e, posteriormente uma base dita cientifica mas profundamente materialista, degenerou, afinal, em egoismo feroz de caráter anti-social, que destrói tôdas as resistencias de uma civilização edificada sôbre a areia.

Assistimos ao espetáculo doloroso de uma multidão de personagens delirantes: advogados trapaceiros, médicos infanticidas, químicos falsificadores, funcionários desonestos, políticos sem escrupulos, tôda a casta de profissionais visando lucros imediatos, e todos alheios aos supremos interêsses do Bem Comum, da Pátria e da Humanidade.

A preocupação pelo dinheiro que deve ser ganho o mais depressa possível, a ansia pelas posições financeiras ou governamentais, o êxito rápido na carreira abraçada, correndo paralelamente á sofreguidão pelos prazeres, pelos confortos, pelo luxo ostentoso, pela sensualidade carnal, pelas sensações do jôgo, e tudo com o mais desdenhoso desprezo ás normas éticas ou aos mínimos escrupulos de consciência — êsse é o panorama da vida moderna, dessa civilização que, tendo perdido a fôrça moral para enfrentar os novos Hunos, que apontam no oriente da Europa (dispostos a substituir, por outra mentira, a impudente falsidade de uma estrutura social iniqua) apela hoje para o pretexto, com que se apresenta, dizendo defender a civilização cristã.

*

* *

O comunismo totalitário, esmagador da liberdade, avança dominadoramente trazendo já atrelados ao seu carro paízes outrora independentes e

ciosos da sua dignidade, como a Polônia, a Alemanha Oriental, a Boemia, a Slováquia, a Letonia, a Estonia, a Lituania, a Bulgária, a Rumânia, a Hungria, a Iugoslávia, o norte da Coréia e a China. Em igual perigo se encontram os pedaços do que resta da Alemanha, a França desorientada pelos excessos de intelectualismo, a Itália confusa e o Japão ocidentalisado pelo agnosticismo científico do século XIX e agora pelo agnosticismo político superveniente da catástrofe. As Américas, sentindo já na sua carne viva arder o virus da desordem, pretendem erguer-se para se salvarem, salvando, se possível, as demais Nações. Mas verificamos que os remédios prescritos pelo Novo Mundo não são, nem podem ser eficazes, uma vez que não passam de medicação meramente sintomática.

Como combater o comunismo, ou outros êrros do nosso tempo, se não lhes vamos ás causas? De que valem planos econômicos, ou pactos internacionais, medidas legais internas ou vigilância contra a ação imediata da desordem, se o mal do mundo não está no comunismo, nem na anarquia social, mas na mais terrível das ausências, que é a ausência do Homem sôbre a terra?

*
* *

O Homem desapareceu. As multidões que vemos são de indivíduos, ou apenas partes do Homem, sombras, espectros do Homem. Acima dêsses fantasmas delirantes, domina a Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem.

O rei da Criação foi destronado, perdeu cetro e corôa jogados na aventura materialista pelo seu

próprio orgulho. E a solução única para o problema humano, que se apresenta hoje com uma gravidade sem precedentes na História, cifra-se nesta operação da qual depende a sorte das Nações: reconstruir o Homem.

*
* *

Reconstruir o Homem é levar o próprio Homem a reconquistar-se. É instruí-lo afim de que se restaure, se refaça, e venha a ocupar o seu trono perdido. Essa é a grande Cruzada dos tempos modernos. O grande movimento que terá de partir da verdadeira Universidade. E quando digo verdadeira quero dizer a Universidade que veja no Homem aquela unidade substancial de uma dualidade consubstancial, aquela síntese de necessidades e aspirações consoantes á natureza física, á sensibilidade estética, ao poder da razão, á fôrça imaginativa, á capacidade volitiva, á indole social, á vocação divina.

O ensino, então, objetivará produzir, não apenas profissionais, mas Homens. Será instrução e educação. Da sua forja não sairão os bonecos de carne dos períodos históricos do desespero, a edificar automáticamente uma civilização a-finalista, uma civilização que, fazendo de si mesma o seu fim, não passa, bem considerada de um totalitarismo mais feroz do que o próprio totalitarismo político que se exprime no Estado absorvente. Pois tudo aquilo que se ergue na terra sem que tenha por fim servir ao Homem e ao seu destino último que é Deus, será violência contra o Homem, opressão e degradação do Homem.

A civilização dos nossos dias, agnóstica, utilitária e técnicista; essa civilização idolatra, cada dia mais embevecida na adoração dos seus deuses de

aço e das potências despertadas nos meandros da matéria; essa civilização, que transforma a "pessôa" em "indivíduo", tomando do Homem apenas os seus fragmentos; essa civilização guarda, inconfessado e tenebroso, o princípio catastrofico de um totalitarismo, o qual, á maneira dos **icebergs**, emerge, aquí ou alí, as suas pontas reveladoras, sob as formas do nazismo, ou do comunismo, do capitalismo ou do liberalismo.

E será inútil todo o esfôrço humano tendente a conjurar tais perigos, se não formos ao amago da questão, dando um sentido espiritual, uma direção para Deus, a todo o trabalho dos cientistas, dos técnicos, dos artistas, dos estadistas, nas suas atividades criadoras.

Lançar no mundo o Homem Novo dos Tempos Novos. Retornar ao equilíbrio, depois da fantasia delirante do Super-Homem niestzcheano e das visões degradantes dos Sub-Homens marxistas; depois do sêr amorfo, de alma congelada, do agnosticismo liberal, e do monstruoso Frankstein centaurizado á justaposição das máquinas a que adere como peça adequada ao rítmo das propulsões elétricas ou mecânicas.

Reconduzir o Homem áquêle esplendor das Harmonias Divinas, em que êle exerce a sua integral soberania, impondo a fôrça dos valores morais onde pretendam imperar as fôrças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflituosa desordem.

Ou fazemos isso, ou o mundo não terá salvação. Porque isso fazer é traduzir em normas sociais, nacionais, familiares e pessoais, tudo quanto nos ensinou Aquêle por cuja Graça logramos alcançar os verdadeiros padrões de vida digna, de paz fecunda entre os povos, de verdade, de justiça e de beleza.

# II

# A DESTRUIÇÃO DO HOMEM

AS intrincadas questões políticas, de ordem internacional que avassalam os povos e lançam as nações em perplexidade diante do dilema da paz e da guerra, originam-se de angustias sociais que parecem assinalar o período de transição em que a humanidade se esforça por adaptar-se a novas condições de vida consequentes do desenvolvimento da técnica moderna.

No fundo, o tema que serve de objeto ás controvérsias dos dois mundos — o mundo ocidental e o mundo oriental — , êsse tema que se interpreta segundo dois critérios opostos (o do capitalismo burguês e liberal em contrapartida ao socialismo evolucionista ou revolucionário) é um tema cujas raízes se embebem num conceito de moralidade.

A luta que se desenha nas assembléias das Nações é uma luta entre duas concepções de Estado, ambas derivantes de uma única concepção de vida. Enquanto o capitalismo industrialista e comercialista pretende sobreviver à inexorável revolução social mediante a imposição de um critério liberal aos govêrnos e a aplicação de processos que constituem uma espécie de técnicocracia, tudo baseado num conceito materialista do homem e da sociedade, o socialismo por outro lado sacode as estruturas da chamada civilização ocidental, servindo-se do espírito de revolta que leva ao desespero as multidões menos favorecidas no que concerne à distribuição dos bens terrenos.

*

* *

Ambos — o capitalismo e o socialismo — são intrinsecamente materialistas. A diferença entre um e outro está em que o primeiro não toma conhecimento de outros fins do homem e da sociedade, além dos meramente temporais, ao passo que o socialismo nega terminantemente quaisquer outros fins sociais ou humanos que não sejam aquêles mesmos fins temporais de que o capitalismo cogita. Além dessa diversidade, cumpre notar que o materialismo capitalista não objetiva nenhuma finalidade moral, ao passo que o materialismo socialista preocupa-se com o ideal da justiça, trazendo, pois, um conteúdo moral, ainda que essa moral tenha caráter exclusivamente utilitário.

Difícil, portanto, será às democracias capitalistas sustentarem-se no curso da atual transformação do mundo. O materialismo será destruido pelo próprio materialismo e essa civilização de que tanto nos orgulhamos — se não se embasar em alicerces espiritualistas e cristãos — não encontrará nenhum meio de manter-se.

Analisando, a fundo, as estruturas da civilização ocidental, verificamos que elas se deterioram por motivos incontestàvelmente morais. E a causa mais diréta dêsse esboroamento reside na incapacidade do homem do nosso tempo em se afirmar na plenitude da sua virilidade.

Se os Estados não sabem ou não podem governar-se e se entregam ao fatalismo dos acontecimentos históricos internacionais, que diretamente influem no próprio teor de sua vida interna, êsse fato não deve causar admiração, numa época em que o mesmo homem também não sabe mais governar-se.

A incapacidade de govêrno próprio em cada pessôa que constitue a coletividade nacional é uma consequência da inversão dos valores, com predo-

minancia de uma sensualidade grosseira, que leva o homem do nosso tempo à mais degradante situação de um comodismo fatalista, o qual o impede de rebelar-se contra as imposições crescentes de um industrialismo ganancioso.

*

* *

Mil instrumentos de dominação técnica amarram o homem dos nossos dias ao carro vitorioso da produção em massa. Falta a êsse misero sêr do século XX a capacidade viril para quebrar as próprias algemas. Na classe media — onde se encontram aquêles que conduzem as massas proletárias pelos caminhos da revolução — agitam-se, bracejam, desesperam-se indivíduos cujos orçamentos domésticos são permanentemente deficitários. O aumento dos salários, a principiar pelos que vivem do erario público (senadores, deputados, ministros, secretários de Estado, diretores de repartição, chefes de secção, oficiais do Exército e da Marinha, magistrados, professores, até aos continuos de repartição e praças de pret) determina inapelávelmente o recurso da inflação, de que decorre o encarecimento das utilidades. Empobrecido o Estado, a sua miséria refletese na exiguidade dos transportes, na deficiência das vias férreas, das estradas de rodagem, dos navios mercantes, o que por sua vez determina a decadencia das zonas rurais pela falta de estimulo e de assistência à agricultura. Como consequência, temos os espaços vasios, a evasão dos campos, a superpopulação dos centros urbanos, o que vem agravar o custo de vida.

Nessa situação de angustia, o homem da cidade é um desesperado; mas êsse desespero eleva-se ao

mais alto gráu se considerarmos a tirania dos costumes burguêses, que forçam o chefe de família a curvar a cabeça diante das exigências da espôsa, das filhas, as quais perderam completamente o bom senso cristão da vida, porfiando com a família do visinho — que é outro desgraçado — na exibição de um padrão de vida em desconformidade com a renda do casal. As crescentes despesas levam o homem desvirilizado do nosso tempo a concordar com a mulher ou as filhas em que estas trabalhem fora do lar para que se aumente, dessa forma, a arrecadação da república doméstica. Mas ai começa o homem efeminado do nosso tempo a perder a sua autoridade. Nada pode objetar a novos gastos, porque afinal de contas o dinheiro não vem apenas por seu intermédio. Então, os vencimentos femininos vão se aplicando em novas superfluidades, que muitas vezes transcendem às possibilidades de tôda a arrecadação da casa, avultando os deficits da família. E mesmo quando as mulheres da casa não trabalhem há sempre o exemplo a citar das que trabalham, de sorte que, para evitar os queixumes, o homem moderno prefere não dar mais a sua opinião, sacrificando-se além de suas fôrças. Ahi começa o demonio do desespero, com seus olhos vitreos e sua voz ciciante, a segredar ao titere os meios com que prover as cada vez maiores necessidades. Surgem os planos das negociatas em detrimento do tesouro público; arquitetam-se os meios de obter dinheiro através de subornos; engendram-se hábeis malversações e — o que é mais comum — as transações políticas pelas quais o homem do nosso tempo vende a sua consciência em troca de emprêgos e sinecuras rendosas.

O homem moderno sujeita-se aos papeis mais ridículos; vende os seus pareceres; mercadeja o seu

voto; comercialisa as suas decisões; trafica a própria alma com os banqueiros, com os políticos, com os poderosos das finanças ou do Estado; e, de tal forma anestesia a sua sensibilidade, que já não encontra motivos de vergonha nos atos mais indecorosos que pratica.

Êsse é o aspécto geral da sociedade burgueza, da civilização capitalista, onde o dinheiro vale tudo, a virtude vale nada e o homem ainda menos vale. Processa-se a destruição das personalidades de maneira tão veloz que dentro em breve não haverá mais resistências possíveis a contrapôr-se à catastrofe socialista em que sucumbe, definitivamente, o orgulhoso "homo sapiens".

*

* *

Urge, por isso, uma revolução espiritualista profunda. Impõe-se a reconstrução do homem. Essa reconstrução deverá começar pela restauração da autoridade familiar, baseada num conceito de vida cristã. Porque — e assim resa o Evangêlho — não é possível servir a dois senhores. Ou se serve a Cristo ou a Mamon. E Mamon é o terrível e trágico sentido do materialismo burguês capitalista, que nos conduz aos horrores do materialismo socialista de um Estado que assume as redeas do govêrno de cada um, quando em cada um desapareceu a capacidade de governar-se.

# PROBLEMAS DA PERSONALIDADE

# I

# PALAVRAS HERMÉTICAS A INICIADOS

O problema é êste: descobrir o Homem no homem.

Quando fazemos tal descoberta no íntimo de nós mesmos, cumpre-nos dar expansão e plenitude ao Homem (com "H" maiúsculo) de sorte que êste domine o homem (com "h" minúsculo).

O nosso pessimismo não deve ir ao ponto de não acreditarmos na existência do Homem Superior dentro de cada homem comum. O Sêr Humano comporta reservas de grandeza moral, muitas vêzes soterradas pelas paixões ou pelas sedimentações prolongadas dos hábitos ou dos costumes sociais ambientes.

As paixões, que procedem dos fundos impuros da ambição, da vaidade, da inveja, do ressentimento, da sensualidade e do ódio, são como o eruptir das lavas nas explosões geológicas: sufocam as terras férteis e tranquilas por sôbre cuja crosta se petrificam.

E os costumes, os hábitos de uma sociedade mediocre constituem, na sua ação constante, algo como os contínuos depósitos de areias e detritos trazidos pelos ventos, formando as dunas estereis sôbre o solo fecundo.

E do mesmo modo como se esterilisa a terra sob a ação dêsses agentes internos e externos, também a personalidade humana, recobrindo-se de tudo o que é inferior, sufoca as virtudes lidimas que a vivificam e apresenta-se mesquinha e degradada.

Nêsse caso, o homem (com "h" minúsculo) dominou o Homem (com "H" maiúsculo). O inferior subjugou o superior.

Para usarmos de outra imágem: do mesmo modo como a árvore sadia sucumbe enrodilhada pelo "mata-páu" parasitário (o trágico urupê de que nos fala Monteiro Lobato), também a personalidade essencial do Sêr Humano definha e morre sob as garras do intruso que, sendo a princípio superficial, tornou-se o usurpador profundo das seivas generosas.

Então, assistimos ao drama doloroso da transmutação do Herói em vilão, do Santo em pecador vulgar e rebaixado, do Idealismo em imediatista, do Magnanimo em competidor nas concurrências de baixo nível.

Aquela tranquila serenidade dos que de tudo abrem mão para só objetivar o Sonho Maravilhoso — alimento da alma na transitoriedade despresível dos caminhos da vida — desaparecem no íntimo do Sêr, que se apresenta agora conturbado e arritmico nas suas atitudes e no seu comportamento.

O domínio do Homem sôbre o homem só se efetiva pela utilização das fôrças do Espírito. Viver pelo Espírito é viver a vida harmoniosa pela qual o Homem supera as pequenesas da terra e se integra na harmonia de Deus.

Essa vida espiritual não se alimenta da seiva nem da ciência, nem da arte, nem do que costumamos chamar ilustração, erudição ou cultura. Pois muitos são os cientistas, e os artistas, e os indivíduos ilustres pelo saber e que entretanto, no meio em que vivem, não passam de atormentados e desesperados. Essa vida espiritual extrai os elementos de que necessita das misteriosas potências interiores que todo Sêr Humano possui e que deve aproveitar.

*

* *

A luz do Espírito não provem dos atritos violentos; não é a centelha arrancada das pedras, não é o relampago oriundo da explosão das nuvens carregadas de eletricidade contrária, não é o resultado do furor das fôrças desencadeiadas do recesso das moléculas e dos átomos. A sua claridade é branda e suáve como a das lampadas dos Tabernaculos, que se sustentam mansamente do azeite da árvore predestinada cujos ramos simbolisam a Paz.

O óleo da Sabedoria existe no fundo de tôdas as Lampadas Humanas; o que nos cumpre é imergir nêle o pavío do nosso coração, isto é, do nosso sentimento de bondade, mantendo acesa a chama da compreensão.

Quem assim procedeu adquiriu a mais feliz das possibilidades humanas: a possibilidade da convivência com os seus semelhantes. E nisso está o segredo da Paz interior, que nos eleva acima das vulgaridades e nos conduz às grandes construções.

*

* *

Quando Deus quiz impedir que os homens continuassem a construir a torre de Babel, que fez Êle? Dividiu os construtores em idiomas os mais diversos. De sorte que quando um pedia tijolos, o outro lhe trazia água; e se algum precisava de pedras, o outro lhe fornecia madeira; e se um dirigente necessitava de qualquer material que sabia existir do lado norte, os seus dirigidos o iam buscar do lado sul, onde nada havia.

A torre de Babel é um símbolo a ensinar-nos a total impossibilidade de se unirem os homens para um fim comum, se êles não se entendem.

Entenderem-se primeiro, depois construir; por-

que póde dar-se o caso de dois ou mais homens quererem a mesma coisa e brigarem convencidos de que o outro, ou os outros, desejam coisa diferente.

*

* *

Onde houver incompreensão não haverá construção. Mas, tendo-se em vista que entender linguas é mais fácil do que entender homens, verificamos quão difícil é o problema da convivência e da unidade dos pensamentos e do comportamento nas reciprocidades do trato e no esclarecimento das intenções.

No entanto, é preciso que haja compreensão. E o mais singular, nêsse esfôrço a que nos devemos entregar no intuito de consolidar a harmonia entre os que, no fundo, querem a mesma coisa, encontra-se nesta grande verdade: não será pesquizando "o outro" que logramos entendê-lo, mas pesquizando as profundezas da nossa própria personalidade. Porque sendo a essência humana uma só, ainda que se apresente na diversidade dos tipos pessoais, existe em nosso mundo interior um espelho onde sempre encontramos a imagem daquêle a quem desejamos compreender.

Se soubermos olhar para êsse espelho, uma grande surpresa nos aguarda, porque na fisionomia do outro veremos a nossa. Então, sentimo-nos movidos por um sentimento de fraternidade tão grande que os nossos olhos se humedecerão e invencíveis impulsos generosos nos elevarão à plana mais alta a que pode atingir o ente humano.

E está nêsse fato uma das provas da existência de Deus. Se os homens se compreendessem por si mesmos e a compreensão resultasse de um processo

objetivo de observação, de análise, de verificação, êles poderiam viver felizes sem precisar do seu Criador, que acabariam esquecendo. Mas o recurso ao nosso mundo interior, o processo introspectivo da nossa análise, a procura do espelho subjetivo, representam uma busca de Deus, Senhor de todos os Idiomas, Dicionário de tôdas as línguas e dialetos, revelador de tôdas as expressões do Universo material e imaterial. É em Deus que os homens se encontram.

*
* *

E quando os homens (com "h" minúsculo) se encontram uns aos outros, também encontram em si mesmos o Homem com "H" maiúsculo, isto é, o dominador de tôdas as mesquinhesas oriundas das fraquesas da carne.

Mas se os homens não se encontram uns aos outros, não se iluminam com a luz do Espírito e tudo querem interpretar pelas aparências materiais das expressões recíprocas às quais emprestam arbitràriamente as intenções que o seu próprio egoismo sugere, nêsse caso os homens — mesmos se dizendo unidos por pensamentos e objetivos formais — estarão desunidos, enfraquecidos, destruidos de tôdas as possibilidades de um êxito comum, ainda que êsse êxito diga respeito aos mais nobres ideais.

Assim desagregados, cada qual se governará pela sua presunção e esta será a tenebrosa conselheira que deflagrará a luta entre os que, por dever decorrente de um alto fim pre-estabelecido, deveriam tudo sacrificar para manter a unidade de quantos se aliciaram e se congregaram visando um nobre objetivo.

Êsse estado de espírito vai às últimas consequências. A presunção gera a desconfiança; a des-

confiança gera as interpretações injustas; as interpretações injustas geram as ações inconsequentes; as ações inconsequentes geram, na parte adversa, atitudes de reação, quasi sempre também inconsequentes; as atitudes de reação provocam novas dissenções; as dissenções degeneram em palavras levianas e insinuações malévolas; e, ao cabo de algum tempo, uma comunidade de homens que se uniram com as melhores intenções, torna-se uma matilha de lobos a se entredevorarem.

*

* *

Os ideais mais puros estão sujeitos às contingências mesquinhas do homem com "h" minúsculo. Até o Evangelho — o Ideal dos ideais, a Lei das leis, a Salvação Definitiva — não escapou das insuficiências humanas dos seus próprios seguidores. E nem outra coisa poderemos inferir das palavras de Cristo, registradas por São Lucas (Capítulo IX, versículo 41): "Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei?"

Aquêles homens não haviam encontrado o Homem dentro de si mesmos. E só o encontraram quando se iluminaram pela lei do amôr, lei subjetiva que veio dar vida à lei objetiva dos Patriarcas e dos Profetas. Pois então conheceram a Paz — não a paz de Breno e de Cezar, mas a Paz da consciência, que se funda na capacidade de ceder e transigir no que concerne às glórias e bens da superficialidade terrena, para não abdicar, conceder, alienar ou rejeitar a glória e os bens predestinados à essencialidade do Homem.

Os ideais humanos, por mais belos que sejam, nada valem, se nós os interpretamos ao clarão colo-

rido dos nossos caprichos, das nossas animosidades, das nossas antipatias, dos nossos ressentimentos, dos nossos interêsses que se dissimulam em puritanismos farisaicos; êles valem, à luz branca e pura do nosso Espírito. Pois se os objetivos materiais imediatos tudo desunem, o Espírito tudo une, tudo harmonisa, tudo coordena em rítmos perfeitos de ação e de marcha.

# II

# O PECADO DA INTELIGÊNCIA

ESTAMOS habituados, cada vez que pretendemos verberar os costumes sensuais do nosso tempo, a dizer que tudo que por aí anda desfibrando os caractéres, corroendo a sociedade e destruindo os fundamentos cristãos das famílias e da Pátria, decorre do predomínio despotico dos instintos.

É erguer-se uma vóz com intuitos moralizadores. e lá vem a frase infalível: precisamos fazer predominar a Inteligência sôbre os instintos. Em suma: sôbre êstes se descarregam tôdas as culpas. A nobre e bela Inteligência merece invariavelmente o respeito dos moralistas, que já se habituaram a considerá-la como verdadeira martir de tôdas as inquietações, de tôdas as melancolias, de tôdas as revoltas, de todos os desesperos, no seu esfôrço por atingir os mistérios do mundo e da vida.

Nós estamos sempre inclinados a perdoar as atitudes da Inteligência, nunca porém aos impulsos desarrazoados dos instintos. De um homem ruim dizemos que é escravo dos instintos. De um homem bom afirmamos que vive segundo os ditames da Inteligência.

*

* *

Êste jugamento é bastante cômodo, mas não corresponde à verdade. Por êle, nós tiramos do Sêr Humano as suas culpas e, de certa forma, acusamos a Deus, que foi quem dotou tanto os animais como os homens de instintos íntimamente ligados à economia vital.

Se culpa existe a ser atribuida a alguma fôrça, a algum poder, pela degradação do Homem, essa culpa deve caber exclusivamente ao exercício das faculdades de imaginação, de raciocínio e de volição inerentes à Inteligência. O que se faz instintivamente, sem participação da Inteligência, isto é, sem adesão plena das faculdades intelectivas, não constitue nenhum crime ou pecado. A grande responsável, por conseguinte, pelas desgraças contemporâneas, como pelas de todos os tempos, é a própria Inteligência Humana, desviada, com plenitude de conhecimento, do Bem e da Beleza, que constituem as duas expressões da Verdade.

*

* *

Os instintos são fôrças permanentes a sustentar e a defender a integridade do sêr vivo e a continuidade da especie. Os animais irracionais regem-se por êles, exclusivamente, e do equilíbrio das ações e reações instintivas resulta-lhes o próprio equilíbrio vital. Exceptuando o instinto fundamental, que marca o próprio caráter de cada uma dessas especies, nenhum outro exorbita sôbre os demais; cada um vai até certo ponto e nunca excede os limites que lhe são próprios, uma vez que todo excesso redundaria em mortal desarmonia à vitalidade do indivíduo e da própria especie.

Os animais irracionais, por conseguinte, não pecam, não praticam nenhum crime, porque faltando-lhes a Inteligência, falta-lhes a Liberdade, e faltando-lhes a Liberdade, falta-lhes a Responsabilidade. Ao Homem é que incumbe defender-se contra o instinto agressivo dos brutos, quando êste instinto se manifesta nas tão variadas formas que

parece terem sido permitidas pela Providência para que em cada uma delas o Sêr Racional pudesse vêr as diversas faces das suas próprias paixões, as quais não são outra coisa senão a hipertrofia de um dos instintos humanos.

*
* *

A covardia da hiena, a ferocidade do leão, a ardilosidade traiçoeira do tigre, o impudor do macaco, a perfidia da serpente, a gula do porco, a avareza da formiga, a preguiça dos tardigrados, a vaidade do pavão, serve tudo a exprimir o que seriamos se deixassemos em nós predominar tão excessiva prudência que nos tornassemos covardes; tão exagerado rigor que nos fizesse ferozes; tão sagaz egoismo que nos levasse à traição; tamanha sensualidade que nos conduzisse ao relaxamento impudico dos simios; tal subtileza defensiva e agressiva que nos transformasse em perfidos ofidios; tal voracidade que nos suinizasse; tal poupança que por ela terminassemos avarentos; tamanho gosto ao descanço que nos entregassemos à moleza e à inercia; tamanho prazer de nos exibirmos que terminassemos pavoneando vaidades estupidas.

Todos aquêles instintos que, acentuados, marcam e definem cada uma das especies animais, existem no Sêr Humano, de tal forma que, bem orientados pela nossa Inteligência, podem exprimir-se em virtudes, assim como se mal orientados podem manifestar-se em vícios degradantes e destruidores da própria personalidade, que se deve afirmar em harmonioso equilíbrio.

*
* *

Ao Homem compete construir-se utilizando-se dessas fôrças elementares que residem no seu próprio sêr. Para isso é dotado de faculdades intelectivas. Possui a razão. Possui a vontade. Póde escolher e póde agir.

Por conseguinte, os pecados, os crimes do Homem são pecados e crimes da Inteligência. Os instintos no Homem são meros instrumentos que êle utiliza para o Bem ou para o Mal. O agente responsável é a sua Inteligência.

Tôdas as excelências da vida social, como tôdas as desgraças do mundo, nos ambitos da Família, da Pátria ou da Sociedade Internacional, procedem da Inteligência. Ela é a grande responsável.

*
* *

Quando o professor Voronoff esteve pela primeira vez no Brasil, apresentou-se-lhe um rico fazendeiro a pedir-lhe consulta e tratamento para si e para um magnífico exemplar lanigero, como o dono avançado em idade. O cientista utilizou em favor de ambos a sua técnica, obtendo resultados francamente lisonjeiros. Decorridos alguns anos, o célebre médico regressou ao nosso país, sendo procurado pelo antigo cliente que lhe dirigiu uma reclamação, dizendo: "O carneiro continúa gosando ótima saúde mas eu já não me sinto bem; teria o senhor usado de processo diferente nas operações?" E Voronoff respondeu-lhe com estas palavras sábias: "Meu amigo, usei do mesmo processo em ambos os casos, mas acontece o seguinte: os carneiros costumam ser mais ajuizados do que os homens e, portanto, não fazem excessos".

O que o professor poderia ter dito era que os

carneiros não possuem a Inteligência do Homem, deixando-se guiar pelo natural equilíbrio que a Providência lhes traçou; ao passo que o Homem, sendo inteligente e livre, utiliza-se dos dotes da imaginação e do poder da vontade para entregar-se aos condenáveis excessos. Em suma: o Homem peca pela Inteligência.

*
* *

É, pois, a Inteligência um mal? Não; a Inteligência é um bem. É uma prerrogativa que Deus nos outorgou. Ela está intimamente ligada à nossa liberdade. Por ela, podemos imaginar, isto é, criar formas renovadas de idéias e pensamentos; podemos recordar, tornando presentes imagens preteritas, atualizando sensações passadas, emoções transactas; podemos discernir, julgar, estabelecer conexão entre o eventualmente imaginado e as formas harmoniosas e justas dos pensamentos e dos actos; podemos escolher, optar, decidir; podemos impôr regras aos instintos ou libertá-los catastroficamente.

Sem Inteligência não há Liberdade; sem Liberdade não há Responsabilidade; logo, sem Inteligência não há pecado, nem crime, pois êstes só os podemos configurar mediante a adesão plena das nossas faculdades superiores.

Podemos, sem receio de êrro, afirmar que tôda a desordem do mundo provem dos crimes da Inteligência.

*
* *

Atribuir sistematicamente aos instintos desenfreiados os males individuais e sociais que afligem atualmente as famílias e os povos é adotar as ex-

cusas daquêle frade que no confissionário declarou haver furtado um ovo à comunidade por tentação do demônio. Achando-se perto o demônio, não resistiu a tamanha injustiça e, tomando a palavra, penitente e confessor ouviram esta: "Tenha paciência, irmão; na verdade muito lhe tenho tentado, mas nêsse negócio do ovo, juro-lhe pelas barbas de Satanaz que não me envolvi!"

A anedota serve a demonstrar como existe no homem a tendência para eximir-se de suas culpas, alegando a impossibilidade de conter imperativos instintos e passando ao largo sôbre a parte principal que no caso desempenhou a sua inteligência. Tal atitude vem de tal sorte influindo no senso crítico dos próprios moralistas, que êstes, ao profligar o desregramento dos costumes, omitem as acusações que deveriam pesar sôbre a inteligência, com seu poder imaginativo, raciocinante e deliberativo, nos desacertos que fazem da sociedade impiedosa de hoje uma farandola de loucos.

O homem foi posto no mundo para se construir, segundo as leis do Bem ou segundo as leis do Mal. Para isso possuí tôdas as faculdades necessárias. Os seus instintos podem ser aproveitados, num sentido de virtude ou num sentido de vício, pois êles constituem a matéria prima da personalidade e sôbre essa matéria prima é que trabalha a Inteligência criadora, optativa e ordenadora. Enquanto os irracionais agem segundo o determinismo de leis que Deus lhes traçou, o homem recebeu de Deus o poder de agir por si próprio desde o instante em que, pela glória e fôrça das faculdades superiores, foi feito rei da Criação e rei de si mesmo.

Eis porque — além dos pecados e crimes em que a Inteligência participa dos desvios ou exagerações dos impulsos instintivos, — existem os peca-

dos e crimes exclusivamente da Inteligência, aquêles em que os instintos quase nada ou nada interferem.

São os mais hediondos, os mais crueis, os mais terríveis como agentes destruidores das harmonias do mundo moral.

*
* *

Os crimes em que participam os instintos e a Inteligência são crimes de homens. Mas os praticados por esta de certa forma se parecem com os perpetrados pelos Anjos Rebeldes. São crimes demoniacos. A sua origem mais profunda é o orgulho. As suas atitudes prediletas são bem conhecidas: é a dúvida deliberadamente alimentada, estimulada e até sistematizada; é o ceticismo sardonico; é a complicação, a subtilização dos conceitos mais simples, das realidades mais evidentes; é a negação, que em última análise constitui a plena maturidade da dúvida, do ceticismo e da subtileza intelectual; é a rebeldia, filha primogenita da negação; é o sofisma, a desenvolver a sua anti-lógica na sustentação da rebeldia; é o ódio a tôda ordem contra cuja inexpugnabilidade se levanta a impotência de tôdas as ordens ideais engendradas por elocubrações estereis; é, finalmente, o desespero catastrofico no qual se consome o Espírito já então desamparado de luz e inspirações da Graça.

"Sim, somos pecadores" — dizia um príncipe ibérico a um subtil reformador gaulez — "pecamos muitas vêzes pelas fraquezas do nosso corpo; mas vós, que vos dizeis puros e nos acusais de prevaricadores, pecais pelo orgulho da vossa inteligência; o vosso pecado é exclusivamente da alma. Nossos pecados são de homens, os vossos são de anjos rebeldes".

Creio que não se poderá definir melhor os crimes da Inteligência.

Pela Inteligência, o Homem se eleva, porém se não se elevar com espírito de humildade e de simplicidade, perderá o equilíbrio e rolará na treva. O Orco, descrito por Milton e evidenciado nos quadros dantescos da Divina Comédia, é o lugar da dissociação de todos os rítmos harmoniosos; é a confusão, é a anarquia, é a escuridão do cáos. É o destino de tôda Inteligência que confiou em si mesma e fez do seu orgulho uma resistência contra Deus.

Fato curioso: pela Inteligência o Homem se liberta da desordem dos instintos e sôbre êstes impondo o seu domínio, atinge pouco a pouco os gráus mais altos da perfeição; mas se levar consigo o sentimento da própria suficiência, o Homem, pelas suas próprias faculdades intelectivas, reconduz-se à escravidão dos instintos.

Ninguém melhor do que São Paulo, na sua epistola aos Romanos, descreve êsse pavoroso drama da Inteligência Humana, em face das deprávações dominantes na Cidade dos Cezares cuja origem provinha da atitude intelectual dos homens que, "arrogando-se o nome de sábios, fizeram-se estultos". Perderam dessa maneira tôda a capacidade para discernir os princípios da verdadeira moral e, mediante uma concepção do mundo e da vida engendrada por suas próprias cabeças, concederam, dia a dia, aos instintos, todos os poderes e afundaram no abismo de tôdas as perversões.

O que se passou com os Romanos, segundo a Epistola de São Paulo, é o que se passa em tôdas as épocas e países, quando os intelectuais se enchem de orgulho, emaranham-se em subtilezas, entenebrecem-se em melancolias decadentes, consomem-se em ódios e desesperos e de tal forma deturpam as

verdades mais simples, que estas jazem nas suas mãos como aquela mosca azul do poema de Machado de Assis, espostejada e sangrenta.

Êsses intelectuais tornaram-se ao mesmo tempo trágicos e ridículos. Trágicos pelos efeitos que produzem no meio social em que vivem, envenenando a mocidade, a si mesmos se intoxicando, implantando a confusão nas horas decisivas em que mais se precisa de clarificar idéias e pensamentos. E ridículos, pelas atitudes que assumem, julgando-se portadores de grandes descobertas, inventores de imensas filosofias, de sistemas que imaginam eternos e que afinal não passam de meros cartazes a atrair espíritos desocupados e a fornecer temas de conversação a "snobs" literatizantes, a uma granfinagem mental de papalvos e ignaros que pavoneiam as suas importâncias pelos suplementos dominicais dos grandes diários.

O mundo está hoje cheio dêsses empatadores de tôda ação generosa e eficaz dos espíritos humildes e simples, batalhadores pelo Bem e pela Beleza da Vida. São os grandes criminosos, que em todos os séculos aparecem, passeando as suas vasias pessôas no meio das angustias do seu tempo. A suas características e categorias são variadas porém tôdas redutiveis a um aspecto geral: o orgulho.

# III

# PREPARAÇÃO PARA O COLETIVISMO TOTALITÁRIO

NO caminho em que vamos, serão as futuras gerações constituídas de homens e mulheres automatos, dirigidos despoticamente por uma elite exploradora dos seus instintos. Êsses homens e mulheres formarão a massa amorfa das coletividades stadartizadas, que se moverão, como aparêlhos mecânicos, ao arbitrio de alguns indivíduos conhecedores da técnica de formação da opinião pública.

Estamos, presentemente, fabricando homens e mulheres em série, como se fabricam automóveis, relógios e máquinas de cortar salame. Os instrumentos utilisados nessa indústria são o cinema, o rádio e as revistas ilustradas.

O processo é simples. Trata-se de atrofiar as faculdades criadoras da criança e do adulto. Tudo o que representar esfôrço pessoal deve ser evitado no educando. Desde o método de ensinar a lêr, a preocupação dos técnicos deve ser a de habituar o aluno ao mínimo esfôrço. Quem trabalha é o professor, ou a professora. Acostuma-se, assim, a criança a uma receptividade passiva, que lhe vai anulando tôda a capacidade de prestar atenção, de observar, comparar, deduzir e concluir. Dá-se-lhe a comida intelectual já mastigada e digerida. O menino ou menina acostuma-se a ser dirigido e perde todo o poder de direção própria, autonoma, criadora.

*

* *

Aprendendo a lêr, e mal, trata-se de impedir que o adolescente adquira o hábito de leitura. Êsse

futuro homem-automato ou mulher automata deve ser o leitor exclusivo dos títulos dos jornais, dos artiguinhos ligeiros que não exigem esfôrço cerebral. Como conseguir isso? Muito fácil: acostumar o paciente a apreender historietas em desenhos.

Verificou-se que, quando alguém lê uma novela, ou um romance, ou um conto, forma uma idéia pessoal dos personagens e dos ambientes. Várias pessoas, lendo o Robinson Crusué, ou o D. Quixote, ou o Conde de Monte Cristo, ou as obras de Vitor Hugo, ou Manzoni, ou Pierre Lotti, acontece que cada uma idealiza a fisionomia dos personagens, imagina uma casa descrita, uma sala, um jardim dos quais fala o escritor. Quer dizer, a unidade de concepção do objeto descrito é diferenciada pelo poder imaginativo de cada leitor. Isto é, o leitor colabora com o autor, trazendo o contingente do seu próprio temperamento, dando caráter pessoal à efabulação, que não perde o que tem de essencial e ganha em universalidade. Significa isto que cada leitor tem a sua personalidade; mas como a preocupação moderna é destruir totalitariamente a personalidade humana, engendrou-se um processo de transmitir narrativas: é o uso de figurinhas em quadros sucessivos e uma ou outra palavra elucidativa, o que é raro.

Um livro ilustrado com arte é incontestàvelmente sedutor e contribui para desenvolver o gosto da leitura. O leitor, pequeno ou grande, vendo um quadrinho com a legenda (por exemplo) a dizer: "... e João, no tombadilho, sacudia o lenço", sente viva curiosidade de lêr tôdas as páginas para achar a cena descrita pormenorisadamente. Mas um livro, ou uma revista, que do começo ao fim só traga figurinhas, corta pela raíz todo o poder criador do menino ou adulto que folheia as suas páginas e, ao

mesmo tempo, desabitúa-os da leitura, atrofia-lhes a faculdade da atenção, torna-os preguiçosos mentais.

Nada mais nocivo à personalidade. Quem se habitua a acompanhar historietas em quadrinhos tem de pensar com o desenhista, tem de conceber com o desenhista, tem de aceitar o que o outro imaginou. Quer dizer: acostuma-se uma geração a subordinar-se a "ideias feitas". No fim de algum tempo, essa geração não sabe mais imaginar, pensar, refletir, deduzir, concluir por conta própria; mas entrega-se à imaginação, ao pensamento, à reflexão, à dedução e à conclusão alheias. É um automato. É um boneco, não é uma criatura humana.

*
* *

Fala-se hoje em totalitarismo de Estado, mas eu não conheço pior totalitarismo do que êsse, que destroe, inteiramente, a personalidade humana. Precisamos dar o brado de alerta contra essa organização internacional dos desenhos animados que, a meu ver, constitui a pior das ameaças à democracia, que é o estilo de vida onde mais se exige o poder expressivo do indivíduo, como agente autonomo e consciente, insubordinável à opinião fabricada para o uso dos ignaros.

Mas além das historietas pelos quadrinhos, temos o desenho animado no cinema. Até certo ponto, é aceitável e, fôrça é dizer, tem produzido algumas obras primas, como por exemplo a Branca de Neve. Até ai nada de máu. Entretanto, apareceu um filme interpretando os grandes músicos através de representações de desenhos animados. Considerei aquêle filme um atentado contra a sensibilidade

e a personalidade de quantos o assistiram. Pois se em literatura o leitor deve colaborar com o autor na maneira pessoal de configurar personagens e ambientes, o que não diremos da música? Como forçar a todos, como violentar os temperamentos e as personalidades, oferecendo interpretações visuais impositivas à música de Bach, de Beethoven, de Schubert? A música é a mais indefinível, a mais universal, e a mais sugestiva das artes. Ouvindo-a, ainda que tenhamos conhecimento da interpretação que lhe deu o autor ou os críticos, nós ainda encontramos margem para novas criações interpretativas, de cunho essencialmente pessoal. Como obrigar-nos a ver o que o desenhista viu, segundo as suas possibilidades interpretativas?

*

* *

Mas não são apenas os desenhos animados. Temos os próprios filmes cinematográficos. Os tipos de vida, de costumes, de pessoas que ali aparecem são feitos à maneira de fôrmas, onde se devem despejar as disponibilidades humanas fundindo-se os carácteres e tornando todos os habitués, todos os vassalos de Hollywood, em indivíduos iguais uns aos outros... A propaganda que se faz dos artistas é ainda mais impositiva na desconformação dos carácteres. Menina ou menino cinemeiro é um sêr que perde cada dia mais a sua personalidade. Não são êles que vivem, são os artistas que vivem nêles.

Cumpre ainda notar o efeito produzido nos cérebros adolescentes pelos espetáculos muito a miudo assistidos. É sabido que tudo quanto vemos, ou ouvimos, fica durante algum tempo vibrando em nosso cérebro. Chamamos a isso impressão, e a

impressão não é mais do que um prolongamento da sensação e principalmente da emoção, exigindo um dispendio de energia cerebral. Ora, como pode um cérebro, na idade dos estudos primários, ou secundários, gastar mais do que pode, psicológica e fisiológicamente? Sabendo-se que as impressões mais fortes são as dominantes, segue-se que a recordação dos filmes ocupa mais as reservas de energia cerebral do que a preocupação dos estudos. Temos, pois, um cérebro em **deficit**. Essa a razão pela qual um ginasiano de hoje sabe menos do que um aluno de curso primário no tempo em que não havia cinema. Tenho visto estudantes de curso superior incapazes de redigir, já não digo um artigo, mas uma carta. Nada mais natural, pois para alguém escrever, é preciso lêr muito, e os quadrinhos das revistas e jornais na infância, o cinema, finalmente os títulos berrantes das manchetes dos jornais, desacostumaram inteiramente êsse moço ou moça de lêr. Nada lendo, nada escrevem.

Além do cinema, que deixou de ser uma simples, diversão para se tornar um vício, temos hoje um sem número de prazeres — as praias, o futebol, os clubes dançantes, o excursionismo, etc. — que distraem completamente os jovens, afastando-os do estudo e da leitura.

Essa, certamente, constitui uma das razões da decadência intelectual das mais recentes gerações, embora outras existam.

Não podemos deixar de mencionar os ambientes do lar e da própria escola. No lar, os meninos e os mocinhos não encontram atmosfera que os estimule às atividades mentais superiores. Os pais também não lêm, senão as páginas dos crimes sensacionais que a imprensa publica com grandes títulos, ou as revistas elegantes repletas de fotografias e

páginas coloridas. As conversações tratam ou de negócios ou de vida social. As mais das vêzes não há conversação nem em família nem quando chegam visitas.

Não havendo o que conversar, joga-se, o que é sinal irretorquível de decadência, como observou Catarina II, imperatriz da Rússia. Essa princeza alemã, que veio a ser um dos maiores estadistas do seu tempo, observou, quando chegou à Capital dos Tzares, que na côrte muito se jogava, para encobrir a incapacidade de conversar, o que exige certa cultura. E foi uma das suas iniciais preocupações substituir o baralho pelo livro e pela arte de bem conversar

De tempos a esta parte, veio a televisão. Poderia ser o mais decisivo instrumento educacional e cultural. Infelizmente não o é. Após o seu advento, as visitas aos amigos tornaram-se a coisa mais enfadonha do mundo. Os visitantes chegam, a família está no escuro, diante do aperêlho televisor. Passam desenhos animados, passam anúncios sôbre anúncios, passam comediasinhas pifias, e visitantes e visitados guardam profundo silêncio. Corre assim uma hora, corre outra, não raro mais outra. Finalmente, os visitantes se levantam, despedem-se. Nada se falou.

Em tais ambientes, como podem as crianças e os jovens se interessar por assuntos literários ou científicos? Como podem formar a sua consciência de moral e de civismo?

Civismo? Isso então é o que mais desaprendem os moços, porque o que o rádio e a televisão oferecem relativo à coisa pública são as intrigas políticas, os comentários de cronistas e os discursos e entrevistas de cabos eleitorais.

E o ambiente da escola? Temos duas categorias

de professores: os idealistas, que se desesperam diante da inacessibilidade dos alunos às solicitações superiores, e os comercialisadores do ensino, vendedores de aulas, sem amôr à profissão que deveria ser por todos os mestres tomada como um sacerdocio.

Sem amôr aos livros, estudando para conseguir um "meio de vida", ou melhor um meio de futuramente arranjar bom emprêgo, os alunos tratam de mastigar os programas sem lhes tomar o gosto. E os programas? São enormes, tumefatos, espessos, pesados como chumbo. Dada a sua extensão, os professores nunca os terminam no transcurso de um ano letivo. Assim, o aluno não forma uma idéia geral da matéria. Dela tomou um pedaço aquí, outro acolá, sem apreender siquer o espírito da ciência ou da arte que se lhe propôz. No fim do ano é promovido. Não palmilhou a estrada; foi aos pulos. Nada conhece do que ficou para trás e nada conhecerá do que vier adiante.

Três matérias essenciais — a aritmética, a geografia e a língua vernácula — são geralmente ignoradas pelos nossos jovens dos cursos secundários ou superiores. Uns estudam trigonometria sem saber operar com frações ordinárias, outros estudam literatura sem saber redigir uma carta, outros estudam direito sem nada conhecer de lógica ou de história. E êsse quadro geral é o que se nos apresenta em nosso país.

Para onde iremos nêsse caminho? Que homens estamos preparando para continuar o Brasil?

*
* *

Muitas considerações poderiamos fazer sôbre êste magno assunto. Limitámo-nos, a erguer uma

ponta do véu que desvenda o mistério da incapacidade geral da chamada massa coletiva, a decadência intelectual cada vez mais acentuada em todos os paízes e a desordem do mundo, onde imperam os agentes espertíssimos, implantadores de uma nova forma de vida social constituida de homens e mulheres máquinas, verdadeiros Franksteins, bonecos sem vontade, sem imaginação, sem raciocínio.

É o mais terrível dos totalitarismos desta época de degradação do gênero humano.

# MISSÃO E APOSTOLADO

# I

# A ARTE DE SEMEAR IDÉIAS

A arte de semear idéias é uma arte difícil. Não pelo que exige em qualidades de ação, mas principalmente pelo que reclama em virtudes de resistência.

Não é sòmente escrevendo e publicando livros, redigindo e estampando artigos nos jornais, subindo à tribuna e proferindo discursos, nem lecionando ou simplesmente conversando, que se consegue semear idéias capazes de germinar.

Tudo isso é preciso, não há dúvida, mas tudo isso nada vale, se o semeador não possui aquela indispensável energia interior com que a si mesmo vence em cada hora de desânimo, diante da incompreensão, ou da indiferença, ou da injustiça.

Essa resistência, em cada minuto de sua vida, é que constitui o humus alimentador e vivificador das idéias semeadas. Sim; essa resistência é que determina a continuidade, a permanência, a fidelidade que são os fatôres operantes nos processos da germinação das idéias.

Porque o grande drama dos portadores de idéias consiste justamente no contraste entre estas e a realidade humana que é o solo onde o semeador deita a sementeira.

Tudo conspira contra aquêle que traz algo novo. Entre os adversários que se mobilizam, tem êle de contar com as idéias velhas, que ressuscitam pretendendo ser mais novas, mais oportunas, mais conforme o tempo transcorrente.

Não encontramos no Presente nada capaz de amesquinhar ou destruir o Pensamento que se antecipa aos dias em que surge, os medíocres pro-

curam nas sombras do Passado os elementos com que opôr-se aos Renovadores, aos propositores de soluções novas. Com tais elementos, proclamam que a idéia nova foi superada.

O verdadeiro Missionário de idéias percebe claramente o truque dêsses falsificadores e não se perturba na marcha que se propôs de um apostolado irredutível.

Para isso é preciso um grande poder sôbre si mesmo, pois tôdas as aparências trabalham contra êle. Essa fôrça interior provém de íntima certeza, de uma convicção inabalável. Mas para haver convicção é mister que o Semeador não seja apenas o portador de idéias, mas seja, principalmente, o portador de uma crença profunda.

Os que não acreditarem nas idéias que pregam não resistirão à onda das aparências enganadoras, não se conservarão firmes e inexpugnáveis em face da conjuração e dos expedientes dos medíocres. Deixar-se-ão influenciar por êstes, entrando primeiro na dúvida, depois no desânimo, finalmente no ceticismo. E perderão a batalha.

Perderão, porque a batalha já estava perdida antes de ser travada. O pretendido semeador era um indeciso, a sua mão tímida e trêmula, a sua palavra insegura e dubitativa.

Quando saiu a campo, não se blindou contra as influências estranhas; de sorte que, à leitura do primeiro livro de grande sucesso lançado pela mediocridade contemporânea, a sua fé em si mesmo abalou-se. Ficou à mercê da imensa fauna dos oradores oportunistas e dos artigos e notícias da imprensa cotidiana. Os falsos êxitos, os retumbantes aplausos, que coroam os vitoriosos do momento em seus efêmeros triunfos, impressionam o homem fraco, o apóstolo sem fibra, o tímido predicador sem

confiança naquilo que êle chama inicialmente "a verdade" e que mais tarde chamará "a doutrina superada".

No entanto, o contraste principal, que cria a tragédia íntima de todos os lutadores apostolizantes, encontra-se exatamente naquêles motivos que atestam a autenticidade do "novo" em face do "velho".

A idéia nova precisa de homens novos. Para isso, ela necessita, antes de tudo, transformar-se em sentimento. O sentimento produz os atos, ou séries de atos, em que se manifestam e se afirmam as personalidades novas.

Quando a idéia se transforma em sentimento, estabelece-se no que foi inicialmente seu "objeto" e depois se fêz "sujeito" operante, a linha nítida da conduta. A manutenção dessa linha depende, entretanto, da própria fôrça do sentimento, na sucessividade das emoções, cujo rítmo se exprime naquêle constante fervor da paixão criadora.

A progressão crescente parte do termo "idéia", ascende ao termo "sentimento", atinge o termo "paixão". A semente chega, então, ao ponto de desenvolvimento sem o qual não germina.

E não germina porque só a paixão da idéia, isto é, a continuidade das emoções sentimentais, traz consigo a energia seminal fecundadora. O pregador crê no que prega; a sua palavra transmite o germem, a centelha vital.

Quando o pregador tornou-se autêntico semeador, operou em si mesmo a superação de tôdas as fôrças negativas e esterilizadoras. Conhece-se quando tal acontece, não já pelas palavras que o semeador profere, mas pelos atos que pratica.

Os atos identificadores da autenticidade do apóstolo revelam, um por um, a persistência. Mas justamente porque o processo da transformação da

idéia em sentimento e do sentimento em paixão apostolar se opera, de pessôa a pessôa, em rítmos variáveis, aquêle que se fêz propagador, difundidor de idéias novas sofre a grande amargura cotidiana das decepções sem número.

São momentos perigosos na vida do semeador. É o choque entre tôdas as fôrças do "velho" contra a audácia do "novo". O pioneiro do Futuro amarga a imensa dôr de verificar que, entre aquêles que marcham com êle, e até mesmo entre aquêles que se dizem vanguardeiros na maravilhosa aventura, manifestam tôda a espécie de fraquezas, de incapacidade para enfrentar os momentos difíceis, de impotência no sentido de viver o sonho magnífico pôsto na linha do horizonte desejado.

A semeadura, pouco a pouco, no transcurso dos acontecimentos, tornou-se marcha. As mãos atiram a semente à terra; as pernas prosseguem, para diante, sempre para diante.

Mas há os que se cançam. Há os que param no meio do campo, a contemplar o terreno percorrido e, além dêste, para trás, muito para trás, o terreno percorrido por outros, por outras gerações, segundo outro sentido de vida e de realidades. Nêsse horizonte pretérito, erguem-se os vultos dos que apontam para a frente e parecem dizer aos caminhantes que não olhem para êles, pois cada geração tem o seu destino próprio; mas há também os vultos dos que viveram segundo o Presente que lhes pertenceu e não segundo o Porvir, que nos pertence, e êstes, em vez de nos mandar marchar para diante, convidam-nos a regressar ou a extasiar-nos na contemplação estática do que êles foram, do que êles fizeram.

E há também os que se iludem com as falsas aparências de uma realidade que não é a realidade;

capitulam em face dos êxitos ocasionais dos medíocres; entregam-se ao domínio dos cartazes e das frazes feitas, que constituem, em última análise, as páginas dos doutrinadores de ocasião, dos mágicos de feiras, em tôrno de cujas palavras se conglomera a clientela bestificada dos "best-sellers" e dos auditórios dos comícios.

E há, ainda, os que pretendem o absurdo que consiste em querer que a idéia nova viva efetivamente uma vida atual, esquecendo-se de que nêsse caso ela deixaria de ser nova. Êsses revoltam-se, porque o seu generoso pensamento, a sua nobre doutrina, o seu elevado sentimento só encontra possibilidade de vida em poucos, em alguns, e não na maioria dos próprios companheiros de ideal. Tornam-se céticos, mordendo-lhes o coração o íntimo desejo de abandonar a luta. E muitos a abandonam, dizendo: são muito poucos aquêles que realmente me compreendem.

Incorrem, dessa forma, no maior dos êrros, que é desconsiderar o valor das idéias que outrora foram novas e que, tendo-se transformado em fatos sociais, persistem, pela lei da inércia, e persistirão longo tempo, utilizando-se de todos os expedientes do "falso novo" para a manutenção do velho. Não raciocinam para concluir que justamente por ser nova, a nova idéia terá de colocar o seu objetivo no Futuro. Não percebem que tôda idéia nova é uma batalha contra o Presente. Do Pretérito, ou da Atualidade, ela toma ùnicamente os valores eternos, que pertencem também ao Futuro. Mas os "valores eternos" não são os "valores visíveis", ou o cortejo das aparências e as estruturas de superfície.

No meio de tôdas as confusões, de todos os fracos e desorientados, sofrendo a injustiça dos adversários e a injustiça dos seus próprios colaboradores,

o Semeador terá de continuar. Impassìvelmente. Serenamente. Irredutìvelmente.

E deverá ter em vista que o verdadeiro missionário de idéias, não é aquêle que apenas escreve livros no confôrto dos gabinetes, ou redige artigos de imprensa sôbre os fatos do dia, ou lavra pareceres, ou compõe ensaios, prefácios ou conferências, mediante temas de ocasião, ou vai discursar na praça pública sòmente quando chega o tempo das campanhas eleitorais ou das campanhas relacionadas com acontecimentos ou problemas que ocorrem periòdicamente. O verdadeiro missionário de idéias não conhece a pausa das férias parlamentares, os intervalos das propagandas à boca das urnas, a intercadência feliz dos repousos reconfortantes. Mas, ao contrário, prega constantemente, em todos os dias da sua vida; anda de cidade em cidade, sem pausa nem descanço; escreve para os jornais e escreve livros; procura dar concatenação lógica às idéias, estruturando um corpo de doutrina; e — o que é mais importante — sacrifica-se, anos após anos, em continuidade efetiva, resistindo não apenas às injustiças adversárias, que são explicáveis e plenamente justificáveis, por exprimirem a natural reações das idéias velhas, mas também às injustiças daquêles mesmos que julgam seguí-lo, ou que sabem, no íntimo, que o não seguem, fingindo apenas seguí-lo.

Essa resistência, essa capacidade para compreender e perdoar, essa energia na manutenção dos propósitos, essa linha imperturbável de marcha, tudo isso consiste a grande arte de semear idéias.

A arte de semear idéias é, sem dúvida, uma arte difícil. Mas, por isso mesmo, é bela. Que a juventude da nossa Pátria saiba praticá-la. E poderemos ter confiança no Futuro.

# II
# SENTIMENTO E PENSAMENTO

É muito comum ouvirmos que o cérebro deve dominar o coração e que diante dos problemas que se oferecem à consideração dos homens, agirá melhor aquêle que puzer de lado o sentimento e deixar trabalhar exclusivamente o raciocínio.

Esquecem-se os que assim se pronunciam de que o sentimento tem raízes mais profundas no Sêr, ao passo que o pensamento procede muitas vêzes, de operações mentais, que associam idéias recebidas de fóra, ou elaboram, com estas, certas idéias aparentemente originais e naturais, porém na realidade, extranhas às faculdades criadoras que residem no Homem.

E preciso ter perdido inteiramente o poder de intuição, ter se tornado um ente impermeável às misteriosas irradiações identificadoras dos outros sêres e assinaladoras dos fatos humanos, dos fatos sociais produzidos pelo consorcio de um ou mais indivíduos, para se proclamar a inutilidade do sentimento como chave única e absoluta que se oferece à solução dos problemas de qualquer ordem na sociedade dos homens.

O pensamento pode originar-se, como dissemos acima, de simples operações mentais associando idéias recebidas de fóra, através de leituras ou de audições presentes ou passadas; êsse pensamento é morto, não possui capacidade irradiadora, não suscita estados de espírito novos, mediante os quais novos pensamentos vão sendo criados, com igual fôrça expansiva e vivificante. Mas pode dar-se o fato do pensamento fluir de um sentimento e, nêsse

caso, traz consigo todo o potencial da energia criadora. Transmite-se, multiplica-se, cresce como floresta mágica onde a seiva vital se exprime em renovadas formas de magnificiência esplendente.

*
* *

Porque o sentimento, bem analisado, é um pensamento vivo. É um pensamento que brotou das zonas insondáveis do Sêr Humano, onde reside o conhecimento profundo do "eu" e por conseguinte a compreensão perfeita do "outro". Pois sendo o Homem a medida do Homem, ninguém poderá avaliar quem é "o outro" sem que saiba quem é "êle próprio"; e a própria consciência de "si mesmo" depende da comparação que o "ego" estabelece entre o que é e o que são os outros, ou o "alter".

O "conhece-te a ti mesmo" de Socrates jamais será possível se êsse conhecimento não provier do sentimento. Mas o sentimento implica na posse que cada um tem sôbre si e esta posse depende de uma definição, a qual será impossível sem que o "ego" conheça o "alter" e o defina.

Como poderei conhecer-me, se não conhecer os meus semelhantes? E como conhecerei os meus semelhantes, se não me conhecer a mim mesmo? Nem é possível conhecer-me sem conhecer os outros, nem é possível conhecer aos outros se não me conhecer a mim mesmo. Não me posso valer, para isso, da experiência alheia, se essa experiência não se harmonizar com a minha própria experiência. Nem posso fiar-me exclusivamente na minha experiência pessoal, se não aferí-la pela experiência dos outros.

O pensamento, portanto, se não passar de simples elaboração mental, de colcha de retalhos de

idéias correntes, de manobras do raciocínio sobrepondo-se à realidade viva e profunda do íntimo conhecimento que temos do que se passa em relação a nós próprios e aos nossos semelhantes, será morto, frio, como os cristais, ainda quando, como êstes, irradia as côres produzidas pela luz exterior.

Temos ouvido dizer que o pensamento precisa transformar-se em sentimentos para poder viver. Mas os pensamentos que, expostos por alguém, transformam-se em sentimentos em outros, é porque não nasceram do arbitrio dos teorizadores, dos sistematizadores, que submetem ao capricho de um preconcebido artificialismo a conjugação das idéias de que se utilizam. Êsses pensamentos que jorram da pena viva dos escritores vivos e da boca viva dos oradores vivos, em palavras vivas de rítmos vivos, antes de se tornarem proposições foram sentimentos.

Sim; porque da morte não se extrai a vida e só o que vive transmite a centelha vital.

*
* *

Por isso, êsses períodos da História, como o que vivemos, em que uma civilização oscilante se esforça para se manter de pé, em face de um pensamento homicida, porém vibrante de vitalidade sentimental, evidenciam aos nossos olhos um espetáculo de defuntos morais, que outra coisa não são os homens que perderam o contácto com a corrente imantadora do sentimento.

E, fato curioso: quanto mais um indivíduo, ou um povo proclama viver pela inteligência, pelo pensamento, fazendo táboa rasa do sentimento, que dizem estúpido ou incapaz de discernir os caminhos das soluções lógicas, mais êsse indivíduo ou êsse povo se afunda na brutalidade dos irracionais.

"O que temos de fazer" — dizem — " é pôr de lado o sentimentalismo e agir pela cabeça, pelo cérebro, pelo raciocínio, pela razão". E, assim falando, agem pelos pés, pelos intestinos, pela ardilosidade vulgaríssima dos imbecís, pela irracionalidade.

E isso se deu e se dá em todos os tempos, desde quando, o apóstolo S. Paulo, na epístola aos romanos, diagnosticava os males de então com estas palavras: "dizendo-se sábios, tornaram-se estultos".

*

* *

Quando uma civilização, como esta nossa chamada ocidental, ou rotulada de cristã, entra na visível fase da decadência e da decomposição, costumamos ouvir que ela se acha dominada pelos instintos. Nada mais injusto. Pois os "instintos", bem examinados, não são máus; é a inteligência, desligada do sentimento, que violenta os instintos, exacerba-os, exaspera-os, deforma-os, fazendo dêles, que são bons, um instrumento de depravação e de ruina.

Como poderemos condenar o instinto de conservação, que leva o homem a alimentar-se e a defender-se? Como poderemos execrar o instinto de reprodução, que aproxima os sexos, para os fins da continuidade da espécie? O grande criminoso é a inteligência no instante em que se separou do sentimento, para se ligar diretamente aos instintos e desviá-los dos seus justos caminhos.

"Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam", ensinou Marco Aurélio baseado no sentimento do que êle era e do que eram os seus semelhantes. E a doutrina cristã vai mais longe, adotando, não essa forma passiva da bondade, mas

a forma ativa, ao dizer-nos: "Faze aos outros aquilo que queres que te façam". Ou na expressão estática do Imperador filósofo, ou na dinâmica do Cristianismo, encontramos uma só base: o conhecimento do "ego" e do "alter", o fato de — como sugere Gonella —o homem ver-se a si mesmo no outro homem, o que o eleva da simples individuação (que significa isolamento na adesão ao todo), à plana mais alta da personalização ( que revela a solidariedade na independência).

Não foi sem motivo que o atual Papa, Pio XII declarou certa vez pedir a Deus, não que o compreendessem, mas que êle compreendesse aos outros.

Que representa êsse nobre pensamento, senão o apêlo ao sentimento, à capacidade de perceber, avaliar, sentir e julgar os nossos semelhantes, identificados conosco, com as nossas próprias fraquezas, os nossos próprios anseios, aspirações, sonhos, necessidades materiais e espirituais?

Quando todos os homens vivessem pelo sentimento, viveriam mais inteligentemente. Porque a inteligência, sosinha, leva ao mais negro obscurantismo, ao passo que, inspirada pelo sentimento, conduz à mais alta luminosidade do poder criador.

*

* *

O estudo da História nos patenteia que tôdas as grandes criações humanas no campo sociológico ou político efetivaram-se pela fôrça do sentimento. Foi o sentimento que manteve o povo hebreu unido, íntegro, forte, no cumprimento de sua alta missão; o sentimento de Deus e das suas Promessas, determinando o sentimento nacional incorruptível.

O Império Romano viveu pelo sentimento desde

o instante em que as flâmulas vexiliarias inscreveram como uma aspiração de domínio universal as quatro letras significativas de um pensamento vivo: S.P.Q.R. O Senado, os Quirites exprimindo o modo de sentir do povo romano.

As Cruzadas realizaram-se pelo sentimento, do mesmo modo como, pelo sentimento, fundaram-se as monarquias medievais, conforme tudo comprova nos velhos pergaminhos que ainda hoje podemos lêr nos vetustissimos museus.

Como consequência do próprio sentimento das Cruzadas, desenrolou-se o período das Navegações e das Descobertas; êsse sentimento (dilatar a Fé e o Império), traduzia-se na expressão "serviço de Deus e de El Rey" e reproduzia nas atitudes e nos feitos gloriosos, aquêle espírito lidimo dos paladinos da velha Cavalaria, que desde o século sexto, fez ressoar na Europa os grandes episódios cantados pelos trovadores a enaltecer a bravura dos cavaleiros da Tavola Redonda e, mais tarde dos pares de Carlos Magno.

E se foi um sentimento que predominou na Renascença, criando a grande arte e abrindo as portas aos tempos modernos, foi também um sentimento que determinou o aparecimento das Nações e o esplendor dos Estados, como, mais tarde, a revolução americana e a revolução franceza.

E terá tido outra origem a fase napoleonica, senão um sentimento de grandeza, que criou o fanatismo dos exércitos de Bonaparte até aos paroxismos extremos?

Que foi Cezar, senão um sentimento que se fez História? Que foi Anibal, senão um sentimento que atravessou os Alpes? E, mais remotamente Alexandre, senão um sentimento que invadiu a Ásia?

Não foi acaso um sentimento que dominou o

Novo Mundo e se exprimiu em Bolivar, Washington, Tiradentes, como se exprimia na multidão anônima que marchava ao tropel dos cavalos dos seus infatigáveis heróis?

Que fez o pensamento, sosinho, no mundo? Que coisa realizou? Que acontecimentos importantes provieram dos eleatas ou dos sofistas, de Epicuro ou de Zenon, o estoico?

Valem porventura os filósofos gregos um cordão dos sapatos dos profetas de Israel? Podemos, sequer comparar, em grandeza, Anaxagoras a Isaias, Democrito a Elias, Protagoras a Moisés, Diogenes a S. João Batista? Que fatos humanos de elevada altitude e misterioso esplendor fizeram gerar aquelas doutrinas nascidas do puro intelecto, em comparação com êstes discursos, que retumbam nos séculos como o bramido do mar insondável do sentimento humano?

*
* *

Tudo isso vim aqui rememorando para dizer, afinal, que o que falta à nossa Pátria, ao nosso Brasil, nêste instante, é a concretização histórica de um grande sentimento nacional e humano.

Sofremos o mal do mundo moderno, êsse mal que proveio da dissociação do sentimento e da inteligência, como resultado de um utilitarismo rasteiro e de um intelectualismo racionalista, ambos filhos de pensamentos mortos, isto é, de teorizadores, de pesquizadores, de analistas, que fizeram do Grande Sonho a misera Mosca Azul de que nos fala a poesia melancólica de Machado de Assis.

Pretendemos resolver os nossos problemas humanos, nacionais, históricos, como quem resolve um

problema de regra de três, ou de equação algébrica. Submetemos todo o mundo maravilhoso da alma nacional a formulas mesquinhas que vamos beber em meia duzia de teoricos estrangeiros e de utopistas internacionais. Pretendemos, outras vêzes, influir no curso da História, trazendo à tela das discussões os temas secundários que, muitas vêzes, a nossa miopia denomina questões básicas. Damos mais importância aos corolarios que é tudo o que concerne à administração pública, do que ao mágno teorema, à suprema questão que reside em sabermos se um pensamento vivo, ou seja pensamento-sentimento, ainda tem possibilidade de existir arrancando das tumbas, redivivos, os defuntos dêste vasto cemitério nacional.

E se, erguendo-nos nós ressurrectos, podemos influir no sentido de operar a ressurreição dos mortos morais que começam a tresandar a sua putrefação no panorama internacional.

Fala-se em reformas de base. Que reformas serão essas, quando vivemos no meio de cadáveres? O que temos a fazer nesta hora é mobilizar quem está vivo, para desencadear pensamentos vivos. Procurar quem não tenha respeitos humanos, covardias morais, recrutar homens corajosos e portanto capazes de proclamar a revolução do Espírito, começando por dizer que aquilo justamente que afirmamos ser um defeito dos brasileiros, é a sua qualidade máxima, a sua essência vital. Refiro-me ao sentimentalismo do nosso povo, tão ridicularizado pelos que se dizem homens práticos e cuja prática só nos tem trazido desastres sôbre desastres.

Urge propormo-nos mobilizar êsse vasto sentimentalismo, que eu considero hoje a coisa mais prática, mais necessária, mais urgente, para salvarmos a Nação das garras dos intelectualizantes, de

tôdas as marcas e feitios, que ou a imobilizam, ou a atiram nas garras dos dominadores estrangeiros.

A êsse sentimentalismo que ainda acredita em honra, em dever, em altruismo, em amor à Pátria, à Religião, à Família; a êsse sentimentalismo que se comove diante da nossa Bandeira, que ainda cultua os nossos Heróis, que ainda se ajoelha comovido diante dos nossos Altares; a êsse sentimentalismo que nos dá o sentido profundo dos destinos nacionais, urge apelar nêste momento.

De utilitários, de homens práticos, de mestres de todos os oficios, de devoradores de tratados, de dispepticos de filosofias indigestas, de reacionários e revolucionários que resolvem tôdas as questões com um lapis e uma folha de papel, estamos fartos.

Levantemos a legião dos vivos, dos que sentem, dos que se emocionam, dos que vibram, pois êles constituem os portadores dos pensamentos fecundos, que não nasceram das brochuras e das elocubrações das vadiagens intelectuais, mas nas profundezas do sentimento e das fôrças imortais da alma.

# III

# PENSAR E FAZER

VAI diferença enormíssima entre pensar e fazer. Do pensar vai-se ao concluir, do concluir ao falar, do falar ao executar. Muitos há que pensam sem concluir, outros que concluem e apenas falam mas não fazem, outros, finalmente, que, tendo concluido falam fazendo ou fazem até mesmo sem falar.

No próprio Evangelho encontramos uma passagem bastante expressiva de quanto enunciamos nas linhas precedentes. É quando o divino Mestre, a Quem não escapavam todos os aspectos da psicologia humana, propõe a seguinte parábola:

"Um homem tinha dois filhos e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Mas o moço respondeu: não quero; em seguida, arrependeu-se e foi.

"Dirigindo-se ao segundo filho, falou-lhe de igual modo; e respondendo, o rapaz disse: eu vou; entretanto, não foi".

Propostas as configurações dos dois casos, Jesus pergunta: Qual dos dois fez a vontade do Pai? E os discípulos afirmam, como não podiam deixar de afirmar, que quem executou a vontade do progenitor foi o primeiro. Então, o divino Mestre profere estas palavras profundas, eternamente verdadeiras na sua dureza, onde a Justiça toma a forma de escândalo: "Em verdade vos digo que as meretrizes e os publicanos entrarão adiante de vós no Reino de Deus".

Esta passagem do Evangelho de São Mateus, capítulo 21, versículos 28 a 31, evidencia-nos o abismo profundo que existe entre o falar e o fazer e, muito mais, entre o pensar e o agir.

Os homens que por fôrça das circunstâncias ou por impositivos de um doloroso e áspero destino, se vêem na contigência de comandar outros homens, diàriamente verificam a verdade das palavras de Cristo. Pois aquilo que se aplica à vida espiritual e aos objetivos eternos do homem, também se adapta aos atos cotidianos da vida meramente temporal. E se tivermos em vista que os atos aparentemente mais materiais da existência humana se correlacionam com os deveres supremos e, por conseguinte, com a vida espiritual podemos, sem receio, conformar ao esquema da parábola tôdas as atividades do Homem, sejam as da vida pública ou as da vida profissional, comercial e doméstica.

*

* *

Nós nascemos com um dever a cumprir, não sob coação, mas livremente. Êsse dever consiste em pormos mira de eternidade a quanto houvermos de praticar visando efemeridades, o que tudo se resume em satisfazer a vontade de Deus. Essa vontade é a de que nos salvemos do mal a que somos induzidos, procedendo de forma que tudo advenha e se realize por nosso livre arbítrio. O nosso fim último é o próprio Deus, mas Êle não quer que sejamos objeto, mas sujeito na maravilhosa proposição cujos verbos se conjugam em voz ativa. Não somos nem empurrados nem arrastados ao Fim Supremo, porque nos compete caminhar por nossos próprios pés e livremente.

O Grande Dever apresenta-se na vida prática, nas mil circunstâncias cotidianas, em forma de pequenos deveres. Na sucessão das horas de cada dia, escalamos a altíssima montanha sem a perspectiva da distância, apenas tendo diante dos olhos as pe-

dras e os espinhos. Se ficarmos, ao longe, perdidos na contemplação dos píncaros azulados do Grande Dever, jamais atingiremos a desafogada altura a cujos pés se desdobram os panoramas onde as dificuldades já superadas parecem agora tão insignificantes que o nosso espírito sorri por as haver julgado intransponíveis.

É mister galgar a áspera serra, principiando pela raíz dela, sem parar para medir distâncias, mas tendo em vista ùnicamente os pequenos problemas imediatos do itinerário. São os deverezinhos da vida e das funções de cada qual. Êsses minúsculos deveres que, desdenhados uma primeira vez, na segunda os teremos por intransponíveis e tão crescidos aos nossos olhos, que mais fácil acharemos precipitarnos no vácuo do que nos impulsionarmos por vencê-los.

E é ainda no Evangelho que encontramos explicação à inoperância dos fracassados. Lá estão as máximas eternas: "Quem não é fiel no mínimo...", "quem põe a mão ao arado e volve os olhos para trás nada consegue".

Cumprir, pois, os pequenos deveres é o único meio de cumprir o Grande Dever.

*

* *

Para cumprir os pequenos deveres é preciso transformar os pensamentos em ação. Os que muito falam pouco fazem, mas os que muito pensam fazem menos ainda. O excesso de imaginação paralisa a vontade. Os imaginativos em geral são os homens que, no dizer da sabedoria popular, medem largo e cortam estreito. São aquêles de quem se diz: muito plano, pouco pano.

Aos imprevidentes se referem os moralistas

apontando-os como construtores de castelos na areia; mas dos que muito devaneiam podemos dizer que são arquitetos do vento. Quando falam ninguém os vence em artes de vaporosa alvenaria: mil coisas delineiam com tais estruturas de argumentos que logo aos olhos dos incautos da sua audiência aparecem, com visos de realidade, as mais mirabolantes fantasias. Exgotada a matéria e volvendo a calma aos ardores da eloquência, logo se esquecem de tudo, guardando outra oportunidade em que se expandam versando novos temas e tão desinteressados pelo que haviam antes exposto com tanto entusiasmo, como no dia seguinte estarão inapetentes pelo que agora estão falando.

De romancistas a antecipar complicados enredos de novelas que pretendem escrever na primeira oportunidade, quando a sua cabeça entrar em férias, sem que jamais se abra pausa aos dias úteis do seu calendário; de poetas que bosquejam poemas sucessivamente abortados; de agricultores que adiam sempre para o ano próximo as suas formidáveis plantações; de inventores aborrecidos com a máquina que ontem existiu nas suas cogitações e hoje tremendamente expositivos a letargiar pacientes com a descrição do aparêlho que amanhã cederá lugar a outro, na interminável série da indústria subjetiva; de comerciantes planejando transações incrìvelmente lucrativas e de industriais argutíssimos a contar certa a riqueza visceralmente contida nos seus projetos, de tôda esta gente o mundo anda repleto.

Um dos tais conheci tão versátil no mudar de idéias e tão fecundo em engenhar artifícios seguríssimos de ganhar dinheiro, que tendo-o escutado acêrca de um plano relativo a certa fábrica de sabão, já no ano seguinte o encontrei com o mais gigan-

tesco plano de uma plantação de tamareiras, o que foi febre de poucos mêses, porquanto mais tarde o vi inteiramente esquecido do sabão e das tâmaras, a projetar uma fábrica de botões mediante compra dos ossos dos cães vadios eliminados pelas prefeituras dos oitocentos municípios do país. Êle avaliava, de lapis e papel em punho, o número dos canicídios legais praticados anualmente, em cêrca de cento e cinquenta mil, cuja pele se aproveitaria para chinelos, a carne para adubos, os ossos para os tais botões e cabos de canivete, tudo lhe dando lucros de o tornar um magnata em poucos anos. Paguei-lhe o café, emprestei-lhe o dinheiro para o bonde e, tendo-o perdido de vista largo tempo, eis que o fui topar como editor de novelas policiais e em pleno fastígio de fracasso, pois, calculara em cem mil os leitores, imprimira duzentos mil para que não houvesse falta na praça e, com isso, reduzira a têrmos de miséria a um amigo premiado com duzentos contos na loteria, o qual agora, caindo das nuvens, lamenta-se dizendo ter sido maior felicidade sua se houvesse caído de um quinto andar.

*
* *

Assim são os imaginativos. E é ainda dêles que fala o Evangelho, quando se refere a um homem que foi edificar uma tôrre, sem ter feito previsão do material necessário nem do capital a empatar: a tôrre chegou ao meio e não foi por diante, e todos se riam do mísero sonhador, sem mais nada seu senão a desilusão.

Uma das características de tais pensamenteantes é deixar tudo para depois.

Se lhes dissermos que um homem está a afogar-se alí perto, êles respondem convidando-nos para

tomar primeiro um café à esquina; e se lhes anunciarmos que, indo às cinco horas à rua tal número tanto, receberão uma soma avultada, o que não acontecerá mais, nem hoje, nem depois, se chegarem depois das cinco, os nossos heróis em vez de pagar um taxi, entram na fila do ônibus.

Com essa mentalidade não se constroem as Nacionalidades. E é essa mentalidade, justamente, que está predominando no Brasil. Quando verificamos a queda da produção, a desordem econômica, a anarquia política e social em nosso país, costumamos atribuir êsses fenômenos a muitas causas que por certo, também atuam; mas a causa principal não pode ser outra senão a incapacidade geral para traduzir em atos os pensamentos que são numerosos e frondejantes em nossos patrícios.

No fundo verifica-se a falta de cumprimento dos pequenos deveres, porque em tudo, e até sem o percebermos, estamos perdendo o senso das responsabilidades. Desde aquêles que ocupam os mais altos postos na administração pública do país, até aos modestos sapateiros, pedreiros, carpinteiros ou trabalhadores rurais, observamos essa enfermidade que vai a todos tornando abúlicos ou tardígrados.

Somos um povo de extasiados, de maravilhados e de imaginativos. Somos também um povo de loquazes. Ou nos quedamos nas vastas elocubrações, nos sonhos estratosféricos, ou nos derramamos em palavras, perdemos o tempo em intermináveis conversas, em comentários de fatos para os quais gastamos horas quando não merecem mais do que minutos. Vivemos a alegar falta de tempo mas quem se der ao trabalho de observar as praias, os cafés, as esquinas, verá homens válidos passando horas como lagartos ao sol diante do mar, ou batepapeando no centro da cidade. A vida da nossa grande

metrópole está reduzida, pràticamente, a quatro dias da semana; na sexta-feira, do meio dia para a tarde, ninguém trata de negócio, por ser véspera de sábado, dia morto; domingo é domingo; segunda-feira é dia impróprio porque todos estão regressando do uiquende. O que um trabalhador normal fazia no espaço de oito horas, hoje quatro não fazem no tempo de quarenta e oito. O funcionalismo cresce, torna-se um exército, e o serviço anda atrasado em tôdas as repartições. Os que estão no alto, dão o exemplo: uma burguesia parasitária em franca vagabundagem granfina, evidencia aos que ainda trabalham a verdadeira finalidade de uma civilização materialista: gozar, descançar, matar o tempo. Eis a grande doença do século: A perda crescente da consciência dos deveres humanos.

*
* *

Mas, desde que estamos nos referindo aos que muito pensam ou muito falam e nada fazem, retomemos o tema inicial para evidenciar-mos outro áspecto, outro sintoma de fatal doença que nos vai destruindo como povo.

É o espírito farisaico dominante naquêles que pretendem ser ou inculcar-se como modelos de virtudes. São os sepulcros caiados de que fala o divino Mestre: aparentam uma alvura imaculada, mas guardam no fundo a putrefação de uma alma roída pelos vermes da crueldade. Sua virtude está apenas da bôca para fora. Implacáveis na crítica aos defeitos ou êrros alheios, cometem outros mais graves, principalmente o do orgulho.

Êsses, a todo o instante invocam deveres que não cumprem, falam de idéias que não cultuam,

exigem castigos exemplares sempre que redundem em benefício dos acusadores, mas fecham os olhos aos vícios mais revoltantes, quando os viciosos lhes levam a água ao moinho. Por detrás de suas arengas, há invariàvelmente, o interêsse oculto ou um despeito, um ódio insopitável. O mais impressionante nêsses pregadores de quaresma é que êles, ao contrário dos que muito pensam ou muito falam e nada fazem, nem de bom nem de mal, pensam que pensam, mas na verdade os seus pensamentos não passam de formas virtuosas da extroversão de maus instintos nêles imperativamente dominantes.

É preciso desconfiar de todo aquêle que exagera o culto verbal de certas virtudes. Sentindo-se, no íntimo, condenáveis, ou sentindo a secreta repulsa pelo mal que nêles reside, mas sem fôrças para dêle se libertarem, fustigam o mal que está ou julgam estar nos outros. É uma válvula por onde escapam os vapores ferventes da sua própria consciência em ebulição. Pois, na verdade, participam de todos os males que dizem condenar.

"Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha" — "Eu vou". E não vai. É preciso dizer "vou", porque isso representa um culto à disciplina, uma expressão de respeito ao Pai. Mas ninguém é mais indisciplinado nem mais desrespeitoso. E, dêsse modo, o mundo já infeliz por tantos motivos, infelicita-se ainda mais com a presença e os discursos dos falsos profetas.

Urge como remédio aos males do nosso século, pensar bem, mas realizar o bem. Enunciar a proposição do Dever em cada ato da nossa vida, mas uma vez composta em nossas mentes, traduzí-la em atos objetivos, pois no meio das desgraças do mundo moderno, estou convencido de que um bom exemplo vale mais do que o mais belo dos discursos.

# IV

# REVOLUÇÃO IMEDIATA

RESPONDO, nestas páginas, à carta que recebi de "uma brasileira" (1). Tenho a impressão e talvez não me engane, — de já haver recebido outra, há dois ou três anos, provinda da mesma origem e igualmente reveladora de um nobre espírito cristão, de um patriotismo ardente, de uma capacidade de ideal hoje bem rara em nosso país. Mas, desta vez, a carta que tenho diante dos olhos e que li e reli meditadamente, traz-me em têrmos precisos o maior dos problemas que nos afligem e termina oferecendo-me uma idéia que tentarei pôr em prática o mais breve possível.

Estou, pois, nestas linhas, não apenas respondendo à carta confortadora e estimuladora, mas — em consequência dela — dirigindo uma proclamação a tôdas as mães e a tôdas as jovens brasileiras, concitando-as a me ajudarem, com a sua cooperação sincera, a fim de que me seja possível tornar uma realidade a idéia que me veio despertar para mais um esfôrço em prol da salvação de nossa Pátria.

*
* *

A missivista, depois de se mostrar admirada da persistência com que luto pela restauração dos valores morais em nossa terra, resume o quadro da vida brasileira nos dias transcorrentes, dizendo: "O

---

(1) — A carta, que foi respondida, pelas colunas de "A Marcha", em 7-8-53, exatamente como está nêste capítulo, damo-la no final dêste volume.

meu mundo interior, fruto da observação diária do mundo exterior, é cheio de sobressaltos e tristezas. Assisto atônita e aflita à derrocada completa de tudo o que recebemos dos nossos antepassados como sendo a razão da nossa existência e de uma vida digna: o temor de Deus, o respeito à tradição, o apêgo à família, a prática do bem, o amor à pátria".

Em seguida, mostra-se apreensiva pelo futuro de seu filhinho, "que recebe o exemplo de um homem de bem, que é seu pai" e que num ambiente familiar sadio, ouve as lições das virtudes cristãs e do devotamento à Pátria. E, nêsse estado de espírito, pergunta: "Que será do meu filho? Como educá-lo para não sofrer a crise moral dos inadaptados diante de um mundo estranho aos seus sentimentos e à sua formação? Mostrar-lhe a perversão, os vícios de uma sociedade corrupta, o desamor a Deus e à pátria, o desrespeito à família e à honra? Despertar no seu espírito em formação a desilusão de ver fora do lar a negação de tudo o que lhe é ministrado? Incutir no seu espírito, despertando para a vida, a luta contra todo aquêle que não agir, não pensar e não sentir como êle?"

Essas interrogações já me foram formuladas por outros pais e mães de família, alguns achando que a melhor atitude dos progenitores é deixar correr o barco à mercê da corrente, a fim de que seus filhos possam "ser felizes" vivendo futuramente de acôrdo com os costumes do tempo.

E quando ouço dos pais essa opinião, verifico que ela constitui também um dos sintomas da enfermidade do nosso tempo: a covardia, filha do comodismo, como êste é filho do egoismo e êste do materialismo mais grosseiro. Se todos os males têm a sua genealogia, êsse mêdo, em última análise, vai encontrar o seu ascendente mais remoto na ausên-

cia total da Fé, ainda que esta se disfarce sob os aspectos das dúvidas ou das inquietações.

O problema está mal colocado. Não se trata de objetivar para nossos filhos essa caricatura de felicidade que é a felicidade na carreira, nos negócios, nas relações sociais, nos êxitos efêmeros. Para uma alma cristã, a felicidade a procurar para nossos filhos há-de ser, forçosamente, aquela íntima e impoluta felicidade da alma, a qual independe dos bens terrenos, sejam êstes materiais, ou sejam sentimentais.

"Desgraçado do homem que procura consolar-se em outros homens" — dizem as Escrituras. E, num rasgo de gênio, Ibsen põe na bôca do seu personagem no último ato da peça "Um inimigo do povo": "Acabo de fazer uma grande descoberta, que é a seguinte: O homem mais forte é o homem que está sòzinho".

De fato; quando o homem se sente incompreendido e pensa estar completamente isolado, é nêsse instante que êle percebe que se encontra ao lado de um companheiro (o maior e o melhor de todos), que é Deus. Essa presença misteriosa é que traz a verdadeira felicidade. E muitas vêzes, havendo outras criaturas que chegaram à mesma conclusão, a companhia de Deus se manifesta também no convívio espiritual dêsses, que se julgam isolados e que, entretanto, se encontraram compreendendo-se, não diretamente, mas por intermédio da Divina Companhia, que lhes ensina o único idioma capaz de estabelecer relações humanas harmoniosas: o idioma da caridade, ou do amor. Êsse idioma pode usar de palavras, mas também pode falar sem palavras: pelas atitudes, pelo exemplo, até usando das sílabas do silêncio.

Que valem no mundo as riquezas, se elas não

impedem as enfermidades do corpo ou da alma, a perda de entes queridos, os desgostos oriundos de tantos fatos da vida doméstica ou da vida social? Que vale o êxito na carreira ou nos negócios, se êsse êxito não foi obtido pelos legitimos caminhos da honradez e por isso, traz um gôsto amargo, que precisa ser disfarçado pelos prazeres entontecedores? Que valem as glórias, os triunfos e os aplausos, se êles provêm das multidões volúveis, sopradas pelos ventos das emoções ocasionais ou dos caprichos de um momento e se, ainda quando deliciosos, não impedem ocultos sofrimentos do homem vitorioso?

Não quero dizer que o homem deva se privar dêsses bens terrenos, desde que êles não advenham ilegitimamente; o que quero dizer é que nenhum dêles constitui a verdadeira, a perfeita felicidade, e tanto isso é certo que a geração atual, sequiosa dêles, é uma geração de agitados e atormentados.

Entendo, portanto, que, se temos uma Fé, se nos iluminamos pela luz do Espírito, devemos lutar contra a corrente. Essa batalha não traz apenas para o lutador a felicidade íntima da consciência, mas traz aos seus lábios a taça maravilhosa que encerra um estranho prazer: o sentimento do heroismo em ação.

É a vida heróica dos cavaleiros do Ideal. O misterioso licor dessa taça divina embriaga os espíritos de Infinito. Os horizontes do herói se alargam, o firmamento se lhe apresenta mais profundo e uma estrêla de fulgor indescritível, de tal modo o fascina, que o paladino do Ideal traz sempre a cabeça erguida.

Não falo romanticamente; falo em têrmos de realidade psicológica, em têrmos de observação realista dos homens do meu tempo, em têrmos de ex-

periência da vida que, entre tantas decepções e desilusões, me ensinou o segrêdo de ser feliz.

Posso dizer, baseado na prática de uma atividade constante e no conhecimento de todos os percalços e vicissitudes que me surpreenderam ao longo de minha marcha, que a luta contra os preconceitos de um materialismo grosseiro, o combate ao despotismo do "cotidiano", a superação do efêmero, a dominação do contingente pelo império das aspirações superiores, tudo isso traz o homem numa plana tão elevada, que êle se expande em plenitude de felicidade. E essa felicidade é tanto mais indestrutível, quanto é certo que para mantê-la o homem não precisa de ninguém. A sua personalidade é tão forte, que a si mesma se basta no sentido de criar alegrias interiores.

Os indivíduos chamados "práticos" são geralmente os menos práticos em se tratando de construir a sua felicidade. Porque êles a colocam num chão de areia movediça. Agarram-se ao precário, ao efêmero tendo nas mãos, como o personagem de Machado de Assis, apenas farrapos de ilusão. Ao contrário, os "idealistas" constroem sôbre a rocha e em grande altura. Constroem sôbre realidades, essas realidades que não podem ser vistas pelos que se acham hipnotizados pelo fascínio das coisas materiais e as falazes esperanças com que lhe acena uma sociedade utilitária.

Aumentar o número de homens superiores deve ser todo o nosso empenho, se quisermos ter uma Pátria engrandecida e uma Sociedade mais digna e mais justa. Mas como poderemos empreender essa construção de homens, se cada mãe ou pai de família julgar que, forjando a mentalidade, o caráter de seus filhos dentro de princípios opostos à loucura geral, irão fazê-los sofrer num mundo ad-

verso à sua formação? Se em cada lar houver êsse pensamento, nós não reformaremos os costumes, nós nos daremos por vencidos, por incapazes. É preciso que alguém ou alguns comecem. E principiada a grande campanha, ela crescerá, avultará, e pela nossa intervenção decidida e corajosa, alteraremos o curso da História.

*
* *

Eis, portanto, que é chegado o momento de uma imediata revolução. A revolução do Espírito contra a tirania da Matéria. A batalha grandiosa em cujo fragor serão forjados homens novos para novos tempos.

A missivista desta carta a que respondo (carta que é modêlo de grandeza de alma, digna das grandes mulheres da História, que se destacaram nas crises e nas depressões dos povos) dirige-me um apêlo no sentido de promover um grande movimento das mães e das espôsas, das jovens que são irmãs ou noivas dos moços do Brasil. Êsse movimento de patriotismo, de superior idealismo, empolgando as mulheres da nossa Pátria, pode (está certa a autora da carta, como também estou) renovar e dignificar a Nação Brasileira.

Chamo a atenção das minhas leitoras para o trêcho dessa luminosa carta, que saiu nas colunas de A MARCHA, onde a nobre mãe brasileira se refere às possibilidades de uma ação feminina em nosso país.

E é respondendo ao apêlo dessa digna patricia que dirijo nestas linhas uma proclamação a tôdas as mulheres brasileiras, sem distinção de côr política, concitando-as a se unirem e batalharem por Cristo e pela nossa Pátria, restaurando em todos os

lares as virtudes antigas, inspirando os homens do Brasil e arrancando-os do sórdido utilitarismo em que se desfibram, promovendo numa palavra, a ressurreição do nosso Povo.

Aguardo aqui o nome e o enderêço da autora da carta a que respondo; e aguardo o pronunciamento das brasileiras que tiverem lido esta mensagem, a fim de que, o mais breve possível, possamos lançar em todo o território da nossa Pátria essa tão necessária, tão urgente e poderosa Ação Patriótica das Mulheres do Brasil.

# V

# A VERDADEIRA MISSÃO DA JUVENTUDE

SE a Juventude traz consigo o Amanhã da Pátria é porque dela deverão sair os responsáveis pela sobrevivência da Nação. Prepará-la para que produza os valores humanos, de que a comunidade nacional precisa, deve ser tôda a nossa aspiração e o nosso esfôrço. (1)

A Mocidade não se prepara nas ruas, no fragor das batalhas transitórias. Lançar os jovens, nas emprêsas da demolição do Mal, sem a iniciação prévia na ciência e na arte de construir o Bem, será desviá-los de um destino superior. As mais belas campanhas, se resultantes do improviso, hão-de ser, inevitávelmente, como o estrondo das ondas na superfície do mar. As ondas fàcilmente se deixam levar pelo magnetismo da lua ou pelos ventos inconstantes que sopram em tôdas as direções. Só as águas profundas resistem. Só elas trazem consigo as potências da irredutibilidade.

A irredutibilidade no Homem é a estrutura do caráter. O caráter se forja pelo concurso de três elementos: personalidade, cultura e educação. Desenvolver a personalidade, enriquecê-la pela cultura, dar-lhe rítmo pela formação moral e espiritual — eis o que nos cumpre quando nos entregamos ao magistério da palavra esclarecedora e da ação criadora, no esfôrço de suscitar o advento de grandes homens para a Pátria.

A mobilização dos moços para uma campanha de moralização, de luta contra os desmandos e contra a degradação dos costumes é iniciativa que me-

(1) — Vêr, no Apendice, o "Código de ética do Estudante".

rece todo o respeito; mas é expediente empírico, visando o tratamento meramente sintomático da enfermidade social. Não vai às raízes da moléstia. Não procura as causas históricas das desgraças que lamentamos.

O conceito moral depende de uma concepção de vida. A concepção de vida decorre do conhecimento da verdade e da compreensão da realidade. Pois a mesma verdade pode ser desvirtuada e abastada na concretização dos seus objetivos, se a mente desavisada opera sob a injunção de circunstâncias desconhecidas.

*

* *

Se queremos estabelecer o império da Moral, cumpre-nos promover, antes de tudo, a iniciação dos espíritos no conhecimento do "verdadeiro" e do "real". Cumpre-nos traçar, com firmeza, a própria definição da moralidade. Do contrário, perder-nos-emos na confusão que o utilitarismo inglês de Bentham e de James Mill lançou sôbre o século XIX, a tal ponto que se tornaram imprecisas e contraditórias as noções do "útil" e do "justo". Foi tal confusão que desnorteou a humanidade, produziu o pragmatismo americano — essa filosofia de mercadores; — o cientifismo evolucionista, que inspirou o delírio de Nietzche, a gritar nas tôrres do Pensamento e as conclusões de Marx, a resmungar e a conspirar no res-do-chão, dos armazens de comestíveis e, finalmente, os torpes postulados dessa moderna metafísica de Limpeza Pública, que vibra na pituitaria dos faxineiros de Freud.

A iniciação dos espíritos jovens exige trabalho metódico, sistemático. Repele o "dispersivo" para se ater ao "reflexivo". Evita o "extenso" para que

predomine o "intenso'. E não se entrega à exteriorização sem precedê-la de longos dias de interiorização.

O jovem deve construir-se primeiro, para depois pensar em construir a sociedade. A auto-construção não se faz nas praças públicas, nem no fragor das manifestações coletivas; pelo contrário, forja-se no estudo, na meditação, na discussão, na troca de idéias.

Os comícios na ágora de Atenas nada legaram nem para o futuro da Grécia, nem para o futuro do mundo. Mas os diálogos de Sócrates, os passeios de Aristóteles, o recolhimento nos jardins de Epicuro produziram homens no seu tempo, no tempo da posteridade helênica e romana e até nos dias de hoje.

Os missionários da Companhia de Jesus não se entregavam à vida apostolar senão depois dos prolongados exercícios de Santo Inácio. Construiam-se primeiro, para depois construir os outros.

João Batista não começou a sua campanha contra os desregramentos da sociedade herodiana, sem antes se recolher, anos a fio, nos descritos da Peréia. E a sua réplica anti-cristã, configurada no Zaratrusta de Nietzche, não iniciou a propaganda do Super-Homem sem ter antes construído a própria personalidade na montanha silenciosa.

A epopéia das Navegações foi precedida pela Escola de Sagres, mas antes desta o preparo se realizara no Castelo de Tomar pelos Freires de Cristo, que por sua vez guardavam as tradições dos Templários.

Não se improvisa um Bolivar, que para suas emprêsas se preparou culturalmente em longos anos de estudos e de viagens. E um José Bonifácio não surge por acaso no cenário da Independência, porque o Patriarca foi o resultado de uma auto-constru-

ção através de longas peregrinações e meditações sôbre quanto ia observando na vida dos povos.

A cerimônia ritual em que se armavam os cavaleiros da Idade Média — guerreiros teutônicos ou paladinos da Tavola Redonda do Rei Artur — era precedida pelas vigílias d'armas, que simbolizavam a preparação do herói. A vigília d'armas, em nosso tempo, há-de ser o adestramento intelectual e a formação moral. Sem isso, não conseguiremos reformar os costumes nem produzir os homens de que o Brasil vai precisar daquí a cinco ou dez anos.

*
* *

Se os nossos estabelecimentos de ensino fabricam apenas profissionais e são insuficientes para incutir nos moços brasileiros os sentimentos de civismo, a noção dos deveres, o espírito público; se nos próprios lares, na sua atmosfera materialista e egoísta, as crianças e os adolescentes já não encontram àquêle ambiente que propicia o florescimento das virtudes, a aspiração à vida heróica — então, de que elementos nos iremos valer, buscando a Mocidade, para dar ao Brasil aquilo de que essa mesma Mocidade está necessitando? Não será perigoso, lançar a Juventude, sem os parafernais dos conhecimentos que ela própria possa administrar em seu proveito, numa campanha — ainda que benemérita — em prol de uma indefinida moralidade empírica, sem base de uma formação religiosa, filosófica, histórica e sociológica? Não se transformarão os comícios e as agitações da praça pública em novas formas de derivativos, a substituir os divertimentos em que se estiola a maioria dos moços em nosso país? Não haverá o perigo de se tornarem os jovens (que

é tudo o que esta Pátria ainda possui de esperança) em instrumentos de interêsses políticos partidários?

Moralidade por oposição e visando destruição sem sentido de construção, é moralidade de superfície, promotora de escândalos públicos e sem nenhum resultado positivo para o futuro de uma Pátria que está precisando, antes de tudo, elevar o seu nível cultural. Pois se no Brasil existem negociatas, malversações de dinheiros públicos, oligarquias parasitárias, venalidade de funcionários, domínio do suborno e da gorjeta, esbanjamentos e irresponsabilidades, preguiça e imprevidência, ambições irrefreáveis e sensualidades irreprimíveis, temos de convir que o responsável inconsciente por tudo isso é o próprio povo que prefere, sistemàticamente, nos comícios eleitorais, os que fazem mais barulho, os que gastam mais dinheiro, os que acenam com mais promessas, os que se mostram mais ignorantes e grosseiros.

Por conseguinte, o problema da moralidade é um problema de cultura. E o problema da cultura popular (formação da consciência de um povo) só será resolvido forjando-se uma geração que possa fazer valer em face da inversão de todos os valores, os legítimos direitos de orientação de uma forte aristocracia intelectual e moral.

*
* *

Forjar essa geração — eis o de que o Brasil precisa. Êsse o motivo da fundação em todo o país, dos Centros Culturais da Juventude, filiados à Confederação, que lhes dá unidade, dentro da mesma linha de direção filosófica. Nêsses centros se organizam bibliotecas, estimulando-se a leitura dos

grandes pensadores do nosso tempo; realizam-se cursos de filosofia, sociologia, história, doutrinas econômicas, geografia; promovem-se conferências sôbre temas de interêsse humano e nacional; comemoram-se as datas importantes da História Brasileira; estudam-se as personalidades dos nossos estadístas, filósofos, pedagogos, economistas, militares, artistas, prosadores e poetas; — e mais do que tudo — nêsses grêmios se procura criar a mística das virtudes, dos sacrifícios, dos heroísmos, num sentido cristão e consoante os sentimentos mais puros de brasilidade.

Que se lancem campanhas pela moralidade nacional e que para ela se mobilizem os moços, contra isso não podemos, em princípio, nos opôr; mas que essas campanhas distraiam a juventude do esfôrço que ela deve empregar no sentido de construir-se por meio de uma revolução moral interior e de uma elevação intelectual indispensável, contra êsse desvio nos opomos. E se uma campanha dessa natureza vier a servir ao interêsse de partidos políticos ou da "demagogia da honestidade", que, à míngua de outros predicados de nossos homens públicos, se apresenta hoje como cartaz para a conquista de postos eletivos, então devemos ter a coragem de condená-la. E se, ainda, a habilidade técnica do comunismo internacional intervier sub-repticiamente para utilizar-se como "massa de manobra", dêsse patrimônio da Pátria, que é a Juventude, coordenando-a, sem que ela o perceba, como tem feito a todos os nobres e puros movimentos de opinião sentimental e desprevenida no que respeita às artimanhas dos pescadores de águas turvas, nêsse caso devemos estar alerta para prevenir os que não se preparam para conhecer os fatôres intervenientes e as circunstân-

cias advenientes que surpreendem sempre as melhores intenções.

Escrevo estas linhas para os duzentos Centros Culturais da Juventude filiados à Confederação. Para que os seus associados as leiam, as meditem, pondo-se de sobreaviso, e redobrando os seus esforços na obra serena, firme, imperturbável, perseverante da construção de suas próprias personalidades como fundamento da construção do Brasil de Amanhã.

# VI

# EDUCAÇÃO

TODOS os problemas do Brasil se reduzem, afinal, ao problema da Educação. A instabilidade política, a desordem social, a negligência não só nas atividades administrativas como no processo de trabalho nos diferentes ramos profissionais, tudo tem por única origem a ausência de uma obra sistemática de formação da consciência popular no sentido da compreensão das responsabilidades de cada qual.

A própria instrução pública, desde os gráus primário e secundário ou superior e às especializações técnicas, ressente-se do fundamento primordial da Educação. Confundem-se no Brasil essas duas coisas tão diversas: **Instrução** e **Educação**. Jugamos preenchidas as necessidades desta, pelo fato de possuirmos um Ministério de Educação e, em cada Estado uma Secretaria de Educação, órgãos êsses que comandam universidades, liceus, escolas primárias, museus e pinacotecas.

Tal aparelhamento não passa, entretanto, de meios de Instrução; e Instrução é coisa muito diferente de Educação. Aquela tem por fim enriquecer a inteligência, esta objetiva formar o caráter. A cultura de um povo mede-se pelo gráu de equivalência e de inter-comunicação entre o acervo dos conhecimentos científicos, literários, artísticos e técnicos e o conjunto de idéias baseadas num conceito de vida pessoal e de destinação nacional inspirado em nítida concepção do Universo e do Homem e norteado para o futuro segundo o rítmo da tradição histórica.

* * *

Um povo pode ser instruído e não ser culto, isto é, não possuir a consciência do que representa, nem de onde veio e para onde vai. Desconhece inteiramente as normas de procedimento que lhe convém. Está sempre à mercê de idéias, muitas vêzes oriundas do estrangeiro e contrárias aos seus interêsses vitais, mas cujo fascínio se exerça pelo poder da propaganda mais poderosa. É êsse um povo sem defesa orgânica, sujeito a infecções letais que o destroem.

Cultura é, pois, Instrução aliada a Educação. Esta forma o caráter nacional, formando, primeiro, o caráter de cada um dos membros da coletividade pátria. A própria Instrução nunca será perfeita, se instrutor e instruendo não se armarem de uma consciência de responsabilidade, guiada por irredutíveis normas de procedimento.

A regra das ações, como acentuou Farias Brito, depende da aceitação preliminar do que assentarmos como verdade.

Ninguém pode dirigir-se, desarmado de princípios que lhe sirvam de equilíbrio interior a refletir-se nos atos exteriores. Quando dizemos de um homem que êle é "bem formado", ou que "tem boa formação", queremos significar que êsse homem possui moral embasada em uma ou algumas idéias de que não abre mão, em hipótese alguma, porque essa ou essas idéias, transformando-se em sentimentos, fazem parte de sua própria personalidade. Nêsse homem podem confiar, sempre que êle aceita qualquer encargo, porque de antemão sabemos que nunca se afastará de atitudes condizentes com as suas convicções. Diante de cada problema, sabemos, sem o consultar, o seu parecer, uma vez que êste deriva de princípios imutáveis.

Quando, porém, uma pessôa não possui um

conceito de vida, que tenha por verdadeiro e ao qual seja fiel, ninguém sabe o que ela pensará, ou resolverá, diante de qualquer problema. O seu guia será o interêsse material imediato. Em vez de perguntar: "qual das soluções consulta o pensamento que me norteia na vida", o indivíduo sem convicções pergunta: "qual das soluções me será mais rendosa?"

Temos, assim, um oportunista, um indivíduo que adota a filosofia do êxito material imediato, ou seja da conquista de empregos, de dinheiro, de gloriolas e mandonismo.

*

* *

Um país constituído de pessôas dêsse feitio, de homens e mulheres disponíveis, inteiramente ao sabôr dos acontecimentos e das seduções da fortuna, é um país sem unidade moral, onde todos os planos de realização coletiva são precários e tôdas as organizações sociais ou políticas são instáveis.

No Brasil temos chegado a essa triste condição. Se apreciarmos o panorama político, vemos uma infinidade de homens sem fidelidade partidária, mudando de partido como mudam de camisa, não por haverem chegado à alguma conclusão de ordem filosófica, mas pelo fato de procurarem um êxito mais fácil às suas ambições e desejo de subir pelo caminho mais curto. Vemos homens eleitos por um partido passarem-se a outro sem renunciar as suas cadeiras, sob o pretexto deslavado de que foram eleitos pelo povo. Vemos outros que eleitos por dois ou três partidos para o cargo de governador declararem que não têm compromissos com nenhum dêles, porque foram candidatos do povo, o que não passa de cínico sofisma, a burlar não só a lei eleitoral que estabeleceu legendas, mas o próprio povo

perante o qual o referido candidato se apresentou como portador de certas idéias consubstânciadas nos programas dos partidos agora renegados. Vemos ainda outros estabelecerem dissidência nos partidos a que pertencem, quando êstes se colocam em oposição e o poderoso do momento acena com propinas ou negociatas aos capazes de transfugir aos compromissos da sua grêi. E vemos, ainda, homens que ontem defenderam certas idéias, erguerem-se hoje como acérrimos opositores deles visando com isso proventos indecorosos.

*

* *

O povo, por sua vez, já não pede credenciais de doutrina ou postulados programáticos, porém os bens imediatos, que agradem ao estômago ou à sensualidade, ainda que para benefício dos coevos haja de sacrificar-se o futuro dos pósteros. Promessas de empregos, distribuição de macarrão ou de feijão, espórtulas e mata-bichos, doações a clubes esportivos e recreativos, convescotes e regabofes, bandas de música e festins de civismo saturninos, eis o com que se engordam e tangem massas eleitorais.

Confundiu-se democracia com relaxamento de costumes e falta de civilidade, a tais extremos montantes que os homens de Estado não se pejam de discursar às massas em mangas de camisa, ou intelectualmente descamisados encarrilham tropos de pura gíria falando, para lisongear o vulgo, em linguagem de arrieiros sem respeito nem pela verdade, nem pela gramática. Dessa forma, em vez de procurar a elevação espiritual do povo êsses políticos o degradam e rebaixam, descendo êles próprios aos níveis mais reduzidos da dignidade oratória.

Nêsse ambiente, os partidos não encontram estabilidade. Além de numerosos, partem-se e multipartem-se consoante os interêsses regionais de cada Estado e, no âmbito de cada Estado, subdividem-se em facções que flutuam segundo a maior ou menor aderência governativa de seus comparsas. Além disso, temos de assinalar os casos em que tais partidos elevam à governança algum correligionário. Êste, pilhando-se no alto, assume os ares do cargo e, esquecendo os compromissos, trata de costurar colchas de retalho com a bemquerença dos partidos que lhe foram opositores, método pedagógico êsse que vai desfibrando o caráter dos cristãos novos e arrefecendo o estímulo da guarda-velha, com insinuação evidente de gerais descompromissos e descaso absoluto por princípios doutrinários.

Não há, portanto, em nosso mundo político, nenhum sentido de responsabilidade. Tudo alí é flutuante, nada tem profundidade e firmeza. Numa palavra: não há caráter político. E não há caráter porque não há Educação. Por conseguinte, a obra que se nos impõe, se quisermos construir uma Pátria consciente, digna, forte nas suas convicções, é a obra urgente, imperiosíssima, da Educação.

*

* *

Porque se passarmos do panorama político ao do exercício das profissões e dos empregos, notamos a mesma irresponsabilidade, a dominar tudo e todos. É olhar e vêr: são comerciantes a roubar no pêso e no prêço; industriais a contrafazer produtos, chegando a extremos de falsificar até medicamentos; operários a praticar sabotagem; lavradores a descurar suas terras e a descuidar da boa qualidade de seus frutos; advogados a chicanear; escrivães a co-

sinhar autos em gavetas; juizes a protelar despachos; médicos a jogar com a vida alheia por desatenção ou negligência; arquitetos, com mais olho à comissão do que à estabilidade do edifício e à economia do cliente; farmacêuticos omissos no pêso ou no respeito às formulas consoante a margem do lucro; dentistas a fazer obras de alfaiates e alfaiates peritos em obras de Santa Engracia; marceneiros, sapateiros, ferreiros e mais artífices, especializados em entregar seus primores de mau acabamento no dia de São Nunca; estudantes exímios em gazetas e cólas; professores que deitam água benta a alunos asnáticos, para que o colégio ganhe fama de máquina elétrica aos olhos de pais insensatos, e catedráticos de vista grossa e ouvidos moucos, incapazes de distinguir entre os examinados aquêles que saem pelas portas das Faculdades escondendo as orelhas sob o capêlo e edificando ignaros com orneios doutorais.

Essa desordem generalizou-se, desde a incompetência dos chamados sábios à inabilidade dos automobilistas que transitam como perigos públicos em velocidades assassinas de arrancar árvore e postes. E, num ambiente como êsse, em vez de se cogitar de centros de cultura moral, estimulam-se os instintos primitivos em torneios coreográficos de senzala e taba, a extrovertér a própria desordem que lavra pelas almas.

Todos são irresponsáveis. Ninguém pode confiar em ninguém. Um plano diabólico acelerou nos últimos tempos a dissolução das responsabilidades e da própria consciência das personalidades. A tal ponto que os rapazes se afeminam em exibições plásticas de Ganimedes praianos e as moças se masculinizam na desenvoltura holiudesca de garçonas despreconceitualizadas. Os velhos disfarçam as

cans erigindo-se em leões da Avenida e fáunos aposentados com fumaças de validez, associando-se em convívios tiberinos de apartamentos onde se não leem, nem por sombras as páginas do Eclesiastes.

Quando se chegou a tal ponto, com proliferação exuberante de negociatas, tranquibérnias, câmbio negro e existencialismo com Sartre na ordem do dia e a pecha de fascista para tudo o que seja moralidade e moralização, francamente podemos dizer que atingimos o fundo daquêle abismo que nos anunciavam os oradores coetâneos de nossos avós.

*

* *

A obra da Educação não é obra burocrática de Ministérios e de Secretarias. É emprêsa em que se devem empenhar todos aquêles que ainda não hipnotizados pelos Simãos Mágicos da hora que passa, ardem de patriotismo no ensejo de redimir a Nação, de apontar-lhe o caminho da honra e de chamar o povo brasileiro à dura realidade do seu deplorável quadro social presente.

E essa é a obra a que devemos meter ombros, a ela dando tudo, porque se não realizarmos, podemos dizer, com segurança, que tudo por nós foi perdido. Reerguer nossa Pátria pela educação do nosso povo: eis o que exige a tradição do nosso Passado e os deveres que nos ocorrem perante o Futuro. Isso transcende à política e aos partidos; é cometimento difícil e portanto para homens corajosos; é ideal grandioso e, por conseguinte, ideal digno de grandes homens.

# TEMAS ATUAIS

# I

# CRISE DE AUTORIDADE E DE RESPONSABILIDADE

NENHUM dos nossos patricios póde estar satisfeito com a situação atual do Brasil e do mundo. Todos os problemas estão em aberto, governantes e governados mostram-se descontentes uns com os outros. As recíprocas recriminações multiplicam-se. O número de críticos é muito maior do que o dos realisadores. Os créditos de confiança cada vez são mais limitados em favor daquêles que pretendem fazer alguma coisa. A dúvida impera em todos os espíritos. E, nessa terrível atmosfera, proliferam as lutas estereis, exgotando os nervos em intermináveis crises e abrindo campo ao germe da desordem.

Cumpre-nos, diante dêsses males, pesquizar as suas causas. Examinando bem a fundo a questão, veremos que as causas reduzem-se a uma causa. O mundo sofre hoje (e o nosso país de modo tão evidente) de uma crise de autoridade e de responsabilidade.

Quando digo "autoridade", estou vendo os homens superficiais a supôr que me refiro a "govêrno", a "Estado", a "regimen", a "ordem pública". Não; a autoridade de que falo é a decorrente de expressão dos valores legítimos de competências específicas. Ela pressupõe uma hierarquia de assuntos, de conhecimentos e de técnica, estabelecendo não apenas a classificação gradativa dos temas hoje propostos às nossas angustias, mas também conferindo poderes aos mais capazes nos limites que lhe são próprios.

*
* *

Ha dias, em São Paulo, tive oportunidade de conversar com um dos homens mais interessantes e esclarecidos da geração imediatamente anterior à minha e impressionou-me a maneira como êle principiou a tratar os problemas que versámos durante mais de três horas. Estava eu diante de um economista ilustre, um poligrafo, um brasileiro com rara capacidade administrativa e, sobretudo, um espírito universal, cuja cultura abrange as atividades intelectuais de todos os povos. Pois bem; êsse homem principiou o primeiro capítulo da nossa palestra, que em seguida se desenvolveu através dos mais variados temas econômicos, sociológicos e políticos, perguntando-me se eu não achava errôneo e nociva a concepção que se forma hoje a respeito da criança moderna em relação à criança de todos os tempos. E, antes que eu lhe respondesse, acrescentou: "A criança de hoje é absolutamente igual à de hontem e à de sempre; o êrro está em se antecipar à idade conhecimentos da vida familiar e social que determinam verdadeiras deformações psicológicas, pela apreciação de assuntos não condizentes com a capacidade de juizo e raciocínio da quadra pueril". E comentou exemplificando: "Os pais, ou os adultos da família, discutem hoje na presença das crianças fatos relacionados com a economia doméstica e até com dissenções dos conjuges ou dos parentes; essas crianças percebem mal, interpretam mal, julgam mal e assim se habituam, quando atingida a idade adulta, a inverter a hierarquia das competências em matérias as mais diversas; desaparece hoje a autoridade dos pais e dos mais velhos, e amanhã desaparece todo o princípio da ordem social".

A observação era profunda, sob todos os aspectos. Realmente, ela nos oferece o fio pelo qual conseguimos penetrar todo o labirinto da desorganiza-

ção moderna. Compreendemos o motivo pelo qual desprezamos a experiência dos mais velhos, julgamos incapaz e decadente, inapto para resolver os problemas da atualidade, justamente aquêles que atingiram a plena maturidade cerebral, a completa formação do seu espírito; e compreendemos porque os povos chamados "novos" desprezam as formas de cultura e de civilização milenarias, rindo dos séculos, rindo da História, como se êles — os ingenuos — tivessem conquistado em poucos anos algo que se possa comparar ao que foi adquirido numa longa marcha humana, através de dilatados períodos históricos; e, ainda, compreendemos os motivos pelos quais as especialisações científicas (e até as especialisações da técnica...) pretendem tornar-se centros do mundo, transformando em princípios gerais, impositivos, restritas normas de meros processos.

*
* *

Desaparece, dia a dia, a categorização e a hierarquia dos valores. Desaparece, já não digo o "princípio", mas o sentimento da autoridade, a sua compreensão como fundamento de tôda a ordem. Desaparece a responsabilidade, uma vez que a competência para o seu exercício pode ser improvisada por um golpe de aventura ou pela invenção de um parafuso a aperfeiçoar um instrumento. E os povos vão caindo na confusão e na anarquia.

Essa anarquia caracteriza-se por atitudes as mais disparatadas. O físico pretende resolver questões teológicas; o matemático quer dar solução a questões sociológicas; o médico dá lições de direito e o advogado de engenheiro; o alfaiate mete-se a sapateiro e o sapateiro a relojoeiro e o jornalista

pontifica em tôdas as matérias. Os moços como escreveu Rui Barbosa, "campam de velhos" e os velhos, abdicando da dignidade da sua experiência, ficam a servir de instrumentos aos despauterios dos insensatos. É a crise absoluta da autoridade. Como resultado, a ausência da responsabilidade.

Todos sabem tudo e ninguém sabe nada. Todos são autoridade, mas ninguém é respeitado. Todos assumem ares de responsáveis e ninguém cumpre os deveres da arrogada competência. Todos governam e ninguém obedece. Todos criticam e ninguém faz. É a desordem, a desonestidade, a loucura.

*
* *

Dentro dessa confusão, o sentimento doloroso da decadência. Não havendo mais a hierarquia dos valores, que deve principiar pelo valor do Espírito, o predomínio é o da fôrça bruta. Manda quem pode: o mais rico, o mais forte, o mais audaz, aquêle emfim que por circunstâncias puramente ocasionais possui os elementos materialíssimos com que se exerce o predomínio pelo uso dos recursos técnicos. Êsse totalitarismo dos que mais podem cria uma mentalidade fatalista que submete os mais puros valores da personalidade humana ao jugo dos triunfadores vasios. E aquela admiração pela Fôrça, pelo poder físico a imperar nos territórios morais, admiração condenada pelo Papa Pio XI quando a apontou como o supremo mal do nasismo, torna-se o magnetismo empolgante a preparar a psicologia específica dos conformados, dos inermes rebanhos nacionais que se irracionalisaram no automatismo dos gestos, das atitudes e dos delírios sonambulicos.

As gerações de hoje nascem velhas. Não tive-

ram infância nem juventude, porque não conheceram a hierarquia dos assuntos relacionados com as sucessivas quadras do desenvolvimento. São frutas verdes, de amadurecimento forçado em estufas onde muitas vezes, em vez de amadurecer, apodrecem. São gerações tristes, com a noção de que, em chegando aos trinta ou quarenta anos estarão velhas. São gerações fatalistas, incapazes de reagir contra os agentes escravisadores, antes conformando-se ao seu domínio.

As multidões, mecanisadas pelos hábitos da preguiça mental longamente estimulada pelos processos deformadores das historietas em quadrinhos e dos títulos berrantes das gazetas, movem-se ao sabor do rádio e dos cartazes produzindo a panacéa anti-democrática e despotica dos votos das massas, que guindam ao poder os tipos mais semelhantes e conformes à sua mentalidade ignara. E, então, temos nos postos administrativos, a incultura e a irresponsabilidade travestidas de improvisada sabedoria. Quanto aos parlamentos vemos nêles questões de direito discutidas por ajudantes de pedreiro, questões de economia por poetas e questões pedagógicas por merceeiros.

A isso se chama democracia, govêrno do povo, regimen das liberdades, quando deve chamar-se "ignarocracia", govêrno dos tolos, regimen da opressão do bom-senso pela estultice dos contemplados na roleta das urnas. E não é para admirar-se que todos os problemas graves da Nação fiquem insolúveis e que tudo se espere do estrangeiro. Andam todos com os olhos no que fazem os líderes políticos mais favorecidos pela propaganda das agências telegráficas e das revistas ilustradas; andam todos rebuscando frases pronunciadas em língua exotica e se embasbacando diante de conceitos acacianos tidos

por novidades superfinas porque sairam da boca de algum figurão internacional. Esquecem-se os que assim procedem de que lavra, também, no mundo, essa enfermidade do século que se origina da subversão de todos os valores, da confusão das competências, da desordem geral dos espíritos.

* * *

Mais do que nunca, o nosso problema fundamental (problema do Brasil e do mundo) é o problema da ordem. Mas a ordem pressupõe hierarquia dos assuntos e das competências, numa palavra, a restauração da autoridade e da consciência das responsabilidades.

O envelhecimento precoce do mundo, evidenciado na incapacidade humana de solucionar as questões vitais da humanidade, só pode ser evitado, enquanto é tempo, mediante o ressurgir das fôrças criadoras de cada Nação e, dentro destas, de cada homem. Pois juventude significa, não medida cronológica, idade tabelada pelo calendário, mas poder imaginativo e volitivo, determinando a criação de formas renovadas da expressão social, pelas quais se perpetúa a essencialidade imutável do princípio vital e das permanências humanas nos indivíduos e nos povos capazes de conservar o esplendor da sua energia animica.

Um homem cronologicamente velho, póde ser espiritualmente moço, ao passo que um homem ainda jovem, pela idade, póde ser um velho pelo espírito, isto é, pela incapacidade criadora e de reação contra a standardização dos tipos sociais e do estilo de vida imposta pelos detentores dos meios mais eficientes de propaganda. E isso se dá também com

as Nacionalidades. Uma Nação póde ter sido fundada recentemente, o seu território póde ter sido povoado em poucos séculos, sem que entretanto seja uma Nação jovem. Se ela se conforma com o modo de ser de outros povos, é porque não possui faculdades de auto-construção, de afirmação e expressão originais. Ora, o que significa juventude é justamente êsse poder de crescimento harmonico, em que o indivíduo assimila subordinando as novas celulas à euritmía personalisadora do seu próprio sêr; numa palavra, juventude é capacidade de manutenção do estilo próprio através do processo da renovação constante. Por conseguinte, quando um povo começa a viver de imitação, quando um indivíduo principia a submeter-se às formas sociais e ao teôr de vida engendrados por outros, êsse povo ou êsse indivíduo perderam a energia vital e, por conseguinte, envelheceram.

*
* *

Para mim, a medicina primordial de que necessitamos nesta hora trágica do mundo, é a da recuperação da juventude dos indivíduos e dos povos. Será essa juventude que poderá restaurar o sentido da autoridade e da responsabilidade, a hierarquia dos valores, a ordem nos espíritos como fundamento de tôda ordem social e internacional.

Que poderemos esperar do Brasil e do mundo, se as novas gerações continuarem a ser educadas para a mecanocracia, que é a forma mais terrível e detestável do totalitarismo que hoje impera no mundo? Como esperar algo do Futuro, se fabricamos homens em série, como automóveis e relógios? Há hoje um desequilíbrio cada vez mais acentuado nisto a que chamamos "civilização"; êsse desequilíbrio

origina-se do fato de, ao mesmo tempo que alarga seus domínios o poder criador da técnica, restringe-se, anula-se o poder criador dos rítmos sociais condizentes com as novas circunstâncias impostas à vida humana. A sociedade humana involui moralmente, enquanto evolui técnicamente.

Assistimos ao espetáculo degradante da progressiva atrofia e anulação do Homem. O Homem avilta-se, destroi-se. Julga ser um gigante porque produziu a Máquina, o vasto instrumental do experimentalismo e da pesquiza cientifica, os meios de construir e destruir. Mas na realidade torna-se um titere que não exerce govêrno sôbre os seus próprios movimentos. Quanto mais domina a natureza exterior, menos orienta, administra e governa a si mesmo.

Urge, pois, como preliminar de qualquer solução aos angustiosos problemas que afligem êste século, re-educar o Homem, restaurar-lhe a dignidade, reacender nêle a chama da juventude criadora. Essa re-educação terá por base êstes dois têrmos: autoridade e responsabilidade.

# II

# AS CAUSAS DA IRRESPONSABILIDADE

O problema fundamental do Brasil ainda é e continuará a ser o da educação nacional. Tôdas as questões que se apresentam desafiando a solução por parte dos homens públicos tornam-se absolutamente irresolúveis pela ausência de um espírito nacional formado sob a inspiração de idéias claras e nítidas capazes de orientar os intérpretes e os executadores das leis e das normas administrativas pre-estabelecidas nos setôres do govêrno ou das mesmas emprezas de iniciativa privada. Essas idéias inspiradoras não precisam ser muitas, nem necessitam envolver complexidades de alta indagação filosófica. Uma Nação se conduz com três ou quatro conceitos de existência, de direito e de deveres. E é justamente o que falta ao povo brasileiro.

Ou seja pela influência das variadíssimas correntes imigratórias, trazendo cada qual o tom da nacionalidade própria e a soma dos prejuizos inerentes a velhas civilizações, e trazendo, principalmente, o objetivo imediato de "fazer a América", sem nenhum liame histórico a prendê-las ao vigamento principal da tradicionalidade do nosso país; ou seja pela rápida transição de uma economia primitiva para o rítmo acelerado de novas condições técnicas; ou seja por fôrça da crise econômico-financeira que aperta as suas tenazes comprimindo os orçamentos domésticos agravados, dia a dia, pela transformação do superfluo em elemento de primeira necessidade, — o fato é que o brasileiro de hoje transformou-se num utilitário grosseiro, interpretando tudo e tudo resolvendo de acôrdo com seus interêsses particulares e suas mesquinhas ambições.

No fundo, o nosso patrício é um homem sem fé, que sòmente se agita no sentido de ganhar dinheiro, ou conseguir empregos rendosos, ou prestígio político e social. Em tudo o mais é um abulico, um fatalista, que se deixa levar pela corrente dos acontecimentos, procurando sempre colocar-se do lado daquêles que lhe podem oferecer maiores vantagens ou, pelo menos, a vantagem de se sustentarem o maior tempo possível nas posições de mando.

*

* *

Principiámos esfriando a nossa crença em Deus, porque não tinhamos tempo de pensar n'Êle, ou de dedicar-lhe alguns minutos de meditação, no meio do tumulto da vida praticável; e, assim, acabámos frigorificados espiritualmente, com a consciência endurecida como o gêlo, o que, de certa forma representava uma vantagem no mundo dos negócios, onde sempre é bom adotar-se o conceito nitzcheano, ou wildeano, de uma atitude acima do Bem e do Mal...

Depois, o enrigecimento glacial atingiu as zonas do sentimento patriótico, e ninguém mais pensou na Pátria senão como uma figura de retorica para os comícios eleitorais ou para os arrazoados das iniciativas industriais ou financeiras onde se prova sempre por "a" mais "b" que o negócio proposto é de primeiríssima ordem para os interêsses nacionais...

Finalmente, petrificaram-se os corações pela pressão congelante do egoismo, abrangendo essa hibernal atmosfera a consciência dos deveres para com a Família; e, então, os lares se tornaram instáveis, o destino dos filhos um assunto subalterno, o

decoro conjugal um reles preconceito do passado, a própria honra individual uma ficção sem a menor importância.

*
* *

A essa altura, já lavrava, em todos os setôres das atividades humanas em nosso país, a mais desbragada irresponsabilidade, desde a dos homens da alta finança, mancomunados em grupos e a exercitar manobras subtilíssimas de ganhos astronômicos, até ao negociante que mistura ao leite e ao vinho a água das torneiras, por sua vez infecta como tudo o que se oferece ao consumo público. A inexação dominou os funcionários das repartições governamentais, sedentos de gorgetas e de propinas, cujas personalidades se modelaram ao espelho de seus chefes, de quem a prestidigitação aplicada à arte de desviar dinheiros do erário para o próprio bolso já se havia tornado popularmente conhecida. Por outro lado, a indecorosa manobra dos partidos políticos, transformados em máquinas de fabricar posições, empregos e negociatas, correu parelha com o despudor da compra e venda eleitoral, nessa bolsa dos desvalores das urnas democráticas, onde palhaços e chantagistas logram fazer impudente cartaz e colher resultados espetaculares.

Nêsse panorama de irresponsabilidade geral, não poderia ficar isento da infecção contagiante o próprio trabalho dos que ainda se tinham em conta de honestos; e, dessa forma, a olhar para o exemplo dos grandes, os pequenos perderam todo o estímulo da dignidade, clamando por maiores estipendios, mas esquivando-se ao esfôrço produtivo. Consequentemente, com o encarecimento da vida, tivemos a onda de mau estar em tôdas as classes dos degraus médio,

sub-médio e proletário, com a agravação do estado de espírito do mais feroz utilitarismo.

De alto a baixo, o Brasil está infeccionado de materialismo e de imediatismo e, ainda mesmo quando nos boquiabrimos diante dos arranha-céus e do estridor das fábricas, das realizações materiais e dos prospectos de radioso futuro, não podemos deixar de inquietar-nos percebendo que, de ano para ano, somos mais inconscientes, mais fatalistas, mais automatos, menos capazes de fé em quaisquer princípios dêsses que serviram de base, por exemplo, ao surto econômico e industrial dos Estados Unidos nos meiados do século XIX.

O estágio econômico-financeiro do Brasil nesta metade do século XX é — guardadas as proporções do moderno aparelhamento industrial e da técnica dos nossos dias — o mesmo da grande Nação setentrional da América naquêle tempo; mas no século XIX, os Estados Unidos, máu grado a formação dos grupos financeiros que então lá se esboçavam e do pragmatismo das avançadas no rumo do Far West, conservavam e alimentavam aquelas idéias que haviam servido à formação da sua consciência nacional. Principalmente as idéias da moral puritana, que fortaleciam a noção dos deveres perante Deus e perante a Pátria, eram bem vivas e ativas no pensamento e na palavra, na atitude e no exemplo dos estadistas, assim como no íntimo da alma do povo.

O problema, pois, do Brasil de hoje é inegàvelmente educacional. Sem se lançar uma larga campanha nêsse sentido, para reativarmos as poucas energias ainda presentes em hora tão desfavorável, iremos ao léo dos acontecimentos internos e externos e não podemos prever se terminaremos uma colônia russa ou americana, ou qualquer coisa informe e indefinida como as Indias ou o mundo árabe.

*
* *

Essa campanha educacional deve penetrar o seio das famílias, deve agir nas escolas, deve alargar-se às massas populares, deve — acima de tudo — injetar nas elites intelectuais a noção dos deveres para que não se estiolem os escritores, os pensadores, os filósofos, os juristas e os economistas, nessa vil submissão de vassalagem aos poderosos, vicejando como cogumelos à sombra de aventureiros políticos ou de indivíduos ôcos guindados a altas posições pelo dinheiro ou pelas circunstâncias fortuitas do jogo de azar dos partidos; mas para que assumam pela palavra e pelo exemplo a liderança de um povo em franca disponibilidade, tanto para o Bem como para o Mal.

Como sustentarmos o regimen democrático, se a permanência dêste exige íntimas convicções doutrinárias e o conhecimento da técnica mediante a qual êle funciona?

Nada se ensina ao povo; só se desensina. Os jornais cretinizam as massas com grossas manchetes sôbre crimes e futilidades. Os comentários políticos são superficiais e trazem a eiva dos corrilhos partidários. Nas escolas, nada se diz sôbre os deveres dos cidadãos. E o exemplo geral dos responsáveis é o paradigma trágico determinando o mimetismo de uma multidão sem ideal, sem espírito, sem alma.

# III

# NA HORA DOS ESCANDALOS

NÃO basta destruir o que é máu; é preciso construir o que é bom. A formação da consciência de um povo não se processa pelo incitamento das fôrças negativas, mas pelo cultivo e pelo estímulo das energias afirmativas. (1)

O "máu" já é, êle próprio, o resultado de um longo processo de negações coletivas; e quando os resíduos de virtudes, que não entraram ainda na fusão de que procede a psicologia uniforme do grupo social, dão-se conta dêsse "máu", é mister evitar sejam as derradeiras expressões do "bem" e do "bom" desviadas da linha do seu legítimo desenvolvimento, numa luta em cujo fragor se consomem os elementos positivos de construção.

Empenhando-se o "bom" na batalha contra o "mal", corre o perigo de abandonar seu principal objeto, tornando-se apenas um têrmo na equação do contraste, pela perda do sentido superior que lhe é próprio.

*

* *

Os povos, como as personalidades superiores, sabem que o mal não se destrói de outra maneira senão realizando o bem e ampliando as áreas do seu império.

Essa realização das formas belas, puras e boas da existência, começa individualmente em cada espírito, soma-se a outras, produzindo-se a expressão típica dos agrupamentos humanos conduzidos pelas aspirações mais elevadas.

Então, o bem triunfa sôbre o mal, não pela agressão, mas pela substituição.

*
* *

Parece estranho escrever e fazer lêr estas palavras, numa hora em que há fatos na vida de um povo, que estão a reclamar ingente combate e corajosas campanhas.

Não nego, porém, nem a urgência de uma luta imediata nem o valor da coragem que distingue os lutadores contra escândalos vergonhosos que nos degradam. O que pretendo dizer é que, além da necessidade imediata de romper a ofensiva aos males, impõe-se dar ao povo o sentimento e a consciência dos nobres ideais construtivos.

A êsse mesmo povo, que revela instintivamente um potencial de justiça no seu coração, é preciso dizer — com maior audácia e mais rude franqueza do que as empregadas nas arremetidas contra o mal — uma palavra forte e sincera. É preciso dizer-lhe que o "mal", ou o "máu", cuja impudência lhe provoca as iras, não é outra coisa senão o seu próprio espelho.

Os homens públicos, os estadistas, os políticos, os escritores, os jornalistas, os banqueiros, os comerciantes, os funcionários, são frutos da árvore que se chama povo. Seria negar a irrefutável influência do meio, admitir que êsses expoentes da coletividade obedecessem a impositivos psicológicos e morais diversos do agrupamento em que nasceram, se desenvolveram e se realizaram.

Por conseguinte, destruir ou tentar destruir qualquer dêsses tipos representativos da sociedade a que pertencem, é tão inútil ao saneamento nacional como pretender matar môscas a tiros de pistola.

*
* *

O essencial é ensinar o povo a ser idealista; a reputar as exclusivas e mesquinhas preocupações materiais; a dedicar-se às nobres causas do bem comum; a dar valor aos homens de virtude; a considerar mais o caráter e a moralidade do que o dinheiro e as posições brilhantes; a amar a sobriedade, a austeridade; a enaltecer os que se sacrificam, na pobresa, nas adversidades e no infortúnio, para sustentar o pendão dos altos sonhos arrebatadores; a estimar mais o trabalho do que os proventos, mais a honra do que a comodidade ou a ostentação; a desprezar o luxo e as fátuas grandezas; a detestar a ociosidade; a execrar a sensualidade; a repugnar a inutilidade; a repelir a irresponsabilidade; a proscrever a covardia, a preguiça, a molesa, a indiferença, o fatalismo; a apegar-se às tradições da Pátria e pela Pátria cultivar as virtudes vivificadoras.

*

* *

Um povo que se deixou dominar pelo egoismo e pela exclusiva preocupação do confôrto; um povo que só produz homens e mulheres sedentos de prestígio social que se mede pelo dinheiro auferido em negócios ou mediante ordenados astronômicos em repartições públicas ou cargos eletivos; um povo que se constitui de indivíduos que só pensam em arranjar emprêgos e sinecuras de tôda a espécie, aumentos de vencimentos, com arrecadação de atrasados colossais; um povo constituido de sonegadores de impostos e falcatrueiros do comércio e da indústria; um povo que se dirige em massa para as grandes capitais repudiando a vida sã do interior do país onde já não é "chic" morar; um povo em cujos lares os pais não ensinam aos filhos as noções dos deveres

e a lição do ideal, mas só lhes falam em ganhar dinheiro; um povo, em cujos estabelecimentos de ensino os professores são coagidos a dar média e a aprovar analfabetos e incompetentes; um povo absorvido pelo Carnaval, pelo futebol, pelo cinema e pelas boátes; um povo que se deixa conduzir pelo fogo de artifício dos demagogos e que deixa de lado os valores morais e culturais que ainda repontam do seu seio; um povo que vota por sugestão dos cartazes, do rádio e todos os instrumentos técnicos manobrados pelo dinheiro dos financiadores de candidaturas; um povo assim não pode produzir senão aventureiros e escândalos públicos que se multiplicam indefinidamente.

*
* *

A grande campanha desta hora é a do aproveitamento das fôrças morais que ainda nos restam num esfôrço supremo de criar uma nova mentalidade.

Estou nesta luta há 20 anos; nela me tenho consumido, nela continuarei. Porque se minha voz encontrar éco no coração da juventude, tenho certeza de que o Brasil se salvará.

Uma Pátria se constrói devagar e com firmeza. E eu creio nas imensas possibilidades do povo brasileiro, hoje degradado pelos máus, mas amanhã elevada, redimida, ressuscitada pelos bons.

# IV

# DO PRAZER DE DESTRUIR
# À GLÓRIA DE CONSTRUIR

SE observarmos a vida brasileira no curso da nossa história, verificamos que os momentos de construção foram sempre fugazes e restritos apenas a certas zonas da opinião pública, ao passo que os momentos de destruição abrangeram largas áreas de tempo e de espíritos.

Seria longo rememorar a intermitência dêsses períodos positivos e negativos, desde a Independência à Regência desde esta à Maioridade, e depois até à guerra do Paraguai, e a questão militar, e a República, e nesta os episódios nos sucessivos quatriênios. O que se evidencia, à primeira vista, quando nos demoramos a apreciar o processo de formação da opinião pública, em todos os momentos que poderemos chamar sensacionais da nossa existência de povo, é o prazer do nosso povo quando se trata de destruir a reputação dos nossos homens públicos. Uma campanha de caráter construtivo, seja no campo das realizações materiais, seja na esfera mais elevada do reerguimento moral, ínteressa profundamente a poucos; e, quando logra interessar superficialmente a muitos, atingindo mesmo a expressão de um movimento de amplitude, o fenomeno é passageiro, carecendo da fôrça mantenedora da continuidade. O esfôrço, exigindo a mobilização psicológica das energias nobres das personalidades, dentro em breve fatiga e exaure. Mas, se se trata de uma campanha de caráter destrutivo, que traga às massas populares o excitante do escandalo, despertando os instintos inferiores, êstes agem sob as aparências de aspirações idealistas, mantendo o tonus do interêsse e a infatigabilidade das atenções e dos comentários.

Tem-se a impressão de que o nosso povo se sentiria imensamente infeliz se não tivesse, para o seu deleite, o espetáculo frequente das imoralidades administrativas, processos ruidosos onde alguém se faça o alvo dos libelos fulminantes, inquéritos pontilhados de peripécias em que se possa acompanhar minuciosamente a degradação dos indiciados, até ao ponto em que a sensualidade da platéia logre atingir a sublimação dos espasmos.

Não entremos no mérito dessas questões cujo simples enunciado revela a degradação de um povo. Nem cometamos a injustiça de negar aos investigadores de tais meandros o mérito de, pelo menos, evidenciar a uma sociedade decaída os índices da sua própria miséria. O que queremos tornar claro é isto: o povo brasileiro tem o prazer sadico da destruição.

Êsse prazer se encontra em tôdas as manifestações da vida quotidiana, desde a volúpia com que se rasgam a gilete os estofos das poltronas nos cinemas, ou a canivete se escalavram os bancos das praças públicas, ou se riscam os elevadores, ou se emporcalham os trens e os bondes, até à volúpia mais refinada com que, nas rodas elegantes ou plebéias, às mesas dos bares ou das boátes, no transito dos lotações ou nas salas fidalgas, se comentam reais ou hipoteticos desfalques, negociatas, adultérios, malversações de dinheiros públicos, protecionismos vergonhosos ou indignidades políticas.

O nosso povo se esquece de que os índices expressivos da vida familiar, social, comercial, administrativa e política procedem dêle mesmo, dêsse mesmo povo cuja decadência permitiu a existência de tudo o que é máu. E nêsse próprio deleite, a que se entregam milhares de assistentes das sordidas comédias e tragédias do teatro de fantoches a que

se reduziu a vida brasileira, nêsse próprio deleite existe, subconscientemente, uma secreta afinidade com a própria essência do mal.

A sucessividade de escandalos e de inquéritos que assinala a vida pública do nosso país nêstes últimos tempos; a quantidade de transações e de facilidades que não chegam à tona das inquirições mas que são do conhecimento público; o desregramento de vida de uma sociedade inteiramente pôdre; a irresponsabilidade geral que se manifesta desde o alto funcionalismo até aos contínuos de repartição, e desde os chefes de indústria e de comércio até aos empregados e operários, e desde os professores aos alunos, nos estabelecimentos de ensino; êsse reino da propina, da gorgeta, da chantagem e das acomodações indecorosas, tudo isso por desgraça nossa, em vêz de constituir motivos para uma atitude de restauração dos valores morais e de decidida construção nacional, ao contrário, não passa de objeto de deleite e de volúpia, e nada mais.

Examinando pelos processos psicanalíticos (pois como processo podemos aceitar, até certo ponto, as observações de Freud) notamos que o nosso povo goza os males de que sofre, encontrando, na consideração dêles, uma válvula de expansão pela qual se libertam os vícios recalcados por condições específicas de personalidades insuficientes tanto para o bem como para o mal.

O fato positivo, o fato incontestável é que as grandes campanhas lançadas no sentido de mobilizar as fôrças nobres ainda vivas no seio da Nação para uma obra afirmativa e construtiva das personalidades e da Pátria, não conseguem a adesão de um povo que se viciou à beira dos brejos, preferindo a água suja à água pura e límpida que escorre das

alturas das serras onde há oxigênio para os pulmões e amplitude de horizontes para os olhos da alma.

Todos os nossos movimentos políticos são de caráter negativista. Vota-se no sr. Getúlio Vargas, não para afirmá-lo, mas para negar o sr. Eurico Dutra. Em São Paulo, o povo votou para prefeito no sr. Jânio Quadros, não para afirmá-lo, mas para negar ao Govêrno Federal e ao Govêrno Estadual a moção de confiança. Aplaude-se a campanha do sr. Carlos de Lacerda, não para que ela sirva de pretexto para um movimento nacional de regeneração dos costumes, mas pelo simples prazer de castigar aquêles que ousaram atos cuja prática, no íntimo, muitos desejariam executar. E se algum homem público é acusado, justa ou injustamente nesta ou naquela ocasião, o libelo provem muitas vêzes do despeito, tornando-se um sádico prazer de destruir, sem nenhuma preocupação de construir.

Donde concluo que, se existem escândalos é porque a nossa sociedade degenerou; se os homens públicos são maus, a culpa principal cabe ao povo que os elegeu e que os elegerá novamente, rejeitando todo aquêle que falar a linguagem da verdade e da sinceridade. Ninguém planta uma árvore em terreno impróprio. Cada espécie requer o seu habitat. Por conseguinte, se produzimos tal flora é porque temos criado condições de solo e de clima propícias ao seu desenvolvimento

Os escândalos são apenas sintomas de uma enfermidade. O mal brasileiro é mais profundo. Deve ser atacado pela raiz. E é por isso que, nesta hora dolorosa da Nação, venho apelando para a Juventude da Pátria. A geração precedente está materializada, tornou-se apática e conformista. Estragaram-na.

Urge um movimento nacional construtivo, que

parta da mocidade, que é a última esperança do Brasil. Êsse movimento deve começar dentro de cada jovem, mediante uma revolução interior decidida. Temos de nos entregar ao ascetismo de uma atitude heróica. Atitude de renúncia, de sacrifício, atitude de mística grandeza. Criar um espírito de luta. Traçar um caminho seguro para Deus. Sobrenaturalizar todos os atos, tôdas as atividades sociais a fim de que os paladinos da grande cruzada não se apeguem ao que é material, contingente, efêmero, superficial.

O nosso povo ainda guarda reservas de honorabilidade e de idealismo. Essas fôrças estão adormecidas. Cumpre despertá-las.

Tiremos a Nação da beira do pântano onde as emanações pútridas a envenenam atacando-lhe os centros nervosos da mobilidade. Levemo-la para a montanha, para as altitudes onde o Homem se torna dominador de horizontes.

Essa a missão dos moços. Essa a mística salvadora do Brasil.

# V

# COMO EDUCAR UM POVO

NADA vale para a dignidade, a honra, a soberania, a independência, a grandeza e a glória de uma Pátria, serem seus filhos muito instruídos, mas inteiramente destituidos de capacidade moral. Não é pelo fato de possuir cientistas, literatos e artistas que uma Nação se ergue no esplendor da sua afirmação e da consciência do seu destino histórico. O que engrandece os povos e os torna livres da escravidão sob o domínio estrangeiro é o sentimento comum da dignidade nacional, que decorre do sentimento pessoal da dignidade inerente a cada membro da sociedade política de que faz parte e à qual damos o nome de Nação.

Êsse sentimento de dignidade origina-se da consciência da moralidade. Cumpre, entretanto, que a moralidade seja definida em têrmos claros, precisos e nítidos, que não admitam mais de uma interpretação.

* * *

Não há, não póde haver auto-didatismo em matéria de moral. As regras das ações derivam de princípios "certos" de moralidade, pois se decorressem de pressupostos incertos, seriam tão variáveis e tão numerosas, que levariam à anarquia intelectual, à desordem dos sentimentos e ao entrechoque das paixões armadas de sofisma. Aquêles princípios "certos" se transmitem de geração a geração. Procedem de raízes históricas. Não podem admitir reformas, nem retificações, nem substituições. Podemos compará-los ao que há de essencial na estrutu-

ra, na forma, na euritmía do corpo humano; pois se nêste as células se renovam, se nêste a estatura se desenvolve com a idade e com a mesma idade se deprime, jamais a personalidade deixa de ser a mesma e jamais se decompõe a imutável geometria das expressões fundamentais do sêr físico. Menino, adolescente, jovem, ou homem na plenitude da maturidade ou no crepusculo da senetude e finalmente da decrepitude, a pessôa é a mesma pessôa e as sucessivas fotografias dos albuns familiares nos revelam desde a criança ao velho, a sucessão de uma diversidade à qual não faltam os índices evidentes de uma unidade absoluta e de tal forma que olhando a fotografia do infante logo a reconhecemos como pertencente ao retrato do adulto. Essa permanência da unidade intrinseca através das manifestações extrinsecas do desenvolvimento corporeo constitue aquilo que é indestrutível no sêr: a sua personalidade. Ora, se assim é no que se refere à expressão material do Homem, ou seja, o seu corpo, muito mais o é no que concerne ao seu espírito. E, se a união social dos sêres humanos em comunidades políticas diferenciadas, històricamente, da totalidade dos povos, pressupõe uma origem e um destino comum dos sêres humanos que se agruparam, temos de concluir que tanto aquela origem como êste destino perderiam a significação, se as atitudes e atividades do grupo humano a que chamamos Pátria, não exprimissem um mínimo de identidade substancial inerente a cada membro da sociedade cívico-política e comum a todos.

*
* *

Se não podemos negar que a criança seja o adulto e que o adulto seja o velho, também não po-

demos negar que a Nação, séculos antes ou séculos depois, seja a mesma, se ela conservar através da sua história, aquela euritmia essencial da personalidade nacional. E quando uma Nação não mais apresenta aquelas características da sua identidade, podemos estar seguros de que a Nação desapareceu, sendo substituida no espaço geográfico, atualmente ocupado por "outros", cujas normas de ação se contradizem com a personalidade nacional anterior.

E assim morrem as Nações. E assim têm morrido no transcurso dos séculos. E quem folhear um dêsses atlas-históricos, que apresentam as cartas sucessivas dos Impérios, das Monarquias, das Repúblicas desaparecidas na voragem dos tempos, verificará que êsse desaparecimento foi precedido de uma distrofia moral, que levou à derrocada as estruturas da personalidade ético-política. Nem foi de outro modo, senão pela confluência dos deuses estrangeiros e pela proliferação das escolas filosóficas gregas, que o Império Romano entrou nas crises que precederam a sua morte; os últimos Cezares tentaram criar uma nova base de unidade no Cristianismo, porém as ondas subsequentes das heresias do III ao IV século e finalmente a desordem intelectual de Bizancio, facilitaram a invasão dos barbaros. E se avançarmos no tempo, iremos encontrar o mesmo fenômeno de dissolução moral precedendo o domínio dos árabes, no Império Visigotico.

* * *

Sôbre os escombros de uma Nação, constroem-se outras. Não importa que subsistam, individualmente, os tipos etcnicos da Nação desaparecida, mesclando-se ou isolando-se na nova sociedade po-

lítica; o facto incontestável é o desaparecimento da Nação que perdeu a sua personalidade por haver perdido o tipo social marcante da sua personalidade.

O fenômeno contemporâneo de povos como os da Europa Oriental ou o daquêle tão tradicional Império, como é o chinez cairem sob o domínio estrangeiro dissimulado pela implantação de um regimen que se inspira em idéias contrárias à tradicionalidade nacional, demonstra que tais povos já estavam mortos, já não existiam como grupo diferenciado, como personalidade moral e política distinta.

O fundamento, portanto, da personalidade nacional de um povo é constituido por um conceito de moralidade imutável. E quando um povo começa a perder o senso do Bem e do Mal; quando procura em novas fontes as normas para as suas ações; e quando, finalmente, em meio às entrechocantes doutrinas, opta pelo desprezo a tôdas, eis que êsse povo principia a morrer, lenta ou aceleradamente. Nem era por outro motivo que os Profetas de Israel clamavam, uns após outros, no intuito de impedir que a Nação aceitasse os ídolos estrangeiros ou praticasse os actos tidos como lícitos pelos povos convisinhos. O nosso Alberto Torres chama a atenção dos brasileiros para êsse fato, repetindo as palavras que ressoavam continuamente aos ouvidos de Israel: "Não terás outros deuses..."

*

* *

Educar um povo é repetir-lhe mil vêzes aquêles princípios "certos", aquêles princípios "imutáveis" que constituem a base da moralidade de uma Pátria. São êsses princípios que inspiram os atos humanos

na vida intelectual, na vida administrativa, na vida política. Fácil é ao educador (que devem ser não apenas os professores, mas todos os homens públicos, todos os que exercem magistério pela palavra ou pela pena) esclarecer o povo sôbre as normas de seus átos, se êsse educador se inspira na imutabilidade dos princípios geradores daquelas normas. Tais princípios encontrarão natural ressonância na alma de todo o povo que ainda não entrou totalmente na crise agônica precedente da morte histórica das Nações. Porque êsses princípios, no íntimo do sentimento popular, ainda vivo, harmonizam-se com a essencialidade animica de cada um dos componentes da comunidade política.

*

* *

Princípios "certos" hão de basear-se em terreno de certeza. Êsse terreno de certeza não póde ser a areia movediça das hipóteses científicas, das teorias que se revezam no cartaz da notoriedade, das doutrinas filosóficas constantemente servidas por um ecletismo que pretende ser original, compondo a sua trama com as misturas de conceitos, elocubrações, interpretações e sofismas apanhados no mercado universal das idéias, principalmente nessa feira de disparates que referve, desde o século XVII até nossos dias, reproduzindo em larga escala o pedantismo grêgo que deu por terra com o Império Romano.

Os princípios "certos" vêm de Deus. E se o bom senso da humildade (ao contrário da megalomania orgulhosa dos chamados sábios) recebe-os com a alegria dos que encontram o Caminho no meio da confusão, também o secreto raciocínio do nosso espírito desprendido dos interêsses passageiros do egoismo e das paixões delirantes, confere a sua autenticidade em face da própria intuição humana

que gerou, mesmo entre os pagãos da Antiguidade, o Direito Natural.

Já Farias Brito, em "A verdade como regra das ações", demonstra não ser possível traçar normas morais sem um conceito de verdade sôbre o Universo e o Homem. Ora, a verdade é uma só, e não uma variedade de verdades, porque se existissem duas verdades, nenhuma seria verdadeira.

* * *

A verdade verdadeira há de ter Deus por única fonte. Essa verdade é a própria vida do espírito e o espírito por sua vez, é a vida da personalidade. E assim como o corpo se acrescenta com o evolver dos anos e troca as suas células no curso do tempo, sem que perca o sentido da sua expressão e a estética da sua conformação, também o espírito póde enriquecer-se de conhecimentos científicos, póde alterar grande parte de suas atitudes em consequência do saber adquirido, mas não póde, de forma alguma, deixar de ser o que é em si mesmo, a menos que se escravise aos caprichos dos sentidos e até aos caprichos da inteligência degenerada pelo hábito dos sofismas com que a si mesma se ilude para justificar os vícios.

O criminoso é escravo do seu crime, o pecador impenitente é escravo do pecado, o homem imoral é escravo da sua imoralidade. Tôda libertação vem do espírito, pela predominância das verdades indestrutíveis, das verdades eternas, que exercem o seu império sôbre as tendências más da criatura humana.

Êsse pensamento deve ser o primeiro de todos para quem se abalança na empreza da educação de um povo.

# A INCLITA GERAÇÃO

A História do Brasil não começa com Pedro Alvares Cabral no ano de 1500. Tomar como ponto de partida o descobrimento da terra seria, da parte dos brasileiros, abrir mão de três séculos de História que pertencem, num glorioso condomínio, a duas Pátrias. Uma Nação é constituida pelo seu corpo material (território) e pela sua alma (a vida comum do grupo humano que lhe deu orígem e de onde procede a continuidade da existência).

Uma Nacionalidade póde subsistir sem território, mas não sobrevive sem a permanência da alma coletiva. O caso de Israel, vagueando no deserto, com tôdas as caracteristicas de um povo consciente de seu destino, é eloqüente e persuasivo. Saindo do Egito, foi na instabilidade de um nomadismo doloroso que a Nação se organisou, codificando a sua moral, ordenando sua vida jurídica, instituindo seus ritos religiosos, estabelecendo suas normas higienicas, preparando seu Exercito. Vinculando-se à Tradição, difiniu sua personalidade histórica. Só depois de existir sem território é que buscou a base geográfica onde assentasse o que já estava construido com as estruturas do pensamento oriundo das fôrças do Espírito.

A Pátria não é apenas o território. A sua idéia procede da intercomunicação entre o sentimento e a paisagem. E quando dêsse sentimento se originou a consciência de diferenciação do grupo humano no convívio dos demais povos, nêsse instante surge a Nação. Êsse é o processo comum da formação das Nacionalidades, pois o caso de Israel, sendo único, parece ter sido sucitado pela Providência para nos

mostrar que, numa Nação, o mais importante é o Espírito.

Essa a razão pela qual o estudo da História de Portugal, anterior a 1500, é fundamental para o conhecimento da personalidade nacional brasileira. Nem posso compreender que, para defender alguns quilometros de território (corpo da Pátria) mobilizemos tropas e derramemos nosso sangue, quando, ao mesmo tempo, renunciamos três séculos de História, deixando aos portuguêses tôdas as glórias que igualmente nos pertencem, a nós brasileiros, uma vêz que tanto o Brasil como Portugal são filhos legítimos daquela Lusitanidade em que esplenderam "as armas e os barões assinalados" de que nos fala Luís de Camões, sendo êste mesmo poeta um patrimônio em que temos parte.

Isto posto, é num período histórico que poderemos denominar "da preparação do processo formativo da Nacionalidade Brasileira" que irei buscar uma página das mais oportunas no atual momento de nossa vida de Povo.

*
* *

Ao contemplarmos o panorama prodigioso da Epopéa das Navegações que alvoreceram no século XV e prosseguiram no século XVI, somos levados a perguntar: como foi possível, a uma pequena população de um milhão de habitantes, apertada numa estreita faixa ocidental da península ibérica, lançar-se ao Atlântico, descobrir as ilhas do Mar-Oceano, contornar o continente da África, atingir o Mar das Índias, prosseguir até o Extremo Oriente, alcançar do lado ocidental as terras setentrionais do Novo Mundo, descobrir o Brasil, empreender a

sua colonização? Que sobreumanas fôrças atuaram sôbre êsse pequeno grupo humano, que ultrapassou avantajadamente as marchas de Alexandre e de Anibal, as áreas de domínio dos Romanos, as navegações dos gregos, dos fenícios e dos wikings?

Evidentemente, tão formidável esfôrço, que não se limitou a uma fase passageira, mas prosseguiu no curso do tempo, através de gerações que se sucederam, não podia ter sido obra de improviso. Foi necessário criar um espírito animador.

Mas, quando e como foi criado êsse espírito?

Com muita propriedade, o historiador e poeta português João de Castro Osório escreve: "Entre a elevação do Mestre de Avis ao trono de Portugal e a criação firme das bases do Império Marítimo com D. João II e D. Manuel I, está compreendido o período basilar da formação nacional". E, referindo-se à Éra Epica, ou Camoneana, acrescenta: "A direta orígem dêsse primeiro período de apogeu está no século anterior, ou seja na Época dos Descobrimentos. Foi nesta que um caráter nacional, que já afirmara a sua independência e diferenciação na Península, se foi recriando a si próprio, na ação e no pensamento, engrandecendo-se e subindo para um grande e duradouro destino. Na Época dos Descobrimentos, isto é, entre a maioridade dos filhos de D. João I e a subida ao trono do Rei D. João III, é que tudo quanto já era português se afirmou e veio à luz plena, e, na ação marítima como nas conquistas de além-mar, na poesia como nas obras de pensamento, reflexivo, na arte como na política, se criou uma verdadeira alma nacional".

Ai temos o "quando", mas precisamos indagar do "como". E a esta pergunta, poderemos responder, com firmeza, que o espírito animador dos novos tempos, que surgiram no século XV, foi despertado

por quatro Príncipes os quais por sua vez, despertaram as energias de uma nova geração. E isso demonstra o poder das elites esclarecidas na vida de um povo.

Êsses Principes, entretanto, deveriam, êles próprios, ter sido formados por alguém, para que se erigissem como autênticos valores humanos capazes de preparar uma Nação no sentido de seus superiores destinos.

Esse alguém foi uma mulher: D. Filipa de Lencastre, espôsa de D. João I, que incutiu no coração de seus quatro filhos varões o culto das virtudes cristãs, a consciência dos deveres e o amor às grandes façanhas e aventuras cavalheirescas.

*
* *

D. Filipa casou-se com o Mestre de Avis em 2 de fevereiro de 1387. Encontrou em Portugal, renacente dos tormentosos dias de D. Fernando e de D. Leonor Teles, uma atmosfera consoante ao seu espírito desabrochado em ambientes onde se cultivam os belos sonhos cavalheirescos.

Versada, por certo, nas letras medievais dos Trovadores e dos romances de cavalaria, a jovem rainha idealizara o tipo do homem perfeito segundo os modeles dos heróis por ela admirados pela bravura e talento militar. No país que tomara por Pátria, a donzela inglêsa veio a conhecer Alvares Pereira, o Condestável, e os jovens de sua companhia, que se revelaram nas guerras contra os espanhóis, dígnos emulos dos mais lidimos cruzadas.

Essa geração de Nuno Alvares, á qual pertencia o próprio D. João I, iniciativa uma reação contra os costumes amolentados do tempo de D. Fernando,

o Formoso, os quais culminaram pela decomposição moral da nobreza nos tempos de D. Leonor Teles, quando os prazeres da côrte se elevavam acima dos deveres para com o "serviço de Deus", que tinha sido no século anterior a preocupação suprema dos Reis e dos guerreiros.

É Camões quem, referindo-se a êsse período de transição da vida nacional, assinala-o nos "Lusiadas", dizendo:

"Depois de procelosa tempestade,
Noturna treva e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamente..."

A procelosa tempestade foram as derrotas inflingidas aos portuguêses pelos castelhanos; a desmoralização dos costumes que se generalizara; a morte do Rei sucedido por sua mulher D. Leonor, amasiada com o Conde Andeiro e infiel aos superiores interêsses da Nação; a revolta de Lisboa, com o assassinato do Conde; novas invasões do Reino, o que tudo termina com a aclamação, pelas Côrtes de Coimbra, do Mestre de Avis para suceder no trono o infortunado Fernando.

Realmente, após a "noturna treva", quando D. João I organisa o govêrno com Nuno Alvares Pereira, João das Regras, D. Lourenço, Arcebispo de Braga, Lourenço Esteves e outros, imbuidos das mesmas idéias renovadoras, tem-se a impressão de que um dia novo traz, com a "serena claridade, esperança de porto e salvamento".

*
* *

Além do seu contacto diréto com o Povo, através das corporações de mesteres e da Casa dos Vinte e

Quatro, cujo presidente é elevado à dignidade de uma magistratura, o que constitue um dos aspectos revolucionários do novo Estado, buscando novos valores sociais nas classes populares ainda imunes dos vícios da nobreza antiga, D. João I e sua mulher entendem que o melhor processo de ensino é o magistério do exemplo.

Referem os cronistas essa atitude do Rei e da Rainha, resumindo-a João Ameal com estas palavras: "Outra característica primacial da Corte de D. João I é a modificação dos costumes num sentido de firme austeridade. O exemplo vem de cima: da família real a que preside a virtuosa rainha D. Filipa de Lencastre, cujo lar é perfeito modelo de amorável e diciplinada harmonia. A seu lado, D. João manifesta raras qualidades de equilíbrio e de bom senso, unidas a uma devoção fervorosa: traduz as **Horas Marianas**, escreve as páginas admiráveis do **Livro de Monteria**, mostra-se expoente respeitado da melhor conduta moral. Ambos educam os filhos à sombra das altas noções da justiça, do serviço do bem comum e das responsabilidades severas que impendem sôbre os governantes. A ética da Realeza enriquece-se, ganha integral plenitude".

D. João I resumiu todo o seu programa numa alegaria: um camelo (por ser o animal que transporta maiores pesos) com quatro fardos em cada qual se lendo êstes dizeres: "temor de mal reger", "justiça com amor e temperança", "contentar corações desvairados" e "acabar grandes feitos com pouca riqueza". "O conjunto" — diz Ameal — "forma a sintese profunda do duro ofício do Rei..."

O casal houve quatro filhos varões: D. Fernando, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, os quais cresceram respirando nessa atmosfera de virtude e de idealismo.

É de se imaginar os serões noturnos no palácio real. A Rainha D. Filipa, na sua nobre cadeira, rodeia-se de suas saias e açafatas. Os quatro Principes sentam-se ao pé dela, em altas almofadas. E, à luz dos candieiros, é a própria Soberana quem lê para que todos ouçam. Entre a variada leitura, certamente não ha de faltar o Amadis de Gaula, já pelo que essa narrativa representou na romancistica da Cavalaria, já porque o entrecho concebido por João Pires de Lobeira, trovador da côrte de D. Diniz, no século XIII, tem agora seu continuador num decendente do poeta, o mui valoroso Vasco de Lobeira, que combateu ao lado de Nuno Alvares em Aljubarrota. Era, pois, uma novidade literária das mais interessantes por condizer com o espírito daquêles dias animados pelos exemplos do próprio D. João I.

Há nos romances de Cavalaria o culto de Deus, do Rei e da Dama eleita pelo coração do herói. Ao par da rude bravura dos que se lançavam nas batalhas, de escudo e lança, a esporear fogosos ginetes, havia a delicadeza das atitudes e gestos gentilíssimos com que os centauros das guerras e dos torneios homenageavam donas e donzelas, objetos de extremas deferencias e varonil proteção.

Tais pensamentos e sentimentos criadores dos grandes feitos iam-se incluindo no coração dos Principes. A adolecência desabrochava em devaneios, que tomavam a forma condizente com o temperamento e vocação de cada um.

Ao chegarem os três filhos mais velhos à idade em que deveriam ser armados cavaleiros, eis que apresentam ao Pai extranha petição. Preparava o Rei um belíssimo torneio, segundo os costumes medievais, onde os Principes tivessem ensejo, entre cavaleiros de tôda a Cristandade que acorreriam à

festa, de mostrar sua capacidade e técnica de guerra, mediante as quais se habilitariam para a vigilia d'armas e cerimonia ritual conforme as regras cavalheirescas. Os Principes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique requerem do Pai seja substituido o torneio por uma guerra, de fato, que fôsse vantajosa para o serviço de Deus e do Rei. E propuzeram a tomada de Ceuta.

Convoca D. João I um conselho de teólogos e letrados, ouve seus guerreiros, aquêles para que digam se a empreza será "serviço de Deus", êstes para que se pronunciem sôbre as possibilidades de êxito. Mas estando assente a procedência do pedido dos Principes, é entretanto D. Filipa quem dá a última palavra, aprovando o projeto, pois outra coisa não ensinara aos filhos senão o amor aos grandes feitos.

Uma semana antes da partida, uma grande dôr fere o coração do Rei e dos Principes: a Rainha, atacada de mal incurável, agonisa e morre. Foi um momento decisivo na vida dos rapazes. Vendo que iria deixar êste mundo, D. Filipa manda trazer numa salva de prata as espadas que deveriam cingir os dentro em breve cavaleiros. E, entregando-as, uma a uma, a cada um dos filhos, a cada qual dirige palavras cheias de conselhos e incitamentos à honra e à glória de bem servir aos nobres ideais. Era o extremo resumo de tôdas as lições ministradas nos suáves serões do Paço.

Os Principes juram cumprir quanto sua Mãe lhes prescrevia. E, uma semana depois de sepultada D. Filipa, a armada portuguêsa levanta ferros no Tejo.

E assim, com a conquista de Ceuta aos mouros, em território africano, foram os filhos de D. João I armados cavaleiros.

* *
*

Do que foram êsses Principes, fala o relato dos coevos.

D. Duarte sóbe ao trono pela morte do Pai. Foi Rei côncio de seus deveres. Do que aprendera de D. João e de D. Filipa é testemunho o livro que escreveu para educação de todos aquêles que exercem cargos de responsabilidade: o "Leal Conselheiro". Já nas páginas do "Livro da Ensinança da arte de bem cavalgar", expende êstes conceitos que são atuais em todos os tempos:

> "Do exemplo dos Senhores e dos Principais, como dito é, tôda casa ou reino filham grande exemplo em semelhante, e isso mesmo em o seguimento das virtudes, de que vejo ao presente, mercês a Deus, boa experiência. Que, por a muito bondade e virtude, que sempre viram em o mui virtuoso e de grandes virtudes, El-Rei, meu Senhor e Pai, e na mui virtuosa Rainha, minha Senhora e Mãe, os principais de sua casa e todos os outros do Reino, por graça que lhe foi outorgada, fizeram grão melhoramento em deixarem maus costumes e acrescentarem em virtudes".

O "Leal Conselheiro" traz, ao mesmo tempo, conceitos sôbre o que hoje chamamos Direito Internacional, na parte em que dá os fundamentos da guerra justa; sôbre Direito Público e Constitucional, quando delineia tôda a estrutura do Estado; de administração, quando se refere aos critérios econômicos de um bom govêrno; de teologia e de ética em muitas passagens; mas a constante, a nota que predomina, página a página, é a educativa, ou melhor a que visa criar homens novos, pois D. Duarte sabe

que nenhuma ordem social ou política pode dar bons frutos com a mentalidade utilitária e comodista que dominou nos últimos tempos de D. Fernando e D. Leonor Teles. Forjava-se, realmente, uma nova geração, aquela que deveria ser chamada "a inclita geração".

Em todos os tempos, entretanto, os "homens novos" encontram a resistência dos "homens velhos", não no sentido cronológico, mas no sentido dos máus costumes que não querem ser substituidos pelos bons. Quem se chocou com essa resistência foi o Principe D. Pedro.

Morrendo D. Duarte de peste, com 47 anos, deixou o primogenito com apenas 6. Por decisão das Côrtes, D. Pedro assume a Regência do Reino, mas para que não houvesse dúvidas sôbre sua lealdade, faz proclamar herdeiro daquela criança, D. Afonso, o seu irmão mais novo. A Rainha viuva foi logo cercada de ambiciosos, de intrigantes, do tipo dos muitos que houvera nos tempos da outra D. Leonor.

O drama que viveu D. Pedro foi dos mais cruciantes. Êle representava o que havia de bom, de honesto, de rigorosamente probo, na sua geração; os seus adversários, criando-lhe as maiores dificuldades e situações insuperáveis, representavam o que havia de máu, de desonesto, de desleal, remanecendo impenitentemente numa época em que todo o esfôrço dos Principes era forjar a nova Nacionalidade.

Os homens superiores são, na verdade, superiores em tudo. Aos próprios acontecimentos do seu tempo, ás próprias desventuras, à própria morte, ainda quando trágica, como a de D. Pedro, no desastroso equivoco, que foi o combate de Alfarrobeira. Pois o que dêle ficou não foram os altos cargos desempenhados, mas a sua cultura de homem viajadíssimo, benquisto em tôda a Europa, onde realizou

nas diferentes Côrtes o trabalho diplomático indispensável, é obra de seu irmão, o Infante Navegador; e, mais do que tudo, os seus trabalhos literários, entre os quais avulta a "Virtuosa Bemfeitoria".

Constitue êsse livro, por assim dizer, um complemento do "Leal Conselheiro" de seu irmão D. Duarte. Pois se nêste se acham delineados os deveres dos Reis, dos Principes, dos Grandes, os deveres recíprocos de Governantes e Governados, naquêle se desenvolve um claro pensamento sôbre as estruturas sociais, o mecanismo das relações humanas no sentido dos reciprocos benefícios de pessôa a pessôa, de pessôa à coletividade, da coletividade às pessôas. É a conciliação dos conceitos de Seneca, o filósofo, com os preceitos do Evangelho. Como seu irmão, não se esquece de falar dos deveres dos grandes para com os pequenos, dos Reis para com o Povo, como se vê no capítulo II de seu livro.

A "Virtuosa bemfeitoria" é compêndio que serve a todos os Governantes de todos os tempos e a todos aquêles a quem a Providência confiou altos cargos ou grandes haveres, os quais devem ser empregados em benefício dos demais.

*

* *

O mais novo dos irmãos, o Principe D. Fernando, avultou em santidade, que essa era a sua vocação, desde tenros anos, quando se entregava a tôda sorte de devoção e penitência. Em batalha ferida contra os Mouros, caiu prisioneiro diante de Tanger, sendo conduzido a Fez, onde ficou como penhor da praça de Ceuta cuja devolução era exigida pelos vencedores. Convocadas as Côrtes, decidem estas não restituir Ceuta aos Mouros, entendendo que a

praça conquistada em serviço de Deus valia bem a vida de Um Principe, mormente considerando-se que D. Fernando era homem de raras virtudes e resignação cristã, capaz de imolar-se pela Pátria e pela causa de Cristo. Por conseguinte, a menos que o seu resgate se fizesse por batalha ganha pelos portugueses aos sarracenos, a Nação preferia perder seu Principe a render-se entregando a praça conquistada.

Chegando essa notícia em Tanger, o Infante foi submetido aos maiores vexames e sofrimentos físicos. E, assim, consumiu-se lentamente, conforme descreve Duarte Nunes Leão, baseado nos cronistas da dinastia de Avis, que a êle se refere dizendo "como seu pai foi Principe assinalado em virtudes e sua mãe de grande perfeição e santidade, assim foi a criação dêste Infante, junto a sua boa natureza, que desde a sua tenra idade foi inclinado a todo o genero de virtude e que logo deu mostras de se criar nêle um grande santo".

Apedrejado, cuspido no rosto, ultrajado com palavras injuriosas, forçado a trabalhos pesados de escravo, metido numa cela onde dormia acorrentado sôbre pedras, dia a dia D. Fernando engrandecia-se aos olhos de Deus, pela humildade e paciência com que suportava tão duros tratos, que amenisava com as contínuas orações e contemplações; até que a inanição completa lhe facultou a palma do martírio, morrendo com belas palavras nos lábios.

Eram dessa estirpe os homens da "inclita geração".

E quando hoje folheamos o "Flos Sanctorum" de Frei Diogo do Rosário, onde entre os santos aparece o Infante com dolorosa biografia, verificamos que aquêles homens, criadores de um espírito nacional, só procuravam grandeza ou na ciência e nas

letras, ou no heroísmo das batalhas, ou no martírio por amor de Cristo.

*
* *

Mas é no Infante D. Henrique, o Navegador, que se polarizam todos os pensamentos, energias, fidelidade às tradições que vinham desde Afonso Henriques, idealismo superior, sonhos de glória e sentido de poesia de um Povo que renasce para entregar-se às prodigiosas aventuras no Oceano.

Tinha a castidade de D. Fernando, o humanismo de D. Pedro, o bom senso de D. Duarte, mas aos três se avantajava pela capacidade de visionar o Futuro e de abstrair das efemeridades da política, para se entregar, com sobreumana fé, ao lançamento das bases de uma obra cuja construção final estava certo de que não seria para seus olhos.

Se D. Pedro, seu irmão, chocou-se contra os contemporaneos, porque o seu alto padrão moral não era compreendido pelos homens habituados às podridões de uma política mesquinha, que deveria desaparecer, o Infante Navegador chocou-se também contra êsses contemporaneos porque o seu alto e esclarecido idealismo, baseado em conhecimentos científicos, não podia ser compreendido pela velha mentalidade.

O homem que vê o Futuro não convive com o Presente, antes integra-se no Passado. Só o Passado nos dá as coordenadas do Futuro e todo aquêle que vive exclusivamente o "atual", é incapaz de construir o "porvir".

O Infante D. Henrique estava convencido da missão da Nacionalidade, pois todos os Povos que se constituem em Nação, tendem a uma finalidade e essa finalidade procede das próprias origens de

sua formação. Ora, a Nação Portuguesa nascera com o objetivo de dilatar a Fé e o Império. Mal fundada a Monarquia, D. Afonso Henrique inicia a reconquista das terras ocupadas pelos mahometanos. Desce do Norte, toma Santarém e Lisbôa. Seus sucessores completam a sua obra. Mas o dinastia de Avis já não tem o que conquistar na península, porque os Mouros estão contidos no Sul da Espanha, a esta competindo a guerra a Granada. É preciso, portanto, para dilatar a Fé e o Império, passar a África.

Não basta, entretanto, lutar no setentrião do Continente Negro. Cumpre conhecer os mistérios do seu contôrno. Procurar o caminho marítimo das Indias, do oriente, de onde procediam as riquezas que fortaleciam o comércio dos árabes, essa arma subtil de que êles se serviam para subornar os centros comerciais da Cristandade. E, depois... O Infante era versado nas letras antigas, instruído na ciência da astronomia e nos mistérios da geografia e tais conhecimentos lhe incutiam no espírito idéias mais grandiosas. Era o devassamento do planeta, a Boa Nova de Cristo levada a terras desconhecidas, por descobrir. Falava nêle o temperamento, a vocação, o sentido, a aspiração universalistas, eucumenicos de uma Nação que adivinhava o seu destino histórico.

Como realizar, entretanto, os altos sonhos? De duas coisas carecia D. Henrique: uma mentalidade nova, capaz de o compreender; e dinheiro para poder realizar. A eterna harmonisação dos contrastes que no século XVII Cervantes iria simbolizar em D. Quixote e Sancho Pansa. Êsse contraste de que se servem, até aos dias de hoje, os que lutam por ideais elevantados, precisando de uma elite realizadora, mas não podendo precindir do auxílio burguês, o

qual nunca vem motivado por idéias nobres inaccessíveis à sua mentalidade argentaria, mas pelo interêsse que porventura a causa possa fortuitamente oferecer...

Para obter o primeiro elemento, o Infante faz de sua casa em Lisbôa uma verdadeira Academia. Convoca a mocidade. Só a mocidade pode compreendê-lo. Atrai professores estrangeiros, para instruí-la em ciência e técnica. E êle mesmo leciona. Não basta saber geografia, astronomia, matemática, arte de navegar; é preciso capacidade de sonho, amor à glória, moralidade perfeita, coragem sem limites. É um centro de cultura, a forjar os gigantes conquistadores do Oceano.

O segundo elemento busca-o D. Henrique ao assumir a direção da Ordem de Cristo, que substituira os Templarios em Portugal. A Ordem dos Templarios, começando por ser de Frades Guerreiros, terminara constituindo-se o monopólio comercial do Oriente. Espalhada por tôda a Europa, tornou-se depois verdadeira rede bancária, para transmissões de dinheiro e conversão de moeda. Os próprios reis eram dependentes dessa poderosa organisação financeira, que lhes emprestava dinheiro. A Ordem de Cristo, também de freires cavaleiros, trazia o instinto comercial dos cavaleiros do Templo.

"O plano do Infante D. Henrique" — escreve Costa Brochado — "é de uma grandeza surpreendente. Ninguém, em Portugal, acredita nas suas certezas e todos contrariam a política incipiente dos descobrimentos. O Estado, vencido pela opinião pública e carecido de recursos, não pode abalançar-se as aventuras que o Infante não cessa de defender. Só ha um processo, e D. Henrique vê-o claramente: despertar nos Cavaleiros de Cristo o sentido comercialista dos Templarios e transformar a Ordem na

sede dos seus arrojados empreendimentos". "O seu primeiro cuidado ao entrar no govêrno da Ordem, foi enriquece-la ainda mais, conseguindo-lhe privilégios econômicos cada vez maiores. Em certa altura, a vida do Infante e da Ordem interferem-se de tal forma que não é fácil distinguí-las. Tudo o que o Infante possui é da Ordem e os cofres dela estão ao seu dispôr".

E a Ordem enriqueceu fabulosamente. Seria longo enumerar as isenções, os privilégios, as concessões, as regalias que o Infante foi conseguindo para ela, no curso dos três reinados em que viveu tão arguto político. Sesmarias, coutos e granjas, comendas rendosas, senhorios e foros, direitos e concessões, a "mais rica religião militar que nunca houve", no dizer de Severim de Faria, tinha o rendimento de 250 mil cruzeiros e o senhoria de 21 vilas, além dos lucros das empreitadas que lhe eram exclusivas da construção de canais e moinhos, assim como das indústrias de tinturaria. Na verdade, Sancho está aparelhado para acompanhar D. Quixote... Mas assim como Sancho aspirava ao govêrno de uma ilha aquêles ascendentes da burguesia de hoje aspiravam o domínio do comércio oriental.

Com tais possibilidades materiais que visavam objetivos restritos, o Grande Sonhador retira-se, com a juventude que vinha preparando, para o promontório de Sagres. É o ninho das aguias do Oceano.

Visitei aquêle lugar misterioso. O promontório avança para o Atlântico abrindo sôbre as vagas um largo prato de pedra.

Ali, o Infante D. Henrique passava noites inteiras, até o romper da aurora, contemplando as estrêlas, estudando seus movimentos, meditando sôbre os segredos do Infinito e decifrando os enígmas das

Cartas Celestes que serviriam aos moços que mandaria cavalgar o mar nas grandes rotas inaugurais de Novos Tempos.

As primeirs naus abrem as velas e partem para o Desconhecido, como grandes pássaros audazes. Começa a epopéia que ultrapassará todos os episódios da Iliada, da Odisséia de Homero, da Eneida de Virgílio. Começa também a tragédia em que sucumbirão navios e marinheiros, dos quais nunca se teve mais notícia. Começa a conquista de novos territórios para o Reino de Cristo.

Alçam vôo as aguias do Oceano. São os jovens Zarco e Tristão Vaz, em busca de Guiné, atingindo a ilha da Madeira; é Gonçalo Velho, descobrindo os Açores; é Gil Eanes, dobrando o Cabo Bojador; é Antão Gonçalves, indo ao Rio do Ouro; é Nuno Tristão, ultrapassando o Cabo Branco; é Diniz Dias, passando o rio Senegal; é Perestrelo, é Garcia Homem, é Diogo Gil, é Lançarote, é Baldaia, é Diogo Afonso, é Diogo Gomes, é Gonçalo Pacheco, tôda uma geração que se levanta, iluminada pelo sonho, esclarecida pela ciência, adestrada pela técnica, sobretudo vivificada pelo Gênio que, no alto do promontório sagrado, opéra a miraculosa transformação do seu povo para que cumpra, entre os povos, a sua missão.

*

* *

Para uma Nacionalidade, como o Brasil, que nêstes meiados do século XX, encontra-se perplexa diante do enígma de seu destino; para um Povo, como o brasileiro, que se deixa corroer pela desilusão e abater-se pela tristeza, sentindo nas suas estruturas vitais a perniciosa influência do materialismo que domina o nosso tempo; para uma reduzidíssima

elite nacional que, em nossa Pátria, aflige-se e angustia-se contemplando a deterioração da sociedade, a predominância dos máus costumes, a perda do senso moral: essa página da História Portuguêsa, que é também a nossa, vale como uma sugestão à única providência que deveremos tomar para salvar-nos.

O que se fez, desde o alvorecer do reinado de D. João I, foi reconstruir o Homem que vinha sendo decomposto e aniquilado pela ausência do Espírito que vivifica os homens e as Nações.

De nada valem regimens, reformas constitucionais, medidas legais, planejamentos econômicos, financeiros, administrativos, se não puzermos, na base de tudo, as energias puras da Pátria representadas pelo Homem Novo.

Mas o Homem autenticamente novo ha de ser livre de todos os vícios que envelheceram os velhos e os tornaram incapazes.

Se, portanto, levantarmos a Mocidade, como fez o Infante D. Henrique, poderemos iniciar o Grande Poema da Grande Pátria.

E um dia se poderá dizer desta hora tristíssima que passa e da hora jubilosa que virá, as palavras da estrofe camoneana:

Depois de procelosa tempestade,
noturna treva e sibilante vento
traz a manhã serena claridade,
esperança de porto e salvamento...

# APENDICE

*NOTA À PÁGINA 24: — "A Marcha", de 7-8-53, publicou, ao lado de resposta de Plínio Salgado a "Uma brasileira", o seguinte:*

*"Carta a Plínio Salgado — Doloroso testemunho de uma mãe brasileira — Problemas sociais e morais de que depende a sobrevivência da Pátria — A resposta ao apêlo de uma nobre mulher cristã".*

Entre a volumosa correspondência dirigida a êste jornal, de todos os pontos do país, na qual se revela a angustia de nossos patrícios em face do panorama de decadência moral que nos oferece a sociedade contemporanea, chegou uma carta dirigida a Plínio Salgado, cujos artigos em nossas colunas vêm abalando os corações de quantos ainda guardam, no índimo do espírito, aquelas fôrças vitais que constituem a legitima esperança de salvação da nossa Pátria.

É uma carta que traz, como assinatura, apenas, estas palavras: "DE UMA BRASILEIRA". Em estilo límpido e expressivo, expõe uma situação dolorosa e aflita e, nas frases finais sugere uma idéia de grande alcance, a qual poderá ser o começo da ressurreição nacional.

Em seu artigo Plínio Salgado respondeu a essa carta e dirigiu uma proclamação às mulheres do Brasil, no sentido de se pôr em prática a sugestão da distinta senhora que lhe dirigiu a impressionante e tocante missiva.

Com a devida licença do destinatário, publicamos abaixo a carta a que nos referimos, a qual está concebida nos seguintes têrmos:

"Sr. Plínio Salgado

Tenho acompanhado tôda sua obra de educação e levantamento moral do povo da nossa terra. A sua vida de apóstolo do bem tem sido compreendida por poucos, deturpada por muitos e incompreendida pela maioria.

Tinha que ser assim. Quem se levanta em nome da fé e por amor à Cruz de Cristo numa época de degradação e negação de tudo que é caro à alma cristã, terá que receber, como prêmio dos homens, o pêso das injustiças, das calúnias e da incompreensão.

A sua persistência no caminho da verdade é a prova do seu valor como homem público e da sua predestinação para a maior obra educacional, cívica e moral do povo brasileiro.

Tenho acompanhado a sua obra tantas vêzes interrompida e tantas vêzes recomeçada com o mesmo entusiasmo e vigor.

Parece que dia a dia menor se torna o éco das suas pregações por falta de ressonância na alma nacional. É tão doloroso sentir isto, que só a fôrça da fé nos dá alento para não cairmos no ceticismo negativo dos vencidos sem reação.

Não tenho capacidade para apresentar ao senhor, tudo aquilo que sinto diante do espetáculo da vida moderna. O meu mundo interior, fruto da observação diária do mundo exterior, é cheio de sobressaltos e tristezas.

Assisto atônita e aflita a derrocada completa de tudo que recebemos dos nossos antepassados como sendo a razão da nossa existência humana e de uma vida digna — o temor a Deus, o respeito à tradição, o apêgo à família, a prática do bem, o amor à Pátria.

Sinto que caminhamos para o fim de tudo isto e sofro

e penso o que será a vida do meu filho, criado no culto da verdade e ouvindo os ensinamentos que ouvi, diante de um mundo ainda mais agnóstico e pervertido do que êsse que eu assisto o caminhar vertiginoso para a derrocada.

Sofro, vendo meu filho que em casa recebe o exemplo de um homem de bem que é seu pai, que vive, graças a Deus, num ambiente de respeito e amor, que ouve os ensinamentos de amor aos seus semelhantes, de respeito a tudo que nos é caro, de abnegação e devotamento à Pátria, encontrar, quando entrar na vida como cidadão, um mundo que não poderá compreender e uma sociedade que não saberá reconhecer como aquela para a qual foi educado e preparado.

Que será do meu filho?

Como educá-lo para não sofrer a crise moral dos inadaptados diante de um mundo estranho a seus sentimentos e à sua formação?

Mostrar-lhe a perversão, os vícios de uma sociedade corrupta, o desamor a Deus e à Pátria, o desrespeito à família e à honra?

Despertar no seu espírito em formação a desilusão de ver fora do lar a negação de tudo que lhe é ministrado?

Incutir no seu espírito, despertando para a vida, a luta contra todo aquêle que não agir, não pensar e não sentir como êle?

Tudo isto vive no meu mundo interior e sinto ansias de lutar por uma renovação que venha restaurar o caráter, a honra, o respeito, a dignidade e a fé.

Lembrei-me então de lhe expôr êsses meus sobressaltos e dizer que milhares e milhares de mães nêsse Brasil sentem e sofrem como eu.

O meu apêlo é o apêlo mudo de tôdas as mulheres que nas horas de meditação procuram vislumbrar o caminho a seguir para garantir aos filhos um mundo melhor.

Com o seu poder de argumentação, com o seu valor de intelectual e grande tribuno, com sua capacidade de pre-

gação, inicie a campanha pela recuperação do valor da mulher, conquistando o seu apôio na luta pela salvação da família e da Pátria.

Inicie, a pregação, despertando a mulher para a luta contra o mal; fale, estimule aquelas que já sentiram a necessidade da luta e não sabem como lutar; acorde com seu grito de alarme as que estão embotadas pelo clima de comodismo e indiferença; sacuda com sua palavra enérgica as que não ouvirem seu grito. Fale muito, só o senhor poderá ainda conseguir alguma coisa.

É a mulher, a chave da formação moral dos homens.

Fale às mulheres, já que os homens, na luta da competição, na voragem dos sentimentos inferiores, na degradação dos costumes, não ouvem e não querem ouvir a palavra do bem.

A mulher, mesmo aquela que já se contaminou com o micróbio materialista da vida moderna, é mais accessível que o homem, que se julga, principalmente quando no êrro, o detentor de uma personalidade intangível.

Tenho acompanhado os seus artigos n'A MARCHA e fiquei pensando numa campanha de salvação da família, se procurarmos salvar a mulher da onda de vícios que também a está arrastando para o caminho da deformação moral.

Milhares e milhares de mulheres, nêsse Brasil, que um dia vestiram uma camisa verde, lhe acompanharão nessa jornada, e a sua pregação ecoará, ressoará com mais fôrça nêsses corações e depois tão intensa será essa vibração que o éco da sua voz ficará repetindo os seus ensinamentos até acordar a alma feminina para a maior obra que lhe estará reservada: a salvação da Família e da Pátria.

Não é possível só se ter capacidade de sofrer e não se ter a de reagir e construir.

Dê um crédito de confiança às mulheres do Brasil.

Que Deus o proteja e o inspire nessa campanha.

*De uma brasileira*".

*NOTA À PÁGINA 27: — Foi com êsse pensamento, de elevar o espírito da Juventude Brasileira para com ela criar os valores permanentes da História que facultam aos povos a glória da sobrevivência, que redigi o seguinte*

## "CÓDIGO DE ÉTICA DO ESTUDANTE"

I — Faze da tua crênça em Deus e nos destinos sobrenaturais do Homem a luz que te guiará no meio da confusão dos desorientados e da corrupção dos costumes.

II — Toma o Brasil que herdaste dos teus maiores e transmite-o engrandecido e mais belo à geração que te suceder.

III — Imita os heróis da tua Pátria, cultúa as tradições da tua gente, confia nas imensas possibilidades do teu povo, fala-lhe transmitindo-lhe o fogo do teu ideal; e, falando ou escrevendo, estudando ou agindo, crê no futuro do Brasil.

IV — Sustenta o princípio da Família e honra a teus pais. A Família, primeiro grupo natural, é o próprio fundamento da Pátria, e o bom filho será forçosamente bom patriota e saberá um dia constituir o seu lar com dignidade cristã e sentimento de responsabilidade histórica.

V — Sê honesto em tudo o que pensares, disseres ou fizeres. Reflete antes de dares a tua palavra e, se a empenhares, cumpre-a, ainda que isso te custe o maior sacrifício. Evita, pois, prometer o impossível e considera desonroso prometer e não cumprir.

VI — És estudante e deves estudar: és moço e podes divertir-te; lembra-te, entretanto, de que és também brasileiro e deves uma parte do teu tempo aos interêsses da tua Pátria.

VII — Honra o diploma que um dia conquistares, mas não o coloques acima do teu saber.

VIII — Não permitas que o profissional elimine o Homem que vive em ti.

IX — Nos exames e concursos, nas emprêsas que empreenderes e nas funções que desempenhares, se não puderes ser o primeiro, procura ao menos ser um dos primeiros.

X — Jamais coloques as conveniências da tua carreira política, profissional ou social, acima da tua trajetória moral e espiritual, em que o vulgo talvez não te perceba, mas em que te elevarás aos olhos de Deus, engrandecendo-te ainda perante a Posterioridade.

XI — Lembra-te sempre de que a verdadeira grandeza está na virtude e não no êxito dos negócios ou de carreira, porque os bens do mundo são inconstantes e podes perdê-los, ao passo que os bens acumulados em ti mesmo à custa de aperfeiçoar-te no saber e na dignidade, nenhuma fôrça conseguirá destruí-los.

XII — Nunca julgues o valôr dos homens pelo poder ou pelas honrarias que desfrutam; julga-o, antes, pelo teôr do caráter, que se revela na coerência das atitudes, na humilde simplicidade ao colher o lucro da vitória e na calma viril ao sofrer o pêso da derrota.

XIII — A altitude de uma montanha só se avalia do alto de outra montanha; eleva-te, portanto, moralmente, e só assim poderás ter noção exata da grandeza ou da mesquinhez dos homens do teu tempo.

XIV — Não te impressiones com a riqueza dos ricos e o brilho dos que esplendem em altos postos; impressiona-te, sim, com a sabedoria dos sábios, o heroísmo dos heróis e a santidade dos santos.

XV — Combate tôdas as normas ditas do direito, originadas pela imposição da fôrça; cultua a verdadeira justiça, que se funda na razão e se inspira nos valores espirituais. Contribuirás, assim, pelo predomínio do moral sôbre o material, para que reine a verdadeira paz entre as pessoas e as nacionalidades.

XVI — Prefere a minoria esclarecida à maioria inconsciente e cega pelas paixões e interêsses transitórios.

XVII — Habitua-te a consultar o mais íntimo da tua consciência, a fim de que te não iludas por alguma voz que te engana falando em lugar dela, nas horas em que te deixas levar pelas paixões ou pelo desejo de desempenhar um bonito papel cortejando a fácil popularidade.

XVIII — Não sejas como os ignaros, que se guiam pelos títulos de jornais escandalosos e dão crédito, sem nenhum exame, ao que está em letra de fôrma.

XIX — Ensina o povo a raciocinar; é êsse o meio de o libertar dos tiranos, dos aventureiros, e mistificadores.

XX — Evita a demagogia balôfa, o palavreado sonoro e vasio, a literatura banal, os tropos oratórios sem conteúdo; fala quando tiveres o que dizer e dize-o com sinceridade, porque a fôrça do discurso está na convicção do orador.

XXI — Arranca a juventude da disponibilidade, da inércia da diferença que a aviltam; faze-te apóstolo, dissemina entusiasmo, mobiliza os da tua idade para a obra fascinante da construção nacional.

XXII — Estuda os problemas nacionais, tendo em vista que não existem problemas isolados, pois todos se conjugam e devem ser resolvidos em largo plano de realizações.

XXIII — Entre um lugar no govêrno e um lugar honroso na História, prefere êste, do qual ninguém poderá remover-te nem demitir-te, nem aposentar-te.

XXIV — Sê um homem de pensamento, mas um homem de ação. O pensamento para transformar-se em ação precisa primeiro, transformar-se em sentimento. Idéia que não é sentida é idéia morta. A ação é fórma objetiva de idéias vivas, oriundas de realidades e criadoras de novas realidades. Cultiva o ideal, mas sê realista.

XXV — Procura conhecer a fundo a profissão que abraçares; faze dela um instrumento da tua cooperação na obra da felicidade humana e da prosperidade da Pátria.

XXVI — Não abdiques nunca a tua personalidade,

para vestir a libré de áulico ou beijar as mãos que distribuem emprêgos ou bons negócios em troca da alma dos beneficiados.

XXVII — Combate o burguês que está dentro de ti. A burguesia não é uma classe, é um estado de espírito. É o conformismo, o comodismo, o interêsse vulgar, o prazer mesquinho, a incapacidade de ideal, a demissão dos devêres, a submissão ao cotidiano, o fatalismo inerme, a indiferença criminosa, o abandono à rotina, o egoísmo cêgo, a ostentação ridícula, a descrença e a incapacidade de ação. Liberta-te dêsse mal do século; será o primeiro passo para a libertação de tua Pátria e da própria Humanidade hoje oprimida pelos seus próprios vícios.

XXVIII — Não te consumas em elocubrações estéreis e dúvidas doentias alimentadas por ti mesmo. Entre os negativos e os dubitativos, sê afirmativo.

XXIX — Primeiro, convence-te; depois, convencerás aos outros.

XXX — Não te faças escravo do último livro que lêres.

XXXI — Sê brasileiro; não é difícil; basta que sejas o que és e não o que os estrangeiros e os snobs, os internacionais e os cosmopolitas querem que sejas.

XXXII — Pergunta diàriamente à tua consciência: que fiz hoje para enriquecer a minha inteligência, para aprimorar as minhas virtudes, para beneficiar os meus semelhantes, para servir a minha Pátria e para agradar a Deus?

XXXIII — Estuda a História do Brasil, não como um espectador, mas sim como um participante dos acontecimentos por ela revelados; no momento em que a estudas, constitues uma continuidade da narrativa heróica: és a derradeira palavra do Passado e a primeira palavra do Futuro.

XXXIV — Aprimora-te na arte de bem falar e bem escrever a tua língua; um povo que perde a tradição da palavra, acaba perdendo tôdas as tradições, porque o idioma vernáculo é o veículo da História e o instrumento intelectual da sustentação da personalidade de uma Pátria.

XXXV — Festeja com alegria a ressurreição de um jovem que estava morto e apodrecia no sepulcro da indiferença, do desânimo, da dúvida, ou da sensibilidade, porque nêsse momento o Brasil tornou-se mais forte.

XXXVI — Procura, primeiro, compreender, para depois te fazeres compreendido; se assim não procederes, em vez de atrair, irritas e longe de conquistar um amigo, arranjarás um inimigo.

XXXVII — Sê cavalheiro na palavra que dizes e no tom em que a proferes; isso não impede de sustentares as tuas convicções e terás mais facilidades em transmití-las.

XXXVIII — Não afirmes em detrimento de outrem senão aquilo que tiveres como certo e, assim mesmo, quando isso for necessário para evitar maior mal. Combate a desgraça nacional da calúnia, da injúria e da maledicência, evitando conversas ociosas a respeito de pessôas. Eleva o nível das tuas conversações e imprime aos teus debates uma impecável linha de elegância.

XXXIX — Confessa o teu êrro se te surpreendes errado; não sofismes por vaidade ou mal compreendido amôr próprio, afim de não passares por desonesto ou pouco inteligente.

XL — Se és incapaz de sonhar, nesceste velho; se o teu sonho te impete de agir segundo as realidades, nasceste inútil; se, porém, sabes transformar sonhos em realidades e tocar as realidades que encontras com a luz do teu sonho, então serás grande na tua Pátria e a tua Pátria será grande em tí.

**"Código de Ética do Jornalista":**

I — Não escrevas sem conheceres o assunto de que tratas.

II — Faze do jornal um órgão ativo de educação e criação; e jamais um órgão passivo, escravisado às massas.

III — Respeita o teu leitor; êle confia na tua informação; sê verdadeiro e justo.

IV — O século 19 foi o século do jornal disponível, a praça pública onde se erguiam as vozes de tôdas as opiniões; mas êste século cheio de angustias, é o século do jornal doutrinário, porque o povo quer se orientar.

V — Uma grande manchete escandalosa pode render mais alguns níqueis no balcão, mas pode custar o prêço da dignidade de um jornal.

VI — Pensa três dias antes de publicares um ataque pessoal; ao fim de três dias, mesmo quando êsse ataque fôr considerado justo, substitue, se puderes, êsse artigo por uma página doutrinária.

VII — Risca do teu dicionário tôda palavra caluniosa, injuriosa, imoral, grosseira; é uma questão de higiene e de decência, de nobreza e de estética.

VIII — Eleva-te; verás melhor e todos te verão melhor.

IX — Quando tratares de fatos concretos, pergunta-te: — tenho provas?

X — Sempre que tratares de uma questão técnico-especializada, em que não sejas profundo, não te entregues ao critério de um único especialista; muitos jornais honestos adquiriram injusta fama de venalidade porque seus diretores não tiveram essa precaução.

XI — Cuidado com os amigos, mais do que com os inimigos; êstes já os conheces, mas aquêles podem, até mesmo de bôa fé, servir a interêsses desconhecidos ou inconfessáveis.

*NOTA À PÁGINA 53 — Já em 1935, pensando na missão educadora e construtiva da imprensa, compus o seguinte:*

XII — Defende e prestigia a tua classe; sê solidário com os teus colegas; e ao teu próprio adversário, se êle é digno, rende-lhe as homenagens nos limites da tua dignidade socorrendo-o nos momentos que se tornar necessário o teu concurso.

XIII — Não disfarces com a neutralidade da matéria paga qualquer publicação que contrarie a orientação do teu jornal.

XIV — Lembra-te de que o teu jornal tem ingresso nas casas das famílias brasileiras, evita tudo que puder ofender a dignidade de olhos e ouvidos cristãos.

XV — Não acredites que a mentira possa prestar serviços à tua causa; a verdade pode não conseguir as primeiras vitórias, porém, a última sempre lhe pertence.

XVI — É uma injúria ao povo e um grande êrro dizer que um jornal precisa descer de nível para que o público o compreenda; crê nas poderosas intuições do povo e estimula nêle a consciência do seu valor, em vez de deprimí-la.

XVII — Evita a exploração do sensacionalismo; além de constituir um comércio da desgraça alheia é um incentivo pernicioso aos espíritos fracos.

XVIII — Realiza a independência financeira do teu jornal; a imoralidade da redação procede sempre da penúria da gerência.

XIX — Defende a liberdade da imprensa, mas não confundas liberdade com o direito de calúnia, de injúria, de mentira e de venalidade.

XX — Escreve como se escrevesses com o teu próprio sangue, à luz de tua própria alma.

XXI — Quando te sentares à tua mesa, para escrever aos teus concidadãos, lembra-te que tôda a tua dignidade profissional decorre de estares em função dos superiores interêsses nacionais.

# ÍNDICE

Impresso nas Of. GRÁFICAS DE FOLHA CARIOCA

dos deveres não pode haver garantia dos direitos. Como possuirmos estadistas, homens públicos penetrados pelo espírito do Bem Comum, administradores honestos e técnicos verdadeiramente úteis, se não lhes dermos um sentido superior de vida, capaz de criar, no íntimo de cada um, a capacidade de sacrifício e de heroísmo, sem a qual não se constroem as Nações?

RECONSTRUÇÃO DO HOMEM, agitando questões tão interessantes, recomenda-se aos pais, aos professores, aos brasileiros que sentirem, nas horas de nossas angustias nacionais, a sua coparticipação nas responsabilidades pela crise moral que nos assoberba.

Com êsse volume, Plinio Salgado, incançável no seu trabalho apostolar, presta mais um serviço à Nação Brasileira e a nossa casa editora sente-se feliz em lançar, no prosseguimento de seus esfôrços, mais uma obra devida à pena de um homem que tem dedicado tôda a sua vida ao Bem do Brasil.

**LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA S/A**

Rua 1.º de Março, 147 - 2.º andar
RIO DE JANEIRO

[illegible]